




25

Santo Agostinho

# DE MAGISTRO

Tradução anotada e comentada de  
*Antonio A. Minghetti*

 editora fi



Os fundamentos de teoria do conhecimento de Agostinho aparecem em *De Magistro* como um tratado pedagógico, na forma de colóquio pelo qual o pai Aurélio Agostinho, aclara a seu filho

Adeodato que, somente no mundo divino poderia existir a perfeição do ser e a luz do verdadeiro conhecimento. Último diálogo filosófico de Agostinho, redigido após a morte prematura do filho, que então contava com dezesseis anos, mostra a dependência recíproca da palavra e do pensamento, ao tratar da questão da linguagem na comunicação entre os homens, contudo, conceitua principalmente aspectos pedagógicos ligados a linguagem do pensamento interior.

*Antonio A. Minghetti* é doutorando em Filosofia pela PUC - RS; Mestre em Teorias, História e Crítica da Tradução pela UFSC - SC; Mestrando Interdisciplinar em Saúde Coletiva, Tecnologia e Educação pela UNIFOA - RJ; Especializado em Educação pela UNIPLAC - SC; Bacharel em Música Erudita pela FASC - SP; Bacharel em Filosofia pela UNISUL - SC; Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais - Meridianum da UFSC e, do Grupo de Estudos em Teologia, Filosofia e Religião da PUC RS; Professor colaborador do INEP.

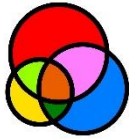
**Φ** editora fi  
www.editorafi.org



**DE MAGISTRO**

## **Comitê Científico da Série Filosofia e Interdisciplinaridade:**

- **Agnaldo Cuoco Portugal**, UNB, Brasil
- **Alexandre Franco Sá**, Universidade de Coimbra, Portugal
- **Christian Iber**, Alemanha
- **Claudio Goncalves de Almeida**, PUCRS, Brasil
- **Cleide Calgato**, UCS, Brasil
- **Danilo Marcondes Souza Filho**, PUCRJ, Brasil
- **Danilo Vaz C. R. M. Costa**, UNICAP/PE, Brasil
- **Delamar José Volpato Dutra**, UFSC, Brasil
- **Draiton Gonzaga de Souza**, PUCRS, Brasil
- **Eduardo Luft**, PUCRS, Brasil
- **Ernildo Jacob Stein**, PUCRS, Brasil
- **Felipe de Matos Muller**, PUCRS, Brasil
- **Jean-Fraçois Kervégan**, Université Paris I, França
- **João F. Hobuss**, UFPEL, Brasil
- **José Pinheiro Pertille**, UFRGS, Brasil
- **Karl Heinz Efken**, UNICAP/PE, Brasil
- **Konrad Utz**, UFC, Brasil
- **Lauro Valentim Stoll Nardi**, UFRGS, Brasil
- **Marcia Andrea Bühning**, PUCRS, Brasil
- **Michael Quante**, Westfälische Wilhelms-Universität, Alemanha
- **Migule Giusti**, PUC Lima, Peru
- **Norman Roland Madarasz**, PUCRS, Brasil
- **Nythamar H. F. de Oliveira Jr.**, PUCRS, Brasil
- **Reynner Franco**, Universidade de Salamanca, Espanha
- **Ricardo Timm De Souza**, PUCRS, Brasil
- **Robert Bandom**, University of Pittsburgh, EUA
- **Roberto Hofmeister Pich**, PUCRS, Brasil
- **Tarcílio Giotta**, UNIOESTE, Brasil
- **Thadeu Weber**, PUCRS, Brasil



Série  
Filosofia & Interdisciplinaridade

25

SANCTI AVRELII AVGVSTINI  
EPISCOPI HIPPONENSIS

**DE MAGISTRO**

TEXTVS ANNVS 3 8 9

LIBER VNVS

*Tradução anotada e comentada de  
Antonio A. Minghetti*

Porto Alegre  
2015

|  $\Phi$  editora fi

Direção editorial: Agemir Bavaresco  
Diagramação: Lucas Fontella Margoni  
Tradução: Antonio A. Minghetti  
Imagem de capa: Escultura de Aures Nedi



Todos os livros publicados pela  
Editora Fi estão sob os direitos da  
Creative Commons 3.0  
<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/>

Série Filosofia e Interdisciplinaridade - 25

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430.

De Magistro [recurso eletrônico] / Santo Agostinho; [tradução,  
organização, introdução e notas Antonio A. Minghetti]-- Porto Alegre,  
RS: Editora Fi, 2015.  
150 p.

ISBN - 978-85-66923-61-2

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia medieval. 2. Linguagem. 3. Signos 4. Verdade. 5. Razão .  
I. Título. II. Série.

---

CDD-180

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia antiga, medieval e oriental 180

# Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>7</b>
<i>Prof. Dr. Urbano Zilles</i>	
<b>Comentos do tradutor.....</b>	<b>9</b>
<b>De Magistro .....</b>	<b>27</b>
I - Conceção agostiniana de linguagem.....	27
II – Teoria agostiniana dos Signos.....	37
III – Primeira proposição - O procedimento de comunicação.....	43
IV – Natureza e Reciprocidade dos Signos .....	50
V – Relações entre o signo e as palavras.....	63
VI - Partes da oração - nomes e vocábulos .....	80
VII – Reflexão de Adeodato.....	84
VIII – Análise dos significados e a função da linguagem.....	91
IX - Valores das coisas significadas pelos signos.....	104
X - Segunda proposição - O conhecimento e a linguagem ...	113
XI - Função pedagógica da linguagem .....	125
XII - Razão e Verdade interior.....	130
XIII – Os signos que na mente possuímos .....	135
XIV – Crítica aos professores.....	140
<b>Epílogo .....</b>	<b>145</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>148</b>





# Apresentação

Sinto-me honrado pelo convite de apresentar ao leitor brasileiro a tradução do *De Magistro* de Santo Agostinho feita pelo Prof. Antonio A. Minghetti. Traduzir um texto é passar de uma língua para outra o poder expressivo desse texto. Esta é, sem dúvida, uma tarefa difícil, pois exige ciência e arte. Por isso, compreende-se que a tradução perfeita é, muitas vezes, impossível pelas dificuldades que surgem ao nível morfológico, sintático e rítmico.

Diz o ditado que toda tradução é também traição. Quem já leu outras traduções do diálogo de Santo Agostinho com seu filho Adeodato sobre a linguagem, ao ler esta será surpreendido por novas nuances no pensamento que ela exhibe.

O tradutor dispõe de qualidades literárias, profundidade de concepção, conhecimento linguístico e recursos técnicos, sem impor ao texto que traduz sua própria maneira de ser. Vale a pena uma leitura atenta desse texto clássico por parte dos estudiosos, pois esta tradução “apresenta uma proposta distintiva a partir de uma análise crítica, filológica e hermenêutica, ao considerar especificidades culturais, históricas e ideológicas”.

*Prof. Dr. Urbano Zilles*



# Comentarios do tradutor

A tradução anotada e comentada de Aurélio Agostinho - *De Magistro* do ano de 389, que aqui exibo é, na verdade, uma releitura barroquiana, da tradução que levei a cabo na dissertação que apresentei em 2009, ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução

O *corpus* de análise pertence a B I B L I O T H E C A A V G V S T A N A - Biblioteca virtual da *Fachhochschule Augsburg – University of Applied Sciences*, conhecida por *The Residence of the Gods*, um acervo de alta credibilidade, que contém obras em latim, grego, alemão, inglês, francês, italiano, espanhol, polonês, russo e iídiche; mantida pelo Prof. Ulrich Harsch, trabalho pelo qual recebe respeitáveis referências no meio acadêmico internacional (HARSCH, 2007).

Os fundamentos de teoria do conhecimento de Agostinho aparecem em *De Magistro* como um tratado pedagógico, na forma de colóquio pelo qual o pai Aurélio Agostinho, aclara a seu filho Adeodato que, somente no mundo divino poderia existir a perfeição do ser e a luz do verdadeiro conhecimento.

Último diálogo filosófico de Agostinho, redigido após a morte prematura do filho, que então contava com dezesseis anos, mostra a dependência recíproca da palavra e do pensamento, ao tratar da questão da linguagem na comunicação entre os homens, contudo, conceitua principalmente aspectos pedagógicos ligados a linguagem do pensamento interior. Sobre a obra, em uma conversa com o amigo Alípio, expressou:

Juntamos a nós o menino Adeodato, filho carnal de meu pecado. Aquele que muito bem me transformou. Com quase quinze anos e grande talento estava adiante de muitos homens idosos e doutos(...) Existe um livro nosso que se intitula *De Magistro*, onde ele dialoga comigo. Sabeis que todas as apreciações que ali se inserem, são atribuídas ao meu interlocutor, quando contava com dezesseis anos. Nele observei coisas ainda mais prodigiosas...<sup>1</sup> (m.t.) (*in* CONFESSIO<sup>VM</sup> Liber XIII – IX 6.14).

No diálogo, o pai, professor de retórica durante a juventude, enceta uma análise ampla que envolve a linguagem e o signo, o significado dos signos, as palavras como signos e, os objetivos da linguagem, todos evidenciados na gramática e na semântica. Para tanto, o retor parte do inferior para o superior, do exterior para o interior e, nesta interioridade antevê o encontro com o verdadeiro Mestre, o único a ensinar a verdade das coisas; foco este determinante na definição do nome da obra, retirado da Sagrada Escritura: [...] *vós não vos façais chamar mestre, porque um só é vosso Mestre, e vós sois todos irmãos*<sup>2</sup> (Mt 23.10).

Agostinho, no diálogo, partiu de um argumento retirado do *Mito de Er*, o qual serve a Platão para explanar sua *Teoria da Reminiscência*, que pressupõe um saber inato, do qual o conhecer se dá no rememorar; a conhecida *anamnese platônica* (PLATÃO *in* Diálogos LIVRO X, 1971).

Agostinho concorda parcialmente com a reminiscência platônica ao admitir que as verdades não sejam transmitidas, mas memorizadas.

---

<sup>1</sup> Adiunximus etiam nobis puerum Adeodatum ex me natum carnaliter de peccato meo. Tu bene feceras eum. Annorum erat ferme quindecim et ingenio praeveniebat multos graves et doctos viros. Est liber noster, qui inscribitur de Magistro: ipse ibi mecum loquitur. Tu scis illius esse sensa omnia, quae inseruntur ibi ex persona conlocutoris mei, cum esset in annis sedecim. Multa eius alia mirabiliora expertus sum.

<sup>2</sup> [...] nec vocemini magistri quia magister vester unus est Christus.

Quando a própria memória perde alguma coisa, como acontece quando esquecemos e procuramos lembrar, onde é que a procuramos, a não ser na própria memória? Se esta apresenta uma coisa por outra a rejeitamos até que nos ocorra o que buscávamos. E quando isto ocorre, dizemos: É isto! Que não diríamos se não a conhecêssemos, e nem a reconheceríamos se dela não nos lembrasse<sup>3</sup> (*in* CONFESSIO/V Liber XIII – X.19.28).

A ideia de recordar do verbo latino *recordari* está ligada a anamnese, lembrar de algo que já se sabia, o que leva a considerar o *rememorar* como evocar algo desconhecido à consciência e que estava armazenado no recôndito da alma; portanto, ensinar é fazer aprender, e aprender não seria mais do que rememorar.

Agostinho, porém, só admite a reminiscência associada à ideia de iluminação, por isso eterna e universal. Assim, afirma que os sentidos só possam comunicar verdades absolutas. Errados seriam os juízos interpretados pela razão a partir de meras percepções.

Agostinho via o sentido interior, como um juiz:

Assim dizemos que todo aquele dotado de sensação é melhor do que aquilo que o faz sentir, o que talvez nos levasse a conceder também que todo ser dotado de inteligência seria melhor do que o objeto de sua intelecção, o que seria falso. Com efeito, o homem compreende o que é sapiência e, contudo, não é

---

<sup>3</sup> Quid? Cum ipsa memoria perdit aliquid, sicut fit, cum obliviscimur et quaerimus, ut recordemur, ubi tandem quaerimus nisi in ipsa memoria? Et ibi si aliud pro alio forte offeratur, respuimus, donec illud occurrat quod quaerimus. Et cum occurrit, dicimus: "Hoc est"; quod non diceremus, nisi agnosceremus, nec agnosceremus, nisi meminissemus.

---

superior a ela<sup>4</sup> (*in* DE LIBERO ARBITRIO Liber V.12).

Agostinho tinha como iluminação as revelações de verdades inteligíveis, eternas e universais. Agostinho acrescenta que o aprender se dá no descobrir em si próprio as verdades eternas e imutáveis, num influxo imanente de Deus sobre a inteligência, desta forma, reifica a teoria platônica e deriva sua natureza para uma episteme-teológica-filosófica, que serviu de base para sua *Teoria da Iluminação Divina*. Sobre seus objetivos com a obra, relatou:

No mesmo período escrevi um livro intitulado *De Magistro*. Nele se discute e se indaga a si mesmo, e se descobre que o Mestre que ensina todo o conhecimento ao homem não é outro a não ser Deus, segundo o que está escrito no Evangelho: *Seu único Mestre é Cristo*.<sup>5</sup> (*in* RETRACTATIONVM Liber I.12).

*De Magistro*, obra do latim tardio (200 a 500), pós época clássica, reflete o período em que a língua passou por miscigenações das mais diversas, em face da expansão do domínio romano, com o escambo cultural entre povos vencidos e vencedores. Há ainda, que considerar em sua tradução, uma acrescência cultural determinante: a vida de Agostinho e do filho deu-se em um mundo repleto de signos e significados, no qual as palavras não se encontravam apenas na conjuntura de um dicionário, mas circunscritas a um contexto

---

<sup>4</sup> [...] Si enim dixeris, quia ille istum sentit, non te credo inventurum regulam qua fidere possimus, omne sentiens melius esse quam id quod ab eo sentitur, ne fortassis ex hoc etiam cogamur dicere, omne intellegens melius esse quam id quod ab eo intellegitur. Hoc enim falsum est; quia homo intellegit sapientiam, et non est melior quam ipsa sapientia.

<sup>5</sup> Per idem tempus scripsi librum cuius est titulus: De magistro, in quo disputatur et quaeritur et invenitur, magistrum non esse qui docet hominem scientiam nisi Deum, secundum illud etiam quod in Evangelio scriptum est: Unus est Magister vester Christus.

sócio-político em permanente estado de convulsão, dado vivenciarem exatamente a era derradeira do império romano.

Influências das mais diversas guiaram Agostinho a um movimento pendular, conforme descreve Peterson: *passou de uma vida mundana para a monástica, do maniqueísmo ao ceticismo acadêmico, de antigo e notável professor de retórica a escritor e Pai da Igreja cristã latina no ano de 386* (1981, pp. 59-64).

A eloquência do retor Agostinho, como admitiu, há de ser creditada à grande influência nele exercida por Cícero (106 - 43 a.C.):

Entre estes eu, ainda fraco de espírito me instruí em livros de eloquência, nos quais desejava sobressair-me, com a intenção condenável e vã de saborear a vaidade humana, segundo o uso disposto cheguei de algum modo ao livro de Cícero, cuja linguagem digna de admiração transporta à sede do coração e da alma. Todavia, aquele livro chamado Hortênsio continha em si uma exortação ao estudo da filosofia. Ele na verdade mudou minhas afeições e encaminhou-me para Vós, Senhor, e transformou minhas preces em promessas e por outro lado fez meus desejos serem outros<sup>6</sup> (*in CONFESSIO/V M Liber III - 4.7*).

Cícero, na verdade, representou um primeiro momento da nova vida de Agostinho, mas outros o seguiram, como Ambrósio de Milão (340-397), ministrante de seu batismo, neoplatônico, estudioso da gramática, da retórica, da literatura greco-romana e do direito; considerado um dos quatro máximos doutores da Igreja cristã:

---

<sup>6</sup> Inter hos ego imbecilla tunc aetate discebam libros eloquentiae, in qua eminere cupiebam fine damnabili et ventoso per gaudia vanitatis humanae, et usitato iam discendi ordine perveneram in librum cuiusdam Ciceronis, cuius linguam fere omnes mirantur, pectus non ita. Sed liber ille ipsius exhortationem continet ad philosophiam et vocatur *Hortensius*. Ille vero liber mutavit affectum meum et ad te ipsum, Domine, mutavit preces meas et vota ac desideria mea fecit alia.

E, ao vir a Milão para ver o Bispo Ambrósio, notório em todos os cantos da terra por seus excepcionais predicados e vosso mui respeitoso servidor, cujo vigor de sua eloquência diligentemente alimentava a ti [...] zelosamente o ouvia quando pregava ao povo, não com a intenção de obrigação, mas para explorar a sua facilidade em falar e ver se correspondia a notoriedade; conforme assentava a sua fama; se realmente era uma sumidade ou se seria indigno da reputação em oratória que lhe predicavam [...] deleitava-me com a suavidade do sermão, tanto quanto com a sua erudição, muito maior que a de Fausto<sup>7</sup> (*in* CONFESSIO<sup>M</sup> Liber V - XIII.23).

Agostinho, a partir dos ensinamentos da Sagrada Escritura recebidos de Ambrósio, pôde vivenciar o sentido da transcendência cristã:

[...] frequentemente ouvia Ambrosio dirigir-se ao povo em copiosos sermões; [...] A letra mata, por outro lado o espírito vivifica [...] removido o véu místico do que foi dito e me agravou, a espiritualidade se desvela, dado que se porventura não se falasse, a verdade até agora fosse ignorada<sup>8</sup> (*in* CONFESSIO<sup>M</sup> Liber VI - IV.6).

A influência neoplatônica, segundo Costa (2002), deu-se pelas traduções latinas de Victorino (285–362); entres outras, a *Ysagoge* de Porfírio, as *Categorias* de Aristóteles e as *Enéadas* de

---

<sup>7</sup> [...] et ueni Mediolanium ad Ambrosium episcopum, in optimis notum orbi terrae, pium cultorem tuum, cuius tunc eloquia strenue ministrabant adipem frumenti tui [...] studiose audebam disputantem in populo, non intentione, qua debui, sed quasi explorans eius facundiam, utrum conueniret famae suae, an maior minorue proflueret, quam praedicabatur [...] et delectabar sermonis suauitate, quamquam eruditioris, minus tamen hilarescentis atque mulcentis, quam Fausti erat.

<sup>8</sup> [...] saepe in popularibus sermonibus suis dicentem Ambrosium laetus audiebam: Littera occidit, spiritus autem uiuificat, cum ea [...] remoto mystico uelamento spiritaliter aperiret, non dicens quod me offenderet, quamuis ea diceret, quae utrum uera essent adhuc ignorarem.



Plotino. Desta última, Agostinho inferiu a relação entre Deus e o *Verbum*:

[...] nelas li não com estas mesmas palavras, mas provado com muitos e numerosos argumentos, que no princípio era o *Verbum* e o *Verbum* estava em Deus e Deus era o *Verbum*: no princípio este existia em Deus; todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada seria criado; o que foi feito, nele é a vida, e a vida era a luz dos homens; a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam; a alma do homem, ainda que testemunhe a Luz, não é, porém, a própria Luz, mas o *Verbum* próprio de Deus, que é a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo<sup>9</sup> (*in* CONFESSIONVM Liber XII – IX.13).

A Victorino<sup>10</sup>, Agostinho nutria profunda admiração e a ele se referiu:

[...] aquele em alto grau e doutíssimo ancião, exímio em todas as ciências liberais, leitor que tantas obras filosóficas que ajuizou e ensinou tantos senadores egrégios e que pelo seu insigne e notável magistério, merecera ter acolhida sua escultura no foro romano, a

---

<sup>9</sup> [...] et ibi legi non quidem his uerbis, sed hoc idem omnino multis et multiplicibus suaderi rationibus, quod in principio erat uerbum et uerbum erat apud deum et deus erat uerbum: hoc erat in principio apud deum; omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil; quod factum est, in eo uita est, et uita erat lux hominum; et lux in tenebris lucet, et tenebrae eam non comprehenderunt; et quia hominis anima, quamuis testimonium perhibeat de lumine, non est tamen ipsa lumen, sed uerbum, deus ipse, est lumen uerum, quod inluminat omnem hominem uenientem in hunc mundum.

<sup>10</sup> O filósofo Caius Marius Victorino foi responsável pela tradução para o latim de diversas obras gregas. Converteu-se ao cristianismo, tornando-se um exemplo de pensador e cristão.

---

honraria que os cidadãos deste mundo têm por mais excelsa<sup>11</sup> (*in* CONFESSIO<sup>N</sup>VM Liber VIII – II.3).

Agostinho registra a influência neoplatônica a que se submeteu quando a retrata de um diálogo que manteve com Simpliciano:

Ao consultar a Simpliciano, instituidor do Bispo Ambrósio na concessão da graça, que em verdade o amava como a um pai, narrei-lhe o período do meu erro. E quando, lhe disse que lera os livros platônicos vertidos para o latim por Victorino – outrora retor em Roma, e de quem eu ouvira dizer ter morrido cristão – ele deu-me os parabéns por não pender aos escritos de outros filósofos, cheios de falácias e enganos [...] nestes, de todos os modos encontramos Deus e sua palavra<sup>12</sup> (*in* CONFESSIO<sup>N</sup>VM Liber VIII – II.3).

Entrementes à leitura da Sagrada Escritura sob a tutela de Ambrósio, acrescida de livros platônicos e, o contato com a filosofia de Plotino, superou o ceticismo; posição filosófica que afirmava a impossibilidade do conhecimento e do juízo de valor como conclusão, conforme testemunhou: *Por outro lado li alguns livros de Plotino, a quem estimo com justiça por ser muito diligente, e confrontava quando podia, o valor de tais considerações, com aquelas*

---

<sup>11</sup> [...] quemadmodum ille doctissimus senex, et omnium liberalium doctrinarum peritissimus, quique philosophorum tam multa legerat et diiudicauerat, doctor tot nobilium senatorum, qui etiam ob insigne praeclari magisterii, quod ciues huius mundi eximium putant, statuum Romano foro meruerat et acceperat [...]

<sup>12</sup> Perrexi ergo ad Simplicianum, patrem in accipienda gratia tunc episcopi Ambrosii, et quem uere ut patrem diligebat. Narraui ei circuitus erroris mei. Ubi autem commemorauit legisse me quosdam libros Platoniorum, quos Victorinus, quondam rhetor urbis Romae, quem Christianum defunctum esse audieram, in Latinam linguam transtulisset, gratulatus est mihi, quod non in aliorum philosophorum scripta incidissem, plena fallaciarum et deceptionum [...] in istis autem omnibus modis insinuari deum et eius uerbum [...]

*autoridades que nos transmitem os divinos mistérios*<sup>13</sup> (in DE BEATA VITA Liber I - 1. 4).

Agostinho, no entanto, tinha reservas à teoria de Plotino, principalmente a respeito do dogma da encarnação e ressurreição de Cristo, que para ele era, ao mesmo tempo, homem e Deus, o Verbo seria criador de si e seu filho Cristo, nada mais seria que o verbo encarnado, a fala de Deus feita homem:

Da mesma forma li nesse lugar que o Verbum de Deus não nasceu da carne, nem de sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus. Porém, que o Verbum tenha se feito homem e habitado entre nós, lá isso não li<sup>14</sup> (in CONFESSIO/M Liber XII – IX.14).

As *Enéadas*, principalmente, levaram Agostinho a entender o princípio da substância una e imaterial, contraditória à concepção material e dual presente no emanatismo maniqueísta. Por elas, teve noção da precariedade de seu racionalismo e pôde perceber o erro em que incidia o maniqueísmo ao impor materialidade à existência de Deus. A idéia de substância espiritual presente no homem, até então desconhecida de Agostinho, apresentava um novo juízo à afirmação: *O homem foi criado por Vós a vossa imagem*<sup>15</sup> (in CONFESSIO/M Liber VI – III.4).

Tal constatação levou-o a combater o maniqueísmo em inúmeras obras posteriores: *De Utilitate credendi ad Honoratum liber unus*; *Contra Epistolam Manichaei quam vocant Fundamenti liber unus*; *Contra Adimantum Manichaei discipulum liber unus*; *Contra Faustum Manichaeum libri triginta tres*; *Contra Felicem Manichaeum*

<sup>13</sup> Lectis autem Plotini paucissimis libris, cuius te esse studiosissimum accepi, collataque cum eis, quantum potui, etiam illorum auctoritate qui divina mysteria tradiderunt [...]

<sup>14</sup> Item legi ibi, quia uerbum, deus, non ex carne, non ex sanguine, neque ex uoluntate uiri, neque ex uoluntate carnis, sed ex deo natus est; sed quia uerbum caro factus est et habitauit in nobis, non ibi legi.

<sup>15</sup> [...] tamen fecisti hominem ad imaginem tuam...

---

*libri duo; Contra Secundinum Manichaeum liber unus; De Natura Boni contra Manichaeos liber unus; De Duabus Animabus contra Manichaeos liber unus; Acta seu disputatio contra Fortunatum Manichaeum, liber unus.*

Esta distinção ficou patente no incidente que teve com o Bispo maniqueu:

[...] Hipona era uma cidade de 40.000 habitantes, constituída por uma maioria pagã e maniqueus. Existia apenas uma igreja católica e pequeno número de fiéis. O bispo maniqueu, era um tal de Fortunato, pregador eficaz e cheio de ardor. Agostinho desafiou-o para um debate público, que se realizou em frente de numerosa multidão, durou dois dias. Fortunato foi literalmente esmagado pelo ímpeto oratório do rival. Descendo do púlpito debaixo das vaias e chufas dos espectadores; o infeliz foi obrigado a fugir de Hipona. (MONTANELLI e GERVASO, 1967, p. 167)

Tão quão se deu a influência do pensamento aristotélico, com a leitura das *Categorias* traduzidas por Victorino, porém de forma débil, por Agostinho não acessar a totalidade das obras de Aristóteles e pela impossibilidade de ler a obra no original, pois não dominava o grego, o que lhe proporcionou um estudo muito mais pragmático, em que a formalidade lógica foi restringida à aplicação do raciocínio a coisas quantificáveis, conforme assumiu:

E o que a mim se adiantava, quando contava aproximadamente com vinte anos, quando em minhas mãos vieram certa *Aristotelica*, aquelas que chamavam de dez categorias – [...] pareciam-me falar claramente da substância: como o homem; do que nele existia enquanto um esboço de homem, tais como; a estatura, quantos pés mede; ou seu parentesco, de quem é irmão; onde se encontra; se está calçado ou então armado; ou se faz alguma coisa ou padece de algo; e tudo o mais que se encontra nesses nove gêneros que aqui exemplifiquei, graças àquilo que possuem, como

---

reconhecidos e enumerados na própria substância do gênero<sup>16</sup> (*in CONFESSIO NVM Liber IV – XVI.28*).

A tradução desta obra, à época, apresentou um caráter insólito, posto seguisse uma lógica particular. As *Categorias* foram aplicadas ao raciocínio e levaram Agostinho a pensar em formas organizadas de raciocinar: substância, qualidade, relação, quantidade, lugar, tempo. Elas se prestaram à organização do raciocínio agostiniano a refletir as percepções proporcionadas pela matéria.

A influência da academia, em Agostinho, derivou do período pós-socrático, séc. IV a.C. e, se tornou conhecida pela visão platônica e cética que admitia a impossibilidade do conhecimento a obter das coisas naturais, pois que este estava envolto em erros da percepção.

A *academia platônica*, depois de Platão, perdeu seu caráter metafísico, mas continuou existindo como uma escola de céticos, então os acadêmicos. Conhecida inicialmente como *academia antiga*, teve em Arcesilao de Pitane no séc. III a.C., seu digno representante do ceticismo contra o dogmatismo dos estoicos. Arcesilao, ante o impasse em alcançar a certeza dado a falta de evidências, admitiu a razoabilidade como possibilidade de verdade e estabeleceu uma nova visão ao ceticismo probabilista, originando a *academia nova*, ou dos neo-acadêmicos.

Agostinho mostrou que o probabilismo dos acadêmicos evocara feroz crítica àquilo que defendiam, sobretudo do estoicismo; levado a escrever um tratado contra

---

<sup>16</sup> Et quid mihi proderat, quod annos natus ferme uiginti, cum in manus meas uenissent Aristotelica quaedam, quas appellunt decem categorias [...] et satis aperte mihi uidebantur loquentes de substantiis, sicuti est homo, et quae in illis essent, sicuti est figura hominis, qualis sit, et statura, quot pedum sit, aut cognatio, cuius frater sit, aut ubi sit constitutus aut quando natus, aut stet an sedeat, aut calciatus uel armatus sit, aut aliquid faciat aut patiat aliquid, et quaecumque in his nouem generibus, quorum exempli gratia quaedam possui, uel in ipso substantiae genere innumerabilia reperiuntur.

os acadêmicos, mais precisamente contra os platonizantes, posto considerasse não serem platonistas, assim, declarou que a academia nova ao se afastar do platonismo, tornara-se limitada pelo ceticismo ortodoxo:

[...] àqueles puros e lúcidos em filosofia platônica, apartados e elevados às nuvens do erro, avançados em Plotino, filósofo platônico julgado tão semelhante a Platão, que se diria terem vividos em um mesmo tempo, tal a crer-se nele ter revivido<sup>17</sup> (*in* CONTRA ACADEMICOS Liber **XVIII** - 41).

A influência dos estóicos em Agostinho foi fundante ao possibilitar-lhe inferir os postulados semióticos assentidos em *De Magistro*, como escopo de sua teoria da linguagem. Quando o Império Romano anexou a Grécia ao seu território, pôde contatar, estudos gramaticais do Estoicismo<sup>18</sup>, escola fundada por Zenão de Cítia, no Século IV a.C., que cultivava uma teoria que estudava a natureza da linguagem e de seus signos, mais tarde revivida pelos gramáticos romanos.

Todas as influências aqui esclarecidas levaram Peterson a concluir que Agostinho, ao propor uma Verdade inteligível e eterna, tenha atingido o cerne da consciência humana em seus mistérios, ao enveredar pelo neoplatonismo cristão, que influenciou e, ainda hoje, influencia todo o pensamento teológico e filosófico ocidental:

Foi este homem que, mais do que qualquer outro, influenciou o pensamento da Igreja do período, ajudando a formular sua filosofia e teologia para o presente e o futuro. Na Cristandade latina, o nome de Agostinho sobressai como o maior, tanto do ponto de

---

<sup>17</sup> [...] os illud Platonis quod in philosophia purgatissimum est et lucidissimum, dimotis nubibus erroris emicuit, maxime in Plotino, qui platonicus philosophus ita eius similis iudicatus est, ut simul eos vixisse, tantum autem interest temporis ut in hoc ille revixisse putandus sit.

<sup>18</sup> Escola filosófica que pregava um ideal de austera virtude definido pela atarexia e resumido na máxima: *Abstém-se e suporta*. (JOLIVET, 1975, p.85)

vista teológico, quanto no sentido literário, nome que dominou o pensamento ocidental até o Século XIII e que jamais perderá seu brilho. Era figura riquíssima no sentido intelectual e prolífica em produção de livros, a maior parte deles em estilo latino, inspirados em problemas específicos que preocupavam a Igreja da época (1981, p. 62).

Agostinho foi muito mais um cristão a utilizar idéias neoplatônicas, quando convinhavam ao teocentrismo cristão que propriamente um defensor do neoplatonismo. Isto ficou patente quando, ao tratar da interioridade exposta em *Soliloquiorum*, seu *alter-ego* o questiona: *Mas deixe de lado e responde a isto: Supondo que seja verdade o que de Deus disseram Platão e Plotino, a ti seria suficiente aquela ciência divina?*<sup>19</sup> (in SOLILOQUIORVM Liber I – 4.9).

A pedagogia de Agostinho permuta a *percepção* física e pragmática, pela apreensão senciente. A primeira imperfeita e mutável que advém das percepções ordenadas por necessidades imediatistas; a segunda, perfeita, derivada do conhecimento das essências imutáveis, que não se apresenta diretamente, mas, que pela inteligibilidade, pode ser encontrada pelos sentidos, na transcendência ao invisível que se sobrepõe ao visível. Expõe seus argumentos em forma metafórica, como procedeu no entendimento de sciência a partir da metáfora da navegação, explorada principalmente em *De Beata Vita*, comparando os sentidos a um barco que levasse os homens ao encontro da sapiência:

Até este ponto os sentidos têm me servido como barcos. Pois quando me transportaram até o ponto que almejava, ali os deixei. Assim assentado em terra firme, comecei a analisá-los com o pensamento, o que abalou

---

<sup>19</sup> Sed quid ad nos? Nunc illud responde: si ea quae de Deo dixerunt Plato et Plotinus vera sunt, satisne tibi est ita Deum scire, ut illi sciebant?

---

meus fundamentos por muito tempo<sup>20</sup> (*in SOLILOQUIORUM Liber I.4.9*).

A metáfora da navegação pressupõe não somente a busca do lugar a que se quer chegar, mas também o caminho, que, por sua vez, se constitui de etapas planejadas, ou seja, o caminho é o próprio *método*.<sup>21</sup> Agostinho entende que não deveríamos dizer isto é *branco*, mas sim *compreendo que isto é branco*:

Ainda que me engane se afirmar algo pelos sentidos, os sentidos enquanto em si não se mostram de pequeno valor a persuasão, não se constituem em engano. Certamente compreendo que de nenhum modo o Acadêmico refutará aquele que diz: Por isso, compreendo que a mim parece branco; por isso entendo que minha compreensão foi seduzida; por isso compreendo que me agrada aquilo que é evidente e não pode ser negado; por isso compreendo que me agrada conhecer [...]<sup>22</sup> (*in CONTRA ACADEMICOS Liber III.11.26*).

A realidade intrincada da vida vivida por Agostinho levou Hannah Arendt (2000), em sua tese de doutoramento, que versou sobre a *experiência do amor* na obra de Agostinho, a escrever que não considerar as transformações que aqui menciono na análise de sua obra, seria uma irresponsabilidade.

Assumir a tradução de *De Magistro* significou pesquisar um fenômeno de comunicação humana, considerado um marco na filosofia da linguagem. A obra problematiza a questão

---

<sup>20</sup> Imo sensus in hoc negotio quasi navim sum expertus. Nam cum ipsi me ad locum quo tendebam pervexerint, ubi eos dimisi, et iam velut in solo positus coepi cogitatione ista volvere, diu mihi vestigia titubarunt.

<sup>21</sup> Método tem sua origem etimológica pela junção dos elementos gregos *metá*, que significa através de, por meio de, e *hodós* que significa caminho.

<sup>22</sup> Ego tamen fallor, si assentiar, ait quispiam. Noli plus assentiri, quam ut ita tibi apparere persuadeas; et nulla deceptio est. Non enim video, quomodo refellat Academicus eum qui dicit: Hoc mihi candidum videri scio; hoc auditum meum delectari scio; hoc mihi iucunde olere scio; hoc mihi sapere dulciter scio.



da linguagem ao refletir sobre os objetivos e a utilidade da fala. Num primeiro momento toma a linguagem a partir da dimensão humana; para num segundo, referir a linguagem interior, que ligada ao pensamento precede à verbalização, e investe numa concepção semiótica, que explora os signos linguísticos que servem à *fé* e se instituem pela razão iluminada. Tal especificidade articula esta pesquisa, principalmente, a pressupostos hermenêuticos estudados pelos teóricos da tradução, Steiner e Schleiermacher e com os filósofos que discutem a tradução, Ricoeur, Ladrière e Ortega y Gasset.

Certamente, não se pode mensurar a magnitude do conhecimento do professor Agostinho apenas por esta obra, que versa com o filho sobre postulados de base. A interpenetração conceitual em *De Magistro* está intimamente ligada à vida integral de Agostinho, que na tradução, para evitar a incompletude do sentido, requisitou a análise intertextual com obras correlatas deste autor; as que a precederam e as que lhe sucederam, disponibilizadas entre um vasto acervo com mais de 400 sermões, 270 tratados teológicos, 9 diálogos filosóficos e 150 livros.

O fenômeno da intertextualidade exigiu um acentuado, mas necessário incremento de citações, interrelacionados com textos do *corpus* de tradução, às quais considerei corpus oriundos da fonte de *De Magistro*, que traduzi no corpo da dissertação, enquanto os textos originais foram alocados em notas de rodapé. Os intertextos derivam das obras: *Soliloquiorum* LIBRI II (386); *Contra Academicos* LIBRI III (386); *De Beata Vita Liber I* (386); *De Dialectica Liber I* (387); *De Quantitate Animae Liber I* (388); *De Vera Religione Liber I* (389 – 391); *De Libero Arbitrio* LIBRI III (388 – 395); *Doctrina Christiana* LIBRI IV (396 – 397); *Confessionum* LIBRI XIII (397 – 401); *De Trinitate* LIBRI XV (399 – 419); *De Civitate Dei* LIBRI XXII (413 – 426); *Retractationum* LIBRI II (428) e, *De Ordine* LIBRI II (386).

Conexões intertextuais com a Sagrada Escritura, igualmente se fizeram necessárias, a que ponderei o mesmo

critério. Não obstante a fraterna querela entre Augustini e Hieronimus, como indica Francisco Moreno (1992), no que envolvia as traduções do texto hebraico e grego, dado Augustini dominar predominantemente a língua latina, considere que seus estudos bíblicos fundamentaram-se na Vulgata, conforme admitiu: “Por isso, que a nossa fraqueza não nos permitia encontrar a Verdade com a ajuda da razão pura e, deste modo, nós tínhamos a necessidade da autoridade da Sagrada Escritura”<sup>23</sup> (m.t.) (*in* CONFESSIØNVM Liber VI.8).

Hieronymus, preocupado com a excessiva liberdade de interpretação existente à época, afirmou:

[...] é tarefa árdua traduzir de maneira tal que se reproduza plenamente o pensamento e se salve, simultaneamente, a nobreza da expressão, porque cada língua apresenta peculiaridades lexicais e estruturais próprias: a tradução demasiadamente literal dá a impressão de mesquinhez, a interpretativa peca por excessiva liberdade relativamente ao texto original. (*in* FURLAN, 1984, p. 164)

O texto da Vulgata, quando necessário, ocupa as notas de rodapé, enquanto o corpo da dissertação recebe o texto em português com tradução dos originais, mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous – Bélgica, efetuada pelo Centro Bíblico Católico de São Paulo. No prólogo desta edição encontramos:

A autoridade da Vulgata em matéria de doutrina não impede, antes, nos nossos dias quase exige que a mesma doutrina se prove e confirme também com os textos originais, e que se recorra aos mesmos textos para encontrar e explicar cada vez melhor o verdadeiro sentido da Sagrada Escritura (PAPA PIO XII *in* *Encíclica Divino Afflante Spiritu*, 1943).

---

<sup>23</sup> [...] ideoque cum essemus infirmi ad inveniendam liquida ratione veritatem et ob hoc novis opus esset auctoritate sanctarum Litterarum.

Há de se considerar que linguagem e pensamento em Agostinho estão tão íntima e reciprocamente ligados, que ao se referir a uma, estamos, necessariamente nos referindo ao outro. Isto posto, igualmente, a busca hermenêutica do sentido de minha tradução de *De Magistro* considerou as recomendações de Arendt, entendendo o implícito no indizível de Agostinho. Assim, a tradução que empreendi, destarte, apresenta uma proposta distintiva a partir de uma análise crítica, filológica e hermenêutica, ao considerar especificidades culturais, históricas e ideológicas.

*De Magistro Princeps Editio* foi redigida em forma cursiva e não tem originariamente capítulos e subcapítulos, conquanto, mantive na tradução a numeração dos textos do *corpus*; os titulei a fim de lhes situar comentários que julquei pertinentes. Constam desta obra quatorze capítulos, divididos em três partes.

A primeira parte com os capítulos I-VII, contém um estudo da linguagem e dos signos que a compõe. No capítulo I, Agostinho trata do propósito da fala com o objetivo de ensinar ou aprender; no capítulo II, relaciona as palavras a signos; no capítulo III, apresenta sua *primeira proposição*, e afirma que nada pode ser mostrado sem um signo, mas que podemos mostrá-lo se estamos executando o ato sobre o qual nos interpelam; e, nos capítulos IV a VII, estabelece a reciprocidade dos signos.

Na segunda parte, capítulos VIII-X, Agostinho procede a análise dos significados: Em VIII, analisa a necessidade de refletir sobre a coisa significada; em XIX, afirma que o conhecimento das coisas é mais importante que seus signos; e, no X, apresenta sua *segunda proposição*, e afirma não existe nenhuma comunicação verbalizada de idéias e juízos sem signos, exceto certos fenômenos naturais e ações em espetáculos teatrais, que se dão sem o uso das palavras.

Na terceira e última parte, nos capítulos XI-XIV, Agostinho expõe suas reflexões pedagógicas. Em XII, afirma que as palavras não introduzem verdades novas em nossas mentes e que, mesmo com palavras, não ensinamos; em XIII,

adverte-nos a buscar a Verdade em nosso interior e, em XIV, conclui que aos homens não se deve nominar professores porque Cristo é o único Mestre.

# De Magistro

TEXT VS ANN VS 3 8 9 - LIBER VN VS  
SANCTI AVRELI AVGVSTINI  
EPISCOPI HIPPONENSIS

*Lateinisch/Deutsch*  
*Herausgegeben von*  
*Burkhard Mojsisch*  
*Stuttgart-1998*

I

I - Conceção agostiniana  
de linguagem

1. **Augustini** - Quid tibi  
videmur efficere velle, cum  
loquimur?

1. **Agostinho** - O que  
compreendes desejarmos  
fazer ao falarmos<sup>24</sup>?

---

<sup>24</sup> Agostinho desde o início do **Capítulo I** apresenta sua concepção de linguagem, admitindo que esta tenha sido instituída com a finalidade senão de ensinar e para aprender, através dos sentidos e do pensamento. O verbo *loquor* aparece **na Vulgata 139 vezes como uma fala comprobatória divina, Locutio dei attestans**. Está intimamente ligado à *loquens*, que significa falar de forma expressiva. Todos são derivados de *Locutio*, o deus da fala, *eloquentia* (eloquência) dom da palavra; *eloquium* (discurso); *eloquor* (exposição, revelação, explicação); este último de muita afinidade com a intenção de Agostinho na conversa com Adeodato. Veikko Väänänen para a tradução de *loquor* afirma: “El latín del que son continuación las lenguas romances se encuentra en franco desacuerdo con la forma literaria y sobre todo clásica. Quien quiera explicar expresiones romances como *foie, tête o parler*, no debe acudir a *iecur, caput y loqui*, transmitidos por la literatura romana” (1968, p. 27). A citação de Väänänen se justifica para explicar uma dificuldade que encontrei na tradução de *De Magistro*, porque Agostinho utiliza ao longo de todo o seu discurso o verbo latino *loquere*, pertencente à forma depoente, uma característica do latim que se configura pelo uso da

2.**Adeodatus** - Quantum quidem mihi nunc occurrit, aut docere aut discere.

2.**Adeodato** – Pelo quanto agora me ocorre, ensinar ou aprender.

3.**Augustini** - Unum horum video et assentior: nam loquendo nos docere velle manifestum est; discere autem quomodo?

3.**Agostinho** - Compreendo e assinto com um destes, pois falando estaria manifesto desejar-mos ensinar, por outro lado, como aprender?

4.**Adeodatus** - Quo tandem censes, nisi cum interrogamus?

4.**Adeodato** – Como opinas então, senão ao interpelarmos<sup>25</sup>?

---

forma verbal na voz passiva, no entanto, com o significado de voz ativa. Esta construção verbal pressupõe uma performance linguística em que a fala se constitui numa *ação mediada*, consistindo em sublinhar a existência de um circuito locutório, no qual os papéis de sujeito falante e de ouvinte são permutáveis. O simplesmente *falar* estaria mais bem representado em latim por *aio*, ligado ao latim *vulgo* ou até mesmo por *dico*; porém, estes dois verbos não pressupõem um sujeito agente, enquanto *loquor* (eu falo) solicita tanto um *sujeito agente mediador* quanto uma *ação* mediada. Considerando que em português não temos uma palavra específica para a tradução deste sentido de *loquere*, traduzi-o por *falar*, muito embora dentro do contexto, na tradução, sempre tenha sido considerado uma fala mediatizada.

<sup>25</sup> O próprio Agostinho esclarece a interpretação de *interrogamus*: “No que precede e se segue a uma proposição é de se crer no afastamento entre a pergunta (*percontatio*) e a interrogação (*interrogatio*). Entre perguntar e interrogar, disseram os antigos que existe uma diferença: à pergunta permitem-se muitas respostas, porém à interrogação apenas se responde sim ou não” (*in* DE DOCTRINA CHRISTIANA LIBRI IV – III.3.6). É de deixar claro que em *De Magistro* não ocorre o *interrogatio* nos moldes que Agostinho acima esclarece. Em *De Ratione Dicendi ad C. Herennium*, encontramos: “*Nem todos estão de acordo que interrogatio seja uma acusação...*” (*in* RHETORICA AD HERENNIUM Liber IV.22). Segundo esta obra, *Interrogatio*, no sentido grego da *anacoenosis*, era um recurso utilizado em retórica, quando colocado sob a forma de questionamento que se fazia introdutoriamente no início de um discurso, em que, normalmente, não pretendia obter qualquer resposta, tinha somente um efeito de interpelação,

5.**Augustini** - Etiam tunc nihil aliud quam docere nos velle intellego; nam quaero abs te, utrum ob aliam causam interrogas, nisi ut eum, quem interrogas, doceas, quid velis?

6.**Adeodatus** - Verum dicis.

7.**Augustini** - Vides ergo iam nihil nos locutione nisi, ut doceamus, appetere.

8.**Adeodatus** - Non plane video; nam si nihil est aliud loqui quam verba promere, video nos id facere, cum cantamus. Quod cum saepe soli facimus nullo praesente, qui discat, non puto nos docere aliquid velle.

5.**Agostinho** – Ainda, nesse caso compreendo nada diverso desejar que não ensinar. Te arguo se porventura terias outra causa para interpelar a alguém, que não ser ensinado sobre o que desejas?

6.**Adeodato** - Dizes a verdade!

7.**Agostinho** - Vêdes agora certamente, que com a locução nada mais desejar que não ensinar.

8.**Adeodato** - Não tão claro assim compreendo; se falar nada mais fosse que palavras proferir, ao cantarmos isto se faz. Dado que frequentemente a nós o fazemos e sem audiência, considero com isso não desejar ensinar.

---

obrigando o interpelado a pensar numa resposta apropriada. Em latim nem sempre designa um interrogatório, e, no contexto de *De Magistro* apresenta-se como uma *interpelação*.

9. **Augustini** - At ego puto esse quoddam genus docendi per commemorationem, magnum sane, quod in hac nostra sermocinatione res ipsa indicabit. Sed si tu non arbitraris nos discere, cum recordamur, nec docere illum, qui commemorat, non resisto tibi, et duas iam loquendi causas constituo, aut ut doceamus aut ut

9. **Agostinho** – Contudo<sup>26</sup> de grande valor julgo ser essa condição de ensino por rememoração<sup>27</sup>, que aqui por si a nossa conversa per si indicará<sup>28</sup>. Mas, se tu não julgas aprender ao rememorar e tampouco rememora aquele que ensina, não te contesto. Agora, instituo duas causas para a locução, ou ensinar ou rememorar quer em outros

<sup>26</sup> Em minha tradução, para a conjunção *sed*, entendida adversativa por excelência, considereei sempre a literalidade, traduzindo-a por *mas*; entretanto, para a conjunção *at*, dado sua função coesiva em gerar expressividade ao texto, quando muitas vezes tem uma função adverbial ao contribuir com o sentido do contexto, entre minhas opções, busquei sempre na tradução a coerência com a raiz latina da conjunção. Por exemplo: contudo (*cum + totus*); entretanto (*inter + tantum*); entretentes (*inter + medium*); porém (*por + em - forma apocopada do advérbio latino endo*); todavia (*totus + via*).

<sup>27</sup> Agostinho ao escrever sobre a memória e os sentidos afirma: “Sim, é verdade! A não ser porque já existiriam em minha memória? Porém, elas estavam tão abrigadas e ocultas em cavernas secretíssimas que talvez não pudesse pensar nelas, **se de lá não fossem arrancadas** por quem me alertasse” (in CONFESSIO NUM LIBRI XIII - X.10.17). A tradução de *commemorare* considereei o contexto onde estava inserida. Em alguns casos, segui a literalidade como em I-9, enquanto em outros, como I-19, considereei a citação acima e, traduzi por *evocar, chamar de algum lugar*.

<sup>28</sup> É de notar que não surge ao longo do texto latino de *De Magistro* a palavra *repraesento* ou qualquer uma de suas derivações latinas, enquanto por inúmeras vezes, ao tratar dos signos, Agostinho faz uso do verbo *indicare*. A opção por *indicar* é uma peculiaridade pertinente à semiótica agostiniana, em que o signo atua como indicativo no sentido de potencializar uma possibilidade de ser e não uma mera representação manifesta. Por isso escreveu: *Uma palavra é apenas um signo do que quer que seja uma coisa, a fim de que o ouvinte possa entender aquilo que narra um locutor [...] um signo é aquilo que indica algo além de si mesmo à mente* (in DE DIALECTICA Liber I - V).



commemoremus vel alios vel nos ipsos, quod etiam, dum cantamus, efficimus; an tibi non videtur?

10. **Adeodatus** - Non prorsus; nam rarum admodum est, ut ego cantem commemorandi me gratia, sed tantummodo delectandi.

11. **Augustini** - Video, quid sentias. Sed nonne adtendis id, quod te delectat in cantu, modulationem quandam esse soni? Quae quoniam verbis et addi et detrahi potest, aliud est loqui, aliud cantare; nam et tibiis et cithara cantatur, et aves cantant, et nos interdum sine verbis musicum aliquid sonamus, qui sonus cantus dici potest, locutio non potest; an quicquam est, quod contradicas?

12. **Adeodatus** - Nihil sane.

quer em nós mesmos, como o fazemos ao cantarmos. A ti assim não seria compreendido?

10. **Adeodato** - Não especificamente, raro seria que se desse à rememorar; mas sim advém do encanto no canto.

11. **Agostinho** - o que ajuízas<sup>29</sup> compreendo, mas não atentarias que aquilo que no canto deleita, seria certa modulação do som? Desde que se possa adicionar ou subtrair palavras, uma coisa seria falar, outra cantar. Efetivamente ao som de flautas e cítara se canta; os pássaros cantam e mesmo nós alguma música sem palavras entoamos, que sons de canto se poderia chamar, contudo locução não. Objetarias algo?

12. **Adeodato** - Seguramente nada.

---

<sup>29</sup> Optei por traduzir: *sentias* por *ajuízas*, porque no texto anterior Agostinho solicita de Adeodato “o que *julgas* a respeito de...”, e *video* por *compreender*, embora fosse possível também traduzir por *perceber*. Tanto em português como em latim estas duas palavras podem ser sinônimas, no entanto vertendo-se as duas para o latim, apenas *compreender* poderá ser traduzida por *interpretari*, que é a visão hermeneuta de minha tradução.

13. **Augustini** - Videtur ergo tibi nisi aut docendi aut commemorandi causa non esse institutam locutionem?

14. **Adeodatus** - Videretur, nisi me moveret, quod, dum oramus, utique loquimur, nec tamen deum aut doceri aliquid a nobis aut commemorari fas est credere.

15. **Augustini** - Nescire te arbitror non ob aliud nobis praeceptum esse, ut in clausis cubiculis oremus, quo nomine significantur mentis penetralia, nisi quod deus, ut nobis, quod cupimus,

13. **Agostinho** - Por conseguinte compreenderias dessa forma, que a locução se instituiria senão para ensinar ou rememorar?

14. **Adeodato** - Compreenderia a não ser pelo que me preocupa, que ao orarmos sobretudo falamos, porém justo não creria a Deus poder ensinar ou rememorar.

15. **Agostinho** - Ignoras a lei que nos prescreve não proceder de forma outra que não a nos compungir na clausura de nosso coração<sup>30</sup>, para que a oração em nossa mente penetre<sup>31</sup>. Não

---

<sup>30</sup> Agostinho não impugnou a mística pagã, ao contrário utilizou o vezo para redirecionar-lhe o foco, limitando-o a *fé* em um único e infável Deus. De tal modo, transforma as emoções intensas da intimidade profana do *cubiculum* ao indicar e simbolizar que este local encontrar-se-ia no íntimo do homem, no qual sua alma estaria com o próprio Deus: *Assim, no meio desse grande combate que se travava no interior de minha residência interior, no qual violentamente encetara minha alma em nosso quarto íntimo, em meu coração [...] (in CONFESSIIONUM LIBRI XIII – XIII.8.19)*. A tradução literal implicaria traduzir *cubiculis* por cela religiosa e, *oremus* por orar, no entanto neste caso Agostinho esta a referir o arrependimento e o local aonde ele se dá, o coração.

<sup>31</sup> Considerei a tradução de *significantur mentis* por *em nossa mente penetre*, porque esta expressão latina é correlata ao dualismo entre as faculdades de *sentir e inteligir*, existentes na filosofia grega e medieval, que os via como atos de faculdades essencialmente distintas e determinadas pela atuação das coisas sobre elas. Os sentidos receberiam os influxos do mundo exterior ao homem, fornecendo à inteligência os dados sensíveis, enquanto a inteligência receberia

praestet, commemorari aut doceri nostra locutione non quaerit. Qui enim loquitur, suae voluntatis signum foras dat per articulatum sonum, deus autem in ipsis rationalis animae secretis, qui homo interior vocatur, et quaerendus et deprecandus est; haec enim sua templa esse voluit. An apud apostolum non legisti: «Nescitis quia templum dei estis et spiritus dei habitat in vobis» et «in interiore homine habitare Christum»? Nec in propheta

observastes a recomendação do profeta: *Falai dentro de vossos corações e compungi-vos em vossos aposentos; oferecei sacrifícios de justiça e esperai no Senhor?*<sup>32</sup> Senão, como poderia Deus nos ensinar ou rememorar para alcançar aquilo que pelo elóquio almejamos. Sem dúvidas, quem fala expõe signos<sup>33</sup> volitivos por sons articulados. A Deus se deve racionalmente no íntimo da alma procurar e suplicar, ao invocar aquele homem interior<sup>34</sup>, considerado como o

---

dos sentidos os dados sensíveis, submetendo-os às diversas operações intelectivas como conceituar, julgar, raciocinar, interpretar, etc.

<sup>32</sup> [...] tu autem cum orabis intra in cubiculum tuum et cluso ostio tuo ora Patrem tuum in abscondito et Pater tuus qui videt in abscondito reddet tibi (MATTHAEUS 6.6).

<sup>33</sup> A palavra signum, no *prae-medioevo*, tinha vasta gama de significados: marca, sinal, efigie, imagem, insígnia, vestígio, pegada, selo, sinete, senha, e etc., abrangendo as inúmeras classes e subclasses, postuladas pelos contemporâneos da semiótica. Entre os derivados de sua raiz estão os verbos latinos *signo, signare* (marcar, selar, assinalar); *assigno, assignare* (assinar); *consigno, consignare* (consignar); *designo, designare* (designar); *persigno, persignare* (tomar nota de, registrar); *sigillo, sigillare* (selar), *significo, significare* (dar a entender por sinais, significar) e ainda os substantivos, adjetivos e advérbios correspondentes.

<sup>34</sup> Definido o uno a refletir o univérsico, haveria a necessidade de atestar esta presença. Assim foi que, em Agostinho, surge a luz divina a alocar o *homo interior*, questão fundante da magna obra agostiniana, que se apresenta em *De Magistro* como uma teoria da linguagem, mas que, também podemos encontrar sua origem em uma passagem da Sagrada Escritura: “[...] para que vos conceda, segundo seu glorioso tesouro, que sejais poderosamente

animadvertisti: «Dicite in cordibus vestris et in cubilibus vestris compungimini. Sacrificate sacrificium iustitiae et sperate in domino?» Ubi putas sacrificium iustitiae sacrificari nisi in templo mentis et in cubilibus cordis? Ubi autem sacrificandum est, ibi et orandum. Quare non opus est locutione, cum oramus, id est sonantibus verbis, nisi forte, sicut sacerdotes faciunt, significandae mentis suae causa, non ut deus, sed ut homines audiant et consensione quadam per commemorationem suspendantur in deum; an tu aliud existimas?

16. **Adeodatus** - Omnino assentior.

seu templo. Não lestes no Apóstolo?: *Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós - Christus habita o homem interior?*<sup>35</sup> Onde supões ofertado seja o justo sacrifício que não no templo da mente e no íntimo do coração? A quem se ora também o sacrifício se faz, pelo que, ao orarmos não fazemos soar as palavras, a não ser por acaso, como fazem os sacerdotes que expressam seu pensamento não para Deus, mas para os ouvintes a fim de que através da rememoração se elevem a Deus. Ou tu de forma diversa julgarias?

16. **Adeodato** – Inteiramente aprovo.

---

robustecidos pelo seu Espírito em vista do crescimento do vosso homem interior” (EPHESIOS, 3. 16).

<sup>35</sup> [...] nescitis quia templum Dei estis et Spiritus Dei habitat in vobis (I CORINTHIOS 3.16).

17.**Augustini** - Non te ergo movet, quod summus magister, cum orare doceret discipulos, verba quaedam docuit, in quo nihil aliud videtur fecisse quam docuisse, quomodo in orando loqui oporteret?

18.**Adeodatus** - Nihil me omnino istuc movet; non enim verba, sed res ipsas eos verbis docuit, quibus etiam se ipsi commonefacerent, a quo et quid esset orandum, cum in penetralibus ut dictum est mentis orarent.

19.**Augustini** - Recte intellegis; simul enim te credo animadvertere, etiamsi quisquam contendat, quamvis nullum edamus sonum, tamen, quia ipsa verba cogitamus, nos intus apud animum loqui, sic quoque locutione nihil aliud agere quam commemorare, cum memoria, cui verba inhaerent, ea revolvendo facit venire in mentem res ipsas, quarum signa sunt verba.

20.**Adeodatus** - Intellego ac sequor.

17.**Agostinho** - Não te impressionas que o supremo Mestre tenha ensinado seus discípulos a orar, ensinando por palavras, nada mais a desejar que ensinar o como deveriam se expressar ao rezar?

18.**Adeodato** - Nada inteiramente me demove, posto Ele não ensinasse palavras, mas as próprias coisas por palavras, para que soubessemos *a quem, a que* seria a oração e, *o como* penetrar na mente aquilo que ao orarem era dito.

19.**Agostinho** – Corretamente captastes. Ademais, ao mesmo tempo creio teres pressuposto que mesmo sem emitir sons, nós refletimos sobre as palavras e falamos no íntimo de nossa alma. Assim, com a locução nada fazemos a não ser evocar à memória<sup>36</sup>, fazendo-a agir e rememorando<sup>37</sup> a mente as próprias coisas das quais são signos as palavras.

20.**Adeodato** - Entendo e aceito.

---

<sup>36</sup> A filosofia platônica admite a existência de dois mundos. O primeiro constituído por ideias eternas, dotadas de uma existência independente; enquanto o segundo é constituído por coisas sensíveis, partindo da ideia de que a *percepção* não seria digna de confiança, porque o corpo permanentemente nos engana. No Fedon (1981), encontramos que a verdadeira realidade não advém da percepção e só pode ser intuída pelo uso da razão, que recorre à memória na busca por respostas de caráter geral. Sócrates, ao ser questionado por Simias e Cebes, afirma: “Porque, conviemos em que é muito possível que quem sentiu uma coisa, isto é, quem viu, ouviu ou, enfim, percebeu por qualquer dos seus sentidos, pensa a respeito dela, ou em outra que esqueceu e que tem com a percebida qualquer relação, seja semelhante aquela ou não. De modo que é preciso, ou que nasçamos com esses conhecimentos e que os conservemos durante toda nossa vida, ou que os que aprendem, conforme acontece conosco, apenas recordem e assim a instrução é apenas uma reminiscência” (PLATÃO, 1981, p. 125). A teoria platônica da anamnese envolvia a alma, sábia e imortal ao nascer, através da qual poderíamos conhecer o mundo supra-sensível através da lembrança, ou seja da memória. Mas para Agostinho esta sabedoria era obscurecida pelo afastamento em relação a Deus e seus ensinamentos, assim o conhecimento só poderia ser reintegrado aos homens pela razão e pela fé (*in CONTRA ACADEMICOS LIBRI III – XIII.29*).

<sup>37</sup> Agostinho escreve sobre a memória e os sentidos: “Sim, é verdade! A não ser porque já existiriam em minha memória? Porém, elas estavam tão abrigadas e ocultas em cavernas secretíssimas que talvez não pudesse pensar nelas, **se de lá não fossem arrancadas** por quem me alertasse (*in CONFESSIONUM LIBRI XIII - X.10.17*). À tradução de *commemorare* considere sempre o contexto onde estava inserida. Em alguns casos, segui a literalidade como em I-9, enquanto em outros, como I-19, considere a citação acima, traduzindo-a por *evocar, chamar de algum lugar*.

Agostinho escreve sobre a memória e os sentidos: “Sim, é verdade! A não ser porque já existiriam em minha memória? Porém, elas estavam tão abrigadas e ocultas em cavernas secretíssimas que talvez não pudesse pensar nelas, **se de lá não fossem arrancadas** por quem me alertasse (*in CONFESSIONUM LIBRI XIII - X.10.17*). À tradução de *commemorare* considere sempre o contexto onde estava inserida. Em alguns casos, segui a literalidade como em I-9, enquanto em outros, como I-19, considere a citação acima, traduzindo-a por *evocar, chamar de algum lugar*.

---

**II**

1.**Augustini** - Constat ergo inter nos verba signa esse.

2.**Adeodatus** - Constat.

3.**Augustini** - Quid? Signum nisi aliquid significet, potest esse signum?

4.**Adeodatus** - Non potest.

**II – Teoria agostiniana dos Signos<sup>38</sup>**

1.**Agostinho** – Logo acordamos, serem signos as palavras.

2.**Adeodato** – Acordamos.

3.**Agostinho** – Em que? Signo que não signifique algo poderia ser signo?

4.**Adeodato** - Não poderia.

---

<sup>38</sup> Agostinho, no **capítulo II**, prepara a introdução de sua teoria dos signos, a partir de uma leitura dos diferentes signos e não apenas dos verbais.

5.**Augustini** - Quot verba sunt in hoc versu: «Si nihil ex tanta superis placet urbe relinqui?»

6.**Adeodatus** - Octo.

7.**Augustini** - Octo ergo signa sunt.

8.**Adeodatus** - Ita est.

9.**Augustini** - Credo te hunc versum intellegere

10.**Adeodatus** - Satis arbitror.

11.**Augustini** - Dic mihi, quid singula verba significant.

12.**Adeodatus** - Video quidem, quid significet «si», sed nullum aliud verbum, quo id exponi possit, invenio.

13.**Augustini** - Saltem illud invenis, quicquid significatur hoc verbo, ubinam sit?

5.**Agostinho** - Quantas palavras existem neste verso: *Si nihil ex tanta superis placet urbe relinqui?*<sup>39</sup>

6.**Adeodato** - Oito.

7.**Agostinho** - Existem, pois, oito signos.

8.**Adeodato** - Assim seria.

9.**Agostinho** - Creio que este verso compreendas?

10.**Adeodato** - Julgo o suficiente.

11.**Agostinho** - Dize-me, pois de cada palavra o significado.

12.**Adeodato** - Compreendo o significado de *si*, mas não encontro palavra outra que expressá-la possa.

13.**Agostinho**: Encontrarias ao menos, aonde se situa aquilo que por esta palavra seria significado?

---

<sup>39</sup> Palavras de Virgílio na *Eneida*-II, 659:....*se nada agrada tanto aos deuses desta cidade?*



14.**Adeodatus** - Videtur mihi, quod dubitationem significet; iam dubitatio ubi nisi in animo est?

15.**Augustini** - Accipio interim; persequere cetera!

16.**Adeodatus** - «Nihil» quid aliud significat nisi id, quod non est?

17.**Augustini** - Verum fortasse dicis, sed revocat me ab assentiendo, quod superius concessisti non esse signum, nisi aliquid significet; quod autem non est, nullo modo esse aliquid potest. Quare secundum verbum in hoc versu non est signum, quia non significat aliquid, et falso inter nos constitit, quod omnia verba signa sint aut omne signum aliquid significet.

18.**Adeodatus** - Nimis quidem urges, sed quando

14.**Adeodato** – No meu entendimento o *si* significa dúvida e, esta senão na alma estaria?

15.**Agostinho** - Por ora aceito, quanto ao mais continuemos!

16.**Adeodato** - *Nihil*, qual outro significado senão o que não existe?

17.**Agostinho** – O que concedes uma possibilidade seria, mas dela me impede concordar, que o não existente não possa de nenhum modo ser algo, e não seria signo aquilo que algo não significasse, no que resulta a segunda palavra do verso não ser signo, posto nada signifique. Assim, erramos ao concordar que todas as palavras seriam signos ou que todo signo algo significasse.

18.**Adeodato** – Acuas-me demasiadamente<sup>40</sup>. Mas

---

<sup>40</sup> Cabe notar a tônica da dialética socrática levada a cabo entre pai e filho, a qual aparece sobrenadante ao longo de todo o discurso, e, pela qual, Agostinho *frequentemente faz provocações ao filho*, muitas vezes *concluindo pelo reverso* do desejado, com o propósito único de *confundir o filho* e provocá-lo a uma

non habemus quid significemus, omnino stulte verbum aliquod promimus; tu autem nunc mecum loquendo credo quod nullum sonum frustra emittis, sed omnibus, quae ore tuo erumpunt, signum mihi das, ut aliquid intellegam. Quapropter non te oportet istas duas syllabas enuntiare dum loqueris, si per eas non significas quicquam. Si autem vides necessariam per eas enuntiationem fieri nosque doceri vel commoneri, cum auribus insonant, vides etiam profecto, quid velim dicere, sed explicare non possim.

19. **Augustini** - Quid igitur facimus? An affectionem animi quandam, cum rem non videt et tamen non esse invenit aut invenisse se putat, hoc verbo significari dicimus potius quam rem ipsam, quae nulla est?

entenderás o que eu quero dizer e não consigo explicar porque ao não encontrar o significado, proferir qualquer interpretação insensato seria. Tu agora, comigo falando, creio, não emitir nenhum som em vão, todavia, como todos os que expressa oferece-me como signo para que algo eu entenda. Não mencionaria essas duas síbalas se não quisesse algo significar; compreendes, portanto que com elas existiria uma informação e que ao soar em meu ouvido produziria um ensino ou algo me faria rememorar.

19. **Agostinho** - Então, o que faremos? Se da palavra (*nihil*), se descobre ou se supõem que nada permaneça, mas que poderíamos afirmar ser significada em face de certa disposição da alma<sup>41</sup>, mesmo quando a coisa não exista?

---

reação. No texto anterior, Agostinho admite *não concordar com o filho* e assume estar impedido de fazê-lo, e que ambos erraram ao acordarem que todas as palavras fossem signos. Este contexto me levou a traduzir *Nimis quidem urges* por *Acuas-me demasiadamente*, porque denota a clara intenção do pai, de que Adeodato não encontrasse uma alternativa fácil.

<sup>41</sup>Traduzi *affectionem animi* por *certa disposição da alma*, porque Agostinho está apresentando a Deodato a diferença entre os significados visíveis (*extra-*

20.**Adeodatus** - Istuc ipsum est fortasse, quod expedire moliebar.

21.**Augustini** - Transeamus ergo hinc, quoquo modo se habet, ne res absurdissima nobis accidat.

22.**Adeodatus** - Quae tandem?

23.**Augustini** - Si «nihil» nos teneat et moras patiamur.

24.**Adeodatus** - Ridiculum hoc quidem est, et nescio, quo tamen modo video posse contingere, immo plane video contigisse.

25.**Augustini** - Suo loco genus hoc repugnantiae, si

20.**Adeodato** - Acaso era isso que me esforçava<sup>42</sup> para explicar.

21.**Agostinho** – Retornemos, pois, donde estávamos para que algo incongruente<sup>43</sup> não nos suceda.

22.**Adeodato** – O que por fim?

23.**Agostinho** – Que aceitemos o aprazo em o *nada*, nele nos retendo.

24.**Adeodato** - Burlesco<sup>44</sup> certamente isto seria; desconheço de que modo ocorrer pudesse, muito embora claramente prefigure já tenha ocorrido.

25.**Agostinho** – Se Deus consentir, no momento certo

---

*mentais*) e os internos disponibilizados na mente (*espirituais*), e, em face do que descrevi no capítulo 2.9, na qual a alma se apresenta como a conexão entre o mundo visível e invisível.

<sup>42</sup> Traduzi *moliebar* por *esforço*, porque em latim, *moliebar* subtende um forte movimento de deslocamento de algo.

<sup>43</sup> Optei por evitar a literalidade e traduzir *absurdíssima* por *incongruente*, por julgar a literalidade (*absurda*) inadequada ao contexto do diálogo.

<sup>44</sup> A palavra latina *ridiculum* significa *coisa jocosa*, assim não optei por traduzi-la por *burlesco*, que tem a conotação de rir de forma espirituosa. A tradução literal para o português implicaria um *riso grotesco* ou de *escárnio*, o que não seria o caso neste diálogo entre pai e filho.

deus siverit, planius  
intellegemus; nunc ad illum  
versum te refer et conare, ut  
potes, cetera eius verba, quid  
significant, pandere!

26. **Adeodatus** - Tertia  
praepositio est «ex» pro qua  
«de» possumus, ut arbitror,  
dicere.

27. **Augustini**: Non id quaero,  
ut pro una voce notissima  
aliam vocem aeque  
notissimam, quae idem  
significet, dicas, si tamen idem  
significat; sed interim  
concedamus ita esse. Certe si  
poeta iste non «ex tanta urbe»,  
sed «de tanta» dixisset,  
quaereremque abs te, quid  
«de» significaret, diceres «ex»,  
cum haec duo verba essent, id  
est signa unum aliquid, ut tu  
putas, significantia. Ego  
autem id ipsum nescio quid  
unum, quod his duobus signis  
significatur, inquirō.

28. **Adeodatus** - Mihi videtur  
secretionem quandam  
significare ab ea re, in qua  
fuerat aliquid, quod ex illa  
esse dicitur, sive illa non

claramente essas  
contradições  
compreenderemos; agora,  
retorna a aquele verso e te  
empenha o possível em  
descobrir das demais palavras  
o significado!

26. **Adeodato** - A terceira *ex*  
seria uma preposição, em  
lugar da qual julgo possamos  
dizer *de*.

27. **Agostinho** - Não  
pretendo que aludas a uma  
palavra conhecida por outra  
igualmente versadíssima, de  
igual significado. Mas  
concedamos, por ora, que  
assim seja e, certamente, se  
este poeta, em vez de dizer:  
*ex tanta urbe*, tivesse dito: *de*  
*tanta* e, eu te indagasse o que  
significa *de*, dirias *ex*, como se  
destas duas palavras por  
significância um único signo  
tivessem. Eu busco a mesma  
coisa comum, por estes dois  
signos significada.

28. **Adeodato** – A mim  
representa um apartamento  
daquilo que significa ou da  
qual proceda, como neste  
verso ocorre, em que não

maneat, ut in hoc versu non manente urbe poterant aliqui ex illa esse Troiani, sive maneat, sicut ex urbe Roma dicimus esse negotiatores in Africa.

29.**Augustini** - Ut concedam tibi haec ita esse nec enumerem, quam multa fortasse praeter hanc tuam regulam reperiantur, illud certe tibi adtendere facile est exposuisse te verbis verba, id est signis signa eisdemque notissimis notissima. Ego autem illa ipsa, quorum haec signa sunt, mihi, si posses, vellem ut ostenderes.

### III

1.**Adeodatus** - Miror te nescire vel potius simulare nescientem responsione mea fieri, quod vis omnino non posse, siquidem sermocinamur, ubi non possumus respondere nisi

existindo mais a cidade, troianos dela poderiam proceder, ou como dizemos existir na África negociantes que lá residem, mas da cidade de Roma procedentes.

29.**Agostinho** – Assentindo que assim fosse, objeções outras não enumerarei, que esta tua regra possa se acrescentar. Por certo reconheces que expôs palavras com palavras, signos por signos, coisas conhecidas por outras igualmente conhecidíssimas. Quereria se possível que mostrasses quais signos representam.

### III – Primeira proposição<sup>45</sup> - O procedimento de comunicação

1.**Adeodato** - Espanta-me ignorares, ou que possas simular desconhecer que de mim respostas não obterás, já que estamos a discorrer, do que resulta senão por palavras responder. Tu, por

---

<sup>45</sup> O capítulo III apresenta a *primeira proposição*, na qual estende à concepção de linguagem todo o, incluindo aqueles que se dão através dos signos, os quais são responsáveis pelos procedimentos de comunicação das ideias e juízos que fazemos em nosso mundo, exceto aos que se referem a fenômenos naturais.

verbis. Tu autem res quaeris eas, quae, quodlibet sint, verba certe non sunt, quas tamen ex me tu quoque verbis quaeris. Prior itaque tu sine verbis quaere, ut ego deinde ista condicione respondeam!

**2. Augustini** - Iure agis fateor, sed si quaereres, tres istae syllabae quid significant, cum dicitur «paries», nonne posses digito ostendere, ut ego prorsus rem ipsam viderem, cuius signum est hoc trisyllabum verbum demonstrante te nulla tamen verba referente?

**3. Adeodatus** - Hoc in solis nominibus, quibus corpora significantur, si eadem corpora praesentia sint, fieri posse concedo.

outro lado, desejas seja o que for e não seriam palavras certamente, todavia com estas sollicitas. Primeiro sem palavras interpeles, e ante esta condição responderei.

**2. Agostinho** - Confesso teres razão, mas se sobre o que constituímos interpelesse sobre uma *pa-re-de*<sup>46</sup>, não poderias com o dedo mostrar-me, indigitando-a tal que eu a visse pela coisa mesma, cujos signos são estas três sílabas, sem que nenhuma palavra pronunciasses?

**3. Adeodato** - Admito que fazê-lo possa, mas apenas no caso de palavras que signifiquem materiais e, quando estes estiverem presentes.

---

<sup>46</sup> Agostinho, ao atribuir à linguagem as funções de ensinar e advertir; indica *o como* se aprende e *o como* se ensina, a partir de quatro elementos constituintes da comunicação: a palavra (*verbum*), o discurso (*eloquium*), o dizível ou aquilo que se pode dizer (*dicibilis*) e a coisa em si (*res*). No entanto, vai além ao creditar que não apenas os signos da linguagem ensinam, já que podemos aprender sem a linguagem, através da coisa mesma.

4.**Augustini** - Num colorem corpus dicimus an non potius quandam corporis qualitatem?

5.**Adeodatus** - Ita est.

6.**Augustini** - Cur ergo et hic digito demonstrari potest? An addis corporibus etiam corporum qualitates, ut nihilo minus etiam istae, cum praesentes sunt, doceri sine verbis possint?

7.**Adeodatus** - Ego cum corpora dicerem, omnia corporalia intellegi volebam, id est omnia, quae in corporibus sentiuntur

8.**Augustini** - Considera tamen, utrum etiam hinc aliqua tibi excipienda sint!

4.**Agostinho** – Acaso dizemos que a cor seria algum material<sup>47</sup>, ou que poderia ser certa qualidade deste?

5.**Adeodato** – Sim, poderia.

6.**Agostinho** - Por quais razões a cor com o dedo poder-se-ia mostrar? Ao adicionar os predicados aos materiais e, estando eles presentes sem alterar suas características, sem palavras ainda poder-se-ia ensinar?

7.**Adeodato** – A mim, ao ouvir materiais, entendo tudo o que seria consentido materialmente, ou seja tudo aquilo pelo corpo sensoriado.

8.**Agostinho** - Todavia, consideres se aqui não existe alguma exceção<sup>48</sup>!

---

<sup>47</sup> A palavra latina *corpus* surge em oposição à alma, mas, neste caso, carrega a ideia de ser algo ligado apenas aos cinco sentidos naturais e orgânicos, isto é, se refere a corpos físicos, o que me levou a traduzi-la por *materiais*.

<sup>48</sup> Agostinho está a referir uma passagem bíblica: “Assim se cumpre para eles o que foi dito pelo profeta Isaías: Ouvireis com vossos ouvidos e não entendereis, olhareis com vossos olhos e não vereis (MATEUS 13:14).

9.**Adeodatus** - Bene admones; non enim omnia corporalia, sed omnia visibilia dicere debui. Fateor enim sonum, odorem, saporem, gravitatem, calorem et alia, quae ad ceteros sensus pertinent, quamquam sentiri sine corporibus nequeant et propterea sint corporalia, non tamen digito posse monstrari.

10.**Augustini** - Numquamne vidisti, ut homines cum surdis gestu quasi sermocinentur ipsique surdi non minus gestu vel quaerant vel respondeant vel doceant vel indicent aut omnia, quae volunt, aut certe plurima? Quod cum fit, non utique sola visibilia sine verbis ostenduntur, sed et soni et sapes et cetera huiusmodi; nam et histriones totas in theatris fabulas sine verbis saltando plerumque aperiant et exponunt.

9.**Adeodato** - Bem notado! Não deveria dizer tudo que seria material, mas aquilo que seria visível. Efeitos como som, odor, sabor, peso, calor e outros predicados conexos a outros sentidos, mesmo que matéria não constitua, absolutamente poderíamos sensoriar, tanto quanto com o dedo mostrar não fosse possível.

10.**Agostinho** - Nunca observastes como os homens se comunicam com os surdos? Do mesmo modo que os próprios surdos, também respondem, ensinam ou indicam muito do que desejam por meio de gestos. Assim, não se mostram sem palavras só as coisas visíveis, mas também sons, sabores, e outros análogos. De fato, todos os histriões nos teatros contam histórias geralmente dançando sem palavras<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> A esta linguagem silenciosa, Agostinho definiu: “Através do movimento das mãos, alguns exprimem a maior parte das coisas. Os cômicos com o movimento de todos os seus membros mostram certos signos aos expectadores, como que falando aos seus olhos. Os estandartes e insígnias militares manifestam aos olhos a decisão dos chefes. De modo que todos esses signos funcionam como palavras visíveis” (*in De Doctrina Christiana LIBRI IV - III.4*). Agostinho utiliza uma paráfrase, indicando que os signos



11.**Adeodatus** - Nihil habeo, quod contradicam, nisi quod illud «ex» non modo ego, sed ne ipse quidem saltator histrio tibi sine verbis, quid significet, posset ostendere.

12.**Augustini** - Verum fortasse dicis; sed fingamus eum posse, non ut arbitror dubitas, quisquis ille motus corporis fuerit, quo mihi rem, quae hoc verbo significatur, demonstrare conabitur, non ipsam rem futuram esse, sed signum. Quare hic quoque non quidem verbo verbum, sed tamen signo signum nihilo minus indicabit, ut et hoc monosyllabum «ex» et ille gestus unam rem quandam significant, quam mihi ego vellem non significando monstrari.

13.**Adeodatus** - Qui potest, quod quaeris, oro te?

14.**Augustini** - Quomodo paries potuit.

11.**Adeodato** - Nada a objetar contendo, a não ser aquele *ex* que não somente eu, mas sem palavras mesmo um histrião coreógrafo, o que significa não demonstraria.

12.**Agostinho** - Poderia ser verdade o que dizes; mas suponhas que ele possa, dúvidas não terias que no esforço em demonstrar o significado do que tenta comunicar, qualquer fosse o movimento que o corpo execute, este não seria a coisa em si, mas um sinal. Assim, também ele não indicaria uma palavra com palavra, mas um signo com outro signo, tal como o monossílabo *ex* e o gesto significariam a coisa mesma desejada.

13.**Adeodato** - Ao que asseveras rogo-te, como seria possível?

14.**Agostinho** - Do mesmo modo como foi possível à parede.

---

também possuem um sistema de linguagem não audível, mas que funciona como palavras visíveis. O signo impressiona o sentido visual com uma imagem, mostrando que a linguagem excede as palavras oralizadas ou escritas.

15. **Adeodatus** - Ne ipse quidem, quantum ratio progrediens docuit, ostendi sine signo potest. Nam et intentio digiti non est utique paries, sed signum datur, per quod paries possit videri. Nihil itaque video, quod sine signis ostendi queat.

16. **Augustini** - Quid? si ex te quaererem, quid sit ambulare, surgeresque et id ageres, nonne re ipsa potius quam verbis ad me docendum aut ullis aliis signis uteris?

17. **Adeodatus** - Fateor ita esse et pudet me rem tam in promptu positam non vidisse; ex qua etiam mihi milia rerum iam occurrunt, quae ipsae per se valeant non per signa monstrari, ut edere, bibere, sedere, stare, clamare et innumerabilia cetera.

18. **Augustini** - Age nunc dic mihi, si omnino nesciens huius verbi vim abs te ambulante quaererem, quid sit ambulare, quomodo me doceres?

15. **Adeodato** - Nem mesmo isto, conforme propusemos em nosso raciocínio seria possível sem signo mostrar. O ato intencionado do dedo não seria a *parede*, mas um signo dado pelo qual a *parede* se veria. Nada aqui vejo que possa sem signo mostrar-se.

16. **Agostinho** – Se eu te perguntasse o que seria andar e, tu levantasses e a ação improvisasses, da coisa mesma não estarias a servir para me ensinar,mas o faria sem palavras através de um sinal?

17. **Adeodato** - Confesso assim ser e me envergonho não ter algo tão evidente compreendido; me ocorre milhares de coisas que seus signos mostram por si, como: comer, beber, sentar, erguer-se, gritar e inúmeras outras.

18. **Agostinho** – Agora diz-me: se eu não conhecesse nada dessa palavra e te perguntasse, o que seria andar enquanto caminhas, de que modo me ensinarias?

19.**Adeodatus** - Id ipsum agerem adluanto celerius, ut post interrogationem tuam aliqua novitate admoneretur et tamen nihil aliud fieret quam id, quod deberet ostendi.

20.**Augustini** - Scisne aliud esse ambulare, aliud festinare? Nam et qui ambulat, non continuo festinat, et qui festinat, non continuo ambulat; dicimus enim et in scribendo et in legendo aliisque innumerabilibus rebus festinationem. Quare cum illud, quod agebas, celerius ageres post interrogationem meam, putarem ambulare nihil esse aliud quam festinare - id etiam novi addideras -, et ob hoc fallerer.

21.**Adeodatus** - Fateor non nos posse rem monstrare sine signo, si, cum id agimus, interrogemur; si enim nihil addamus, putabit, qui rogat, nolle nos ostendere contemptoque se in eo, quod agebamus perseverare. Sed si de his roget, quae agere possumus, nec eo tamen tempore, quo agimus roget, possumus post eius

19.**Adeodato** - Mais acelerado caminharia, tal que notasses algo novo após o questionamento e, não teria coisa outra feito que não mostrar aquilo que deveria.

20.**Agostinho** - Sabes que uma coisa seria caminhar, outra acelerar? Assim seria que aquele que caminha, apressado não estaria, e aqueloutro que acelera não significaria estar a caminhar; dizemos de fato isso, para escrever, ler e coisas outras muitas. Destarte, se o que fazias acelerastes, após meu questionamento, poderia eu julgar, após a inovação acrescida, que andar seria caminhar apressadamente, no que enganado eu estaria.

21.**Adeodato** - Reconheço não ser possível sem signo algo mostrar; de fato se nada acrescentarmos, aquele que interpela, pensará que ao continuarmos em nossa ação, responder não quereríamos. Mas, caso interpele sobre o que podemos fazer e na hora não a estivermos fazendo, após o questionamento, pela coisa mesma poderemos

interrogationem id agendo re ipsa potius quam signo demonstrare, quod rogat, nisi forte loquentem me interroget, quid sit loqui; quicquid enim dixerō ut eum doceam, loquar necesse est. Ex quo securus docebo, donec ei planum faciam, quod vult, non recedens a re ipsa, quam sibi voluit demonstrari, nec signa quaerens, quibus eam ostendam praeter ipsam.

#### IV

1. **Augustini** - Acutissime omnino. Quare vide, utrum conveniat iam inter nos ea posse demonstrari sine signis, quae aut non agimus, cum interrogamur, et tamen statim agere possumus aut ipsa forte signa agimus; cum enim loquimur, signa facimus, de quo dictum est significare.

2. **Adeodatus** - Convenit.

3. **Augustini** - Cum ergo de

mostrar sem signo que o denote, exeto fosse eu interrogado enquanto discorro sobre o que seria falar. Do que quer que fale, necessitaria da locução para ensinar, após o que com segurança ensinarci, conquanto claro lhe fique, sem me afastar da própria coisa a demonstrar, tampouco buscar signos com os quais lhe mostrar.

#### IV – Natureza e Reciprocidade dos Signos<sup>50</sup>

1. **Agostinho** - Inteiramente justo! Com a locução signos que a fala significa emitimos, contudo, por quais razões vides agora acordamos, que mesmo não estando a fazer a ação quando mediatamente interpelados, poderemos sem signos demonstrar ou casualmente sugerir com o próprio signo.

2. **Adeodato** - Concernido.

---

<sup>50</sup> Os capítulos IV a VII estabelecem uma profunda reflexão sobre a natureza e reciprocidade dos signos, questionando possibilidades de se comunicar sem signos e as relações entre o signo e a palavra.

quibusdam signis quaeritur, possunt signis signa monstrari; cum autem de rebus, quae signa non sunt, aut eas agendo post inquisitionem, si agi possunt, aut signa dando, per quae animadverti queant.

4. **Adeodatus** - Ita est.

5. **Augustini** - In hac igitur tripartita distributione prius illud consideremus, si placet, quod signis signa monstrantur; num enim sola verba sunt signa?

6. **Adeodatus** - Non.

7. **Augustini** - Videtur ergo mihi loquendo nos aut verba ipsa signare verbis aut alia signa, velut cum gestum dicimus aut litteram - nam his duobus verbis quae significantur, nihilo minus signa sunt - aut aliquid aliud, quod signum non sit, velut cum dicimus «lapis». Hoc enim verbum signum est - nam significat aliquid -, sed id,

3. **Agostinho** - Logo, sobre signos inquerido, podemos mostrar signos por signos; e quando se tratar de coisas que não são signos, imediatamente após a interpelação<sup>51</sup> poderemos para atinarem signos mostrar.

4. **Adeodato** - Assim consiste.

5. **Agostinho** - Das três disposições, se te convires, primeiro avaliaremos que certos signos por signos se mostram. Dessa forma, palavras em si signos seriam?

6. **Adeodato** - Não.

7. **Agostinho** - Compreendo que ao falar, pelas próprias palavras significamos, ou por outros signos, como ao expressarmos gestos ou letras; as coisas significadas nestes dois casos não deixam de ser signos ou coisas outras que signos não sejam, como ao proferirmos *pedra*. Por esse motivo essa palavra seria signo enquanto significa algo,

---

<sup>51</sup> As palavras latinas *inquisitionem* e *interrogatio* são sinônimas, assim utilizei o mesmo critério que em I-4, traduzindo por interpelação.

quod eo significatur, non continuo signum est; quod tamen genus, id est cum verbis ea, quae signa non sunt, significantur, non pertinet ad hanc partem, quam discutere proposuimus. Suscepimus enim considerare illud, quod signis signa monstrantur, et partes in eo dua comperimus, cum aut eadem aut alia signa signis docemus vel commemoramus; an tibi non videtur?

8.**Adeodatus** - Manifestum est.

9.**Augustini** - Dic ergo signa quae verba sunt, ad quem sensum pertineant?

10.**Adeodatus** - Ad auditum.

11.**Augustini** - Quid gestus?

12.**Adeodatus** - Ad visum.

13.**Augustini** - Quid? cum verba scripta invenimus, num verba non sunt? An signa verborum verius intelleguntur, ut verbum sit, quod cum aliquo significato articulata voce profertur - vox

mas o que por ela (*pedra*) seria significado não seria signo. Este gênero de palavras que significam coisas que não são signos, ao que aqui nos propusemos discutir não competem. Sustemos considerar que signos se mostram por signos e, destes descobrimos que com seus significados ensinamos ou rememoramos. assim tu não compreenderias?

8.**Adeodato** - De fato.

9.**Agostinho** - Logo, dirias que as palavras são signos pertencentes a qual sentido?

10.**Adeodato** - A audição.

11.**Agostinho** - E os gestos?

12.**Adeodato** - A visão.

13.**Agostinho** - Ao encontrarmos palavras escritas, palavras não seriam? Compreendidas mais como signos de palavras, do que palavras articuladas pela voz, quais significados conferem?

autem nullo alio sensu quam auditu percipi potest. Ita fit, ut, cum scribitur verbum, signum fiat oculis, quo illud, quod ad aures pertinet, veniat in mentem.

14.**Adeodatus** - Omnino assentior.

15.**Augustini** - Id quoque te arbitror assentiri, cum dicimus «nomen», significare nos aliquid.

16.**Adeodatus** - Verum est.

17.**Augustini** - Quid tandem?

18. **Adeodatus** - Id scilicet, quod quidque appellatur, velut Romulus, Roma, virtus, fluvius et innumerabilia cetera.

19.**Augustini** - Num ista quattuor nomina nullas res significant?

20.**Adeodatus** - Immo aliquas.

21.**Augustini** - Num nihil distat inter haec nomina et eas res, quae his significantur?

Sucede que a palavra escrita ilustra um signo aos olhos, conquanto a voz seria percebida por outro sentido, procede se não da audição para à mente chegar.

14.**Adeodato** - inteiramente assiro.

15.**Agostinho** - Do mesmo modo, julgo aprovarias que ao proferirmos *nome*, algo significaríamos.

16.**Adeodato** – Por certo que sim.

17.**Agostinho** - Mas, o quê?

18.**Adeodato** - Evidentemente aquilo a que nominamos tais como: *Romulus, Roma, virtude, rio* e inúmeras outras.

19.**Agostinho** - Porventura estes quatro nomes algo não significariam?

20.**Adeodato** - Ao contrário, muito.

21.**Agostinho** - Nenhuma diferença existiria entre esses

- nomes e as coisas que significam?
22. **Adeodatus** - Immo plurimum.
22. **Adeodato** – Até há muitíssima.
23. **Augustini** - Vellem abs te audire, quidnam id sit.
23. **Agostinho** - Gostaria de ouvir quais seriam.
24. **Adeodatus** - Hoc vel in primis, quod haec signa sunt, illa non sunt.
24. **Adeodato** - Antes, por isso, uns (*nomes*) seriam signos, outros (*significados*) não.
25. **Augustini** - Placetne appellemus significabilia ea, quae signis significari possunt et signa non sunt, sicut ea, quae videri possunt, visibilia nominamus, ut de his deinceps commodius disseramus?
25. **Agostinho** – Não te agradarias chamar significáveis a aqueles que em não sendo signos, signos signifiquem, assim como nominarmos visíveis ao que se pode ver e depois comodamente discutirmos?
26. **Adeodatus** - Placet vero.
26. **Adeodato** – Por certo agrada.
27. **Augustini** - Quid? illa quattuor signa, quae paulo ante pronuntiasti, nullone alio signo significantur?
27. **Agostinho** – Em que aqueles quatro signos que há pouco mencionaste por signos outros, não poderiam ser significados?
28. **Adeodatus** - Miror quod iam mihi excidisse arbitraris, quod ea, quae scribuntur, eorum, quae voce
28. **Adeodato** - Admira-me julgares tenha eu esquecido do que dantes juntos estabelecemos, que a fala



proferuntur, signorum signa esse comperimus.

29.**Augustini** - Dic inter ista quid distet.

30.**Adeodatus** - Quod illa visibilia sunt, haec audibilia; cur enim non et hoc nomen admittas, si admisimus significabilia?

31.**Augustini** - Prorsus admitto, et gratum habeo. Sed rursus quaero, quattuor haec signa nullone alio signo audibili significari queant, ut visibilia recordatus es?

32.**Adeodatus** - Hoc quoque recentius dictum recordor; nam nomen responderam significare aliquid, et huic significationi quattuor ista subieceram, et illud autem et haec, siquidem voce proferuntur, audibilia esse cognosco.

33.**Augustini** - Quid ergo inter audibile signum et audibilia significata, quae rursus signa sunt, interest?

proferida seja signo que outro signo refere.

29.**Agostinho** - Dize-me sobre a diferença destes.

30.**Adeodato** - Quanto a aqueles são visíveis e estes audíveis. Por que não os aceitaria como nome, se os admitimos serem significáveis?

31.**Agostinho** - Inteiramente consinto e grato lhe sou. Mas, de novo, outro signo audível não significaria esses quatro signos, como lembraste com os visíveis ocorrer?

32.**Adeodato** - Recordo o que há pouco disestes, ao responder que algo o nome significaria e, me ocorreu aqueles quatros (*Romulus, Roma, virtude, rio*), que dado a voz que os pronunciam pela audição o significado reconheço.

33.**Agostinho** - Que diferenças existem entre eles; entre o signo (*visível*) e o significado da audição?

34.**Adeodatus** - Inter illud quidem, quod dicimus nomen, et haec quattuor, quae significationi eius subiecimus, hoc distare video, quod illud audibile signum est signorum audibilium, haec vero audibilia quidem signa sunt, non tamen signorum, sed rerum partim visibilium sicut est Romulus, Roma, fluvius, partim intellegibilium, sicut est virtus.

35.**Augustini** - Accipio et probo. Sed scisne omnia, quae voce articulata cum aliquo significato proferuntur, verba appellari?

36.**Adeodatus** - Scio.

37.**Augustini** - Ergo et nomen verbum est, quando quidem id videmus cum aliquo significato articulata voce proferri, et cum dicimus disertum hominem bonis verbis uti, etiam nominibus utique utitur, et cum seni domino apud Terentium

34.**Adeodato** - Entendo estarem distantes daquilo que nome denominamos. Deduzimos que aquilo que seria audível signo consistiria de outros signos. Pela audição entenderíamos que certamente os audíveis teriam significados reais, em parte inteligíveis como virtude, mas não da mesma forma que os signos referentes ao visível como Romulus, Roma e rio.

35.**Agostinho** - Concordo e reconheço. Mas, saberias que aquilo proferido com voz articulada e que tem significado, se denomina palavra?

36.**Adeodato** – Sei

37.**Agostinho** - Logo, o significado de *nome* provém da voz articulada; ao dizermos que um homem eloquente faz uso de palavras virtuosas, de alguma forma nomes ele utiliza. Quando em *Terentius*<sup>52</sup>, o escravo se dirigiu a seu velho senhor,

---

<sup>52</sup> St. Agostinho está se referindo a uma passagem da comédia *Andria* de *Publius Terentius Afer* (185? – 159 a.C.).

servus rettulit «bona verba quaeeso», multa ille etiam nomina dixerat.

38.**Adeodatus** - Assentior.

39.**Augustini** - Concedis igitur his duabus syllabis, quas edimus, cum dicimus verbum, nomen quoque significari et ob hoc illud huius signum esse.

40.**Adeodatus** - Concedo.

41.**Augustini** - Hoc quoque respondeas velim: cum verbum signum sit nominis et nomen signum sit fluminis et flumen signum sit rei, quae iam videri potest, ut inter hanc rem et flumen, id est signum eius, et inter hoc signum et nomen, quod huius signi signum est, dixisti, quid intersit, quid interesse arbitraris inter signum nominis, quod verbum esse comperimus, et ipsum nomen, cuius signum est?

42.**Adeodatus** - Hoc distare intellego, quod ea, quae significantur nomine, etiam verbo significantur - ut enim

suplicou com palavras de bondade pronunciando nomes.

38.**Adeodato** - Concordo.

39.**Agostinho** - Assentis pois, que ao exprimirmos estas duas sílabas *ver-bum* (palavra), o nome também seria significado e por isso aquela constituiria signo deste.

40.**Adeodato** - Assinto.

41.**Agostinho** – Gostaria, então, que respondesses: dado que a palavra seja signo do *nome*, a denominação *rio* seria signo de *rio* e signo de uma realidade visível. Reconheces a diferença entre esta realidade e seu signo, e entre este signo e o nome que o significa; o que julgas ser a diferença entre o nome do signo, que já vimos ser a palavra e o mesmo nome cujo signo é a palavra?

42.**Adeodato** – Compreendo, por isto, a distinção entre o que seria significado por um nome e o

nomen verbum est, ita et flumen verbum est -, quae autem verbo significantur, non omnia significantur et nomine. Nam et illud «si» quod in capite habet abs te propositus versus, et hoc «ex», de quo iam diu agentes in haec duce ratione pervenimus, verba sunt nec tamen nomina, et talia multa inveniuntur. Quamobrem cum omnia nomina verba sint, non autem omnia verba nomina sint, planum esse arbitror, quid inter verbum distet et nomen, id est inter signum signi eius, quod nulla alia signa significat, et signum signi eius, quod rursus alia signa significat.

43. **Augustini** - Concedisne omnem equum animal esse nec tamen omne animal equum esse?

significado pela palavra; assim *rio* seria uma palavra, mas nem tudo aquilo significado com a palavra, pelo nome seria significado. De fato aquele *si* que inicia o verso proposto por ti e aquele *ex* do qual guiado pela razão, exaustivamente tratamos como palavra, mas não nome, seria semelhante a vários outros que encontramos. Pelo que, todos os nomes seriam palavras, porém nem todas nomes seriam. Julgo a diferença ser clara entre palavra e nome, ou seja, entre o signo do signo que não significaria outro signo, e o signo daquele signo que poderia significar outros.

43. **Agostinho** – Não assentirias que todos os cavalos animais seriam, mas, nem todo animal, equino<sup>53</sup> significaria?

---

<sup>53</sup> No latim vulgar, enquanto *caballus* era o animal de carga, usado sempre no trabalho pesado, geralmente castrado, tinha a ver com o cavalo utilizado na agricultura; no latim clássico, *equus* (masculino) era o animal bem tratado, usado em Roma em pistas de corrida ou em passeios a serviço dos patrícios, e mais afeto ao cavalo para a batalha, ou a determinadas máquinas de guerra como o aríete; agregado, principalmente, à cavalaria romana. Em *Pro Murena* 78 de *Cícero*, encontramos: *Intus, intus, inquam, est equus Troianus* (“Está dentro,

44. **Adeodatus** - Quis dubitaverit?

45. **Augustini** - Hoc ergo inter nomen et verbum, quod inter equum et animal, interest. Nisi forte ab assentiendo id te revocat, quod dicimus et alio modo verbum, quo significantur ea, quae per tempora declinantur, ut scribo scripsi, lego legi, quae manifestum est non esse nomina.

46. **Adeodatus** - Dixisti omnino, quod me dubitare faciebat.

47. **Augustini** - Ne te istuc moveat; dicimus enim et signa universaliter omnia, quae significant aliquid, ubi etiam verba esse invenimus. Dicimus item signa militaria, quae iam propria signa

44. **Adeodato** - Quem duvidaria?

45. **Agostinho** - Logo, entre *nome* e *palavra* existiriam diferenças, como entre *cavalo* e *animal*. A não ser que impedido fosses de assentir e retrocedesse, pelo fato de que poderíamos usar a palavra *verbum* em outra acepção; a de declinação por tempos, como: *escrevo, escrevi, leio, li*, que claramente não são nomes.

46. **Adeodato** – Disseste tudo aquilo que em mim dúvidas suscitava.

47. **Agostinho** - Que isto não te preocupe, por certo dizemos signos em geral a tudo que significa algo, e também às palavras que aí estão. Dizemos o mesmo dos

---

aqui dentro, estou dizendo, é um equino de Tróia” (m.t.). Para o feminino *equa* conservou-se integralmente em português pela derivação latina. Wäänänen explica esta diferença: “Caballus - En su origen *caballo de trabajo* o *caballo castrado*, *caballus* substituyó a *equus*, al principio com un matiz peyorativo de *rocín*, a partir de Varrón y sobre todo en la época imperial; después cualquier caballo (1968, p. 131). Optei por traduzir *equus* por cavalo quando se tratou de um substantivo e por *equino* quando se tratou de um adjetivo ou de um substantivo adjetivado.

nominantur, quo verba non pertinent. Et tamen si tibi dicerem: ut omnis equus animal, non autem omne animal equus, ita omne verbum signum, non autem omne signum verbum est, nihil, ut opinor, dubitares.

48. **Adeodatus** - Iam intellego et prorsus assentior hoc interesse inter universale illud verbum et nomen, quod inter animal et equum.

49. **Augustini** - Scisne etiam, cum dicimus animal, aliud esse hoc trisyllabum nomen,

símbolos militares<sup>54</sup>, mais próximos dos signos<sup>55</sup> e não pertencente às palavras. Assim, se te dissessem: *todo cavalo seria animal, e nem todo animal seria equino, da mesma forma que toda palavra seria signo, e nem todo signo seria palavra*; acredito dúvidas não apresentarias.

48. **Adeodato** – Agora compreendo e aprovo plenamente que exista entre *palavra* em geral e *nome*, a mesma diferença entre animal e equino.

49. **Agostinho** - Não sabes que quando dizemos animal, uma coisa seria o nome

<sup>54</sup> Traduzi *signa militaria* por *símbolos militares*, face o que já havia ressaltado no capítulo 2.6, que trata da interpretação do signo em *De Magistro*, no qual o historiador Le Goff e o linguista Todorov afirmam que, na semiótica do período medieval, as insígnias faziam parte dos símbolos.

<sup>55</sup> Eco cita que Agostinho saberia que a Sagrada Escritura não falava só *in verbis*, mas também *in factis*, como escreveu em *De doctrina Christiana III - 5.9*, uma *allegoria historiae*; e em *De vera Religione 50.99*, uma *allegoria sermoni*. Segundo Eco, em Agostinho o *alegorismo escritural* é uma alegoria interpretativa, que não concernente ao modo pelo qual a linguagem representa os fatos, mas os próprios fatos explicam a alegoria, estabelecendo uma diferença entre *allegoria in verbis* e *allegoria in factis*: *Estamos acostumados a diferenciar alegorismo de simbolismo, porém esta distinção é recente; na Idade Média esses dois termos eram sinônimos* (1989, p. 52). Agostinho apresenta sua definição de signo, mostrando que este indica o que não mostra: *O signo é toda coisa que, além da impressão que produz em nossos sentidos, faz com que nos venha ao pensamento outra ideia distinta [...]* (in DE DOCTRINA CHRISTIANA LIBRI IV - II.2.3).

quod voce prolatum est, aliud id, quod significat?

trissilábico proferido com a voz, outra seria aquilo que se quer significar?

50.**Adeodatus** - Iam hoc supra concessi de omnibus signis et significabilibus.

50.**Adeodato** - Há pouco isso assenti acerca das significações de todos os signos.

51.**Augustini** - Num omnia signa tibi videntur aliud significare, quam sunt, sicut hoc trisyllabum, cum dicimus animal, nullo modo idem significat quod est ipsum.

51.**Agostinho** - Não compreenderias que todos os signos diferem do que são, daquilo que significam, assim ao pronunciarmos o trissílabo *animal*, não estaríamos significando o que ele mesmo seria?

52.**Adeodatus** - Non sane; nam cum dicimus signum, non solum signa cetera, quaecumque sunt, sed etiam se ipsum significat; est enim verbum, et utique omnia verba signa sunt.

52.**Adeodato** – De certa forma não; na verdade dizemos signo não só a signos outros, quaisquer que sejam, mas aos que a si próprio significa, pois constituiria uma palavra, e todas as palavras seriam signos<sup>56</sup>.

53.**Augustini** - Quid? in hoc disyllabo, cum dicimus

53.**Agostinho** – Quando pronunciamos o dissílabo *ver-*

---

<sup>56</sup> Agostinho ao atribuir à linguagem as funções de ensinar e advertir, indica *o como* se aprende e *o como* se ensina, a partir de quatro elementos constituintes da comunicação: a palavra (*verbum*), o discurso (*eloquium*), o dizível ou aquilo que se pode dizer (*dicibilis*) e a coisa em si (*res*). No entanto, vai além ao creditar que não apenas os signos da linguagem ensinam, já que podemos aprender sem a linguagem, através da coisa mesma.

verbum, nonne tale aliquid contingit? Nam si omne, quod cum aliquo significato articulata voce profertur, hoc disyllabo significatur, etiam ipsum hoc genere includitur.

54.**Adeodatus** - Ita est.

55.**Augustini** - Quid? nomen nonne similiter habet? Nam et omnium generum nomina significat, et ipsum nomen generis neutri nomen est. An si ex te quaererem, quae pars orationis nomen, posses mihi recte respondere nisi nomen?

56.**Adeodatus** - Verum dicis.

57.**Augustini** - Sunt ergo signa, quae inter alia, quae significant, et se ipsa significant.

58.**Adeodatus** - Sunt.

59.**Augustini** - Num tale tibi videtur hoc quadrisyllabum signum, cum dicimus coniunctio?

*bum* (palavra), algo parecido não encontraríamos? Na verdade, se tudo com algum significado fosse proferido com voz articulada, o significado desse dissílabo incluiria o próprio gênero.

54.**Adeodato** - Assim constato.

55.**Agostinho** – Com o nome não há similaridade? Certo que nomeia o próprio nome e significa todos os gêneros de nomes neutros. Se inquirido a que parte da oração corresponderia o nome, poderias responder a não ser ao nome?

56.**Adeodato** - Dizes a verdade.

57.**Agostinho** – Logo, são os signos que entre outras coisas que significam, isto fazem a si próprios.

58.**Adeodato** - Concordo.

59.**Agostinho** – Acaso ao dizermos *coniunctio* (conjunção), este signo quadrisílabo compreenderias?



60.**Adeodatus** - Nullo modo; nam ea, quae significat, non sunt nomina, hoc autem nomen est.

## V

1.**Augustini** - Bene attendisti. Nunc illud vide, utrum inveniamus signa, quae se invicem significant, ut, quemadmodum hoc ab illo, sic illud ab hoc significetur; non enim ita sunt inter se hoc quadrisyllabum, cum dicimus coniunctio, et illa, quae ab hoc significantur, cum dicimus si, vel, nam, namque, nisi, ergo, quoniam et similia; nam haec illo uno significantur, nullo autem horum unum illud quadrisyllabum significatur.

2.**Adeodatus** - Video et, quatenam signa sint invicem significantia, cupio cognoscere.

3.**Augustini** - Tu ergo nescis, cum dicimus nomen et verbum, duo verba nos dicere?

4.**Adeodatus** - Scio.

60.**Adeodato** - De forma alguma, porquanto seja um nome, e o que ele significa não são nomes.

## V – Relações entre o signo e as palavras

1.**Agostinho** - Bem atentado. Percebas agora, existirem signos que reciprocamente se significam, como este significa aquele, aquele a este; não me ocorrendo isto entre aquele quadrisílabo *coniunctio* e as coisas que ele significa: *si* (se), *vel* (ou), *nam* (pois), *namque* (e, pois), *nisi* (se não), *ergo* (logo), *quoniam* (porque) e outras semelhantes; estes vocábulos são significados só por aquele, mas nenhum destes significaria aquele quadrisílabo.

2.**Adeodato** - Compreendo e de fato desejo conhecer quais os signos que reciprocamente se significam.

3.**Agostinho** - Logo não saberias que ao dizermos *nome* e *palavra*, duas palavras proferimos?

4.**Adeodato** - Sei.

5.**Augustini** - Quid? illud nescis, cum dicimus nomen et verbum, duo nomina nos dicere?

6.**Adeodatus** - Id quoque scio.

7.**Augustini** - Scis igitur tam nomen verbo quam etiam verbum nomine significari.

8.**Adeodatus** - Assentior.

9.**Augustini** - Potesne dicere, excepto eo, quod diverse scribuntur et sonant, quid inter se differant?

10.**Adeodatus** - Possum fortasse; nam id esse video, quod paulo ante dixi. Verba enim cum dicimus, omne, quod articulata voce cum aliquo significato profertur, significamus. Unde omne nomen et ipsum, cum dicimus nomen, verbum est; at non omne verbum nomen est, quamvis nomen sit, cum dicimus verbum.

11.**Augustini** - Quid? si quisquam tibi affirmet et probet, ut omne nomen

5.**Agostinho** - O quê sabes? Ignoras que ao dizermos *nome* e *palavra*, nominamos os dois nomes?

6.**Adeodato** - Igualmente sei.

7.**Agostinho** - O conhecimento do *nome* tanto pode significar *palavra*, quanto o da *palavra* o nome.

8.**Adeodato** - Concordo.

9.**Agostinho** - Poderias dizer em que diferem, exceto que diferentemente se escrevem e se pronunciam?

10.**Adeodato** – Talvez possa. Na forma como compreendi o que há pouco dissestes, ao fazermos soar as palavras, significamos tudo o que com voz articulada é proferido. Donde, a todo nome e a ele próprio chamarmos *palavra*, porém nem toda *palavra* é nome, no que nominar uma *palavra* entendamos.

11.**Adeodato** – Por qual razão? Se alguém te afirmar e provar que como todo nome

verbum est, ita omne verbum nomen esse, poterisne invenire, quid distent praeter diversum in litteris sonum?

12.**Adeodatus** - Non potero, nec omnino distare aliquid puto.

13.**Augustini** - Quid? si omnia quidem, quae voce articulata cum aliquo significatu proferuntur, et verba sunt et nomina, sed tamen alia de causa verba et alia de causa nomina sunt, nihilne distabit inter nomen et verbum?

14.**Adeodatus** - Quomodo istuc sit non intellego.

15.**Augustini** - Hoc saltem intellegis omne coloratum visibile esse et omne visibile coloratum, quamvis haec duo verba distincte differenterque significant.

16.**Adeodatus** - Intellego.

17.**Augustini** - Quid? si ergo ita et omne verbum nomen et omne nomen verbum est,

é palavra, também toda palavra é nome, poderias determinar em que se diferenciam, além do som diverso das letras?

12.**Adeodato** - Não poderia, e tampouco alguma diferença apuro.

13.**Agostinho** – Em que? Todas as palavras e nomes são significados pela voz com palavras articuladas; por certas razões umas denominamos palavras e outros nomes; não existiria entre nome e palavra alguma diferença?

14.**Adeodato** - Não compreendo como isto seja.

15.**Agostinho** - Compreenderias que todo colorido seja visível, e que todo visível seja colorido, embora as duas palavras por significados diferentes se distingam?

16.**Adeodato** - Compreendo.

17.**Agostinho** - Como? Se, deste modo, toda palavra nome fosse e todo nome

quamvis haec ipsa duo nomina vel duo verba, id est nomen et verbum, differentem habeant significationem?

18. **Adeodatus** - Iam video posse id accidere, sed quomodo id accidat, expecto, ut ostendas.

19. **Augustini** - Omne, quod cum aliquo significato articulata voce prorumpit, animadvertis, ut opinor, et aurem verberare, ut sentiri, et memoriae mandari, ut nosci possit.

20. **Adeodatus** - Animadverto.

21. **Augustini** - Duo ergo quaedam contingunt, cum aliquid tali voce proferimus.

22. **Adeodatus** - Ita est.

23. **Augustini** - Quid? si horum duorum ex uno appellata sunt verba, ex altero nomina, verba scilicet a verberando, nomina vero a noscendo, ut illud primum ab

palavra seria, embora estes dois nomes ou duas palavras sejam nome e palavra em si mesmos, em que suas significações difeririam?

18. **Adeodato** - Agora compreendo que possa ocorrer, mas espero que mostres o modo como isso possa se dar.

19. **Agostinho** - Tudo que seria significado por voz articulada seria observado, notado e, refletido na audição pela sensação, para poder a memória ir e reconhecido existir.

20. **Adeodato** - Percebo.

21. **Agostinho** - Ao proferirmos algo com a voz, ocorrem estas duas coisas.

22. **Adeodato** - Assim seria.

23. **Agostinho** - Por que? Aclare: se em ambas (*verba* e *nomina*) uma seria denominada palavra e o outro nome; na primeira, a palavra distinguida ao refletir na audição e, na segunda, o

auribus, hoc autem secundum ab animo vocari meruerit?

24. **Adeodatus** - Concedam, cum ostenderit, quomodo recte possimus omnia verba nomina dicere.

25. **Augustini** - Facile est; nam credo te accepisse ac tenere pronomen dictum, quod pro ipso nomine valeat, rem tamen notet minus plena significatione quam nomen. Nam, ut opinor, ita definivit ille, quem grammatico reddidisti: Pronomen est pars orationis, quae pro ipso posita nomine minus quidem plene idem tamen significat.

26. **Adeodatus** - Recordor et probro.

27. **Augustini** - Vides igitur secundum hanc definitionem nullis nisi nominibus servire et pro his solis poni posse pronomina, velut cum

nome, reconhecido apenas ao invocar à alma?

24. **Adeodato** – Responderei se, de modo justo, demonstrares como a toda palavra possamos proferir nome.

25. **Agostinho** - É fácil, pois creio que aceitastes a denominação de pronome, a aquilo que substitui o nome e designa a coisa por uma significação menos completa que o nome. Pois creio, assim definiu o gramático<sup>57</sup> que o referiu: *Pronome seria uma parte da oração que usada no lugar do nome, significaria o mesmo objeto, embora não tão perfeitamente.*

26. **Adeodato** - Recordo e consinto.

27. **Agostinho** - Compreendes segundo esta definição, os nomes não serem senão para nomear; por isso só os usamos após

---

<sup>57</sup> St. Agostinho está se referindo ao gramático *Dionysio Tracia* que utilizava o termo grego *αντωνυμια* (antwnumía), que no latim passou para *pronome*, tendo a função de designar uma determinada categoria de palavras que substituíam o nome (substantivo) ou que serviam para dar-lhe ênfase ou para esclarecer seu significado.

dicimus «hic vir, ipse rex, eadem mulier, hoc aurum, illud argentum», «hic, ipse, eadem, hoc, illud» pronomina esse, «vir, rex, mulier, aurum, argentum» nomina, quibus plenius quam illis pronomibus res significatae sunt.

28.**Adeodatus** - Video et assentior.

29.**Augustini** - Tu ergo nunc mihi paucas coniunctiones quaslibet enuntia.

30.**Adeodatus** - Et, que, at, atque.

31.**Augustini** - Haec omnia, quae dixisti, non tibi videntur esse nomina?

32.**Adeodatus** - Non omnino.

33.**Augustini** - Ego saltem tibi recte locutus videor, cum dicerem: haec omnia, quae dixisti?

34.**Adeodatus** - Recte prorsus et iam intellego, quam mirabiliter ostenderis me nomina enuntiasse; non enim

os pronomes, como ao dizermos: *este homem, o mesmo rei, esta mulher, este ouro, aquela prata. Este, mesmo, esta, esse e aquela* são pronomes; *homem, rei, mulher, ouro e prata*, são significados por nomes mais plenamente do que pelos pronomes.

28.**Adeodato** – Percebo e concordo.

29.**Agostinho** – Agora tu enuncies algumas conjunções que queiras.

30. **Adeodato** - E, ou, por, porém.

31.**Agostinho** - Não te pareces que sejam nomes tudo o que citastes?

32.**Adeodato** - Não inteiramente.

33.**Agostinho** - Compreenderias ao menos que falei corretamente: *tudo o que dissestes?*

34.**Adeodato** - Compreendo corretamente quão admiravelmente mostrastes que enunciei nomes; de outra

aliter de his recte dici potuisset «haec omnia». Sed enim vereor adhuc, ne propterea mihi recte locutus videaris, quod has quattuor coniunctiones etiam verba esse non nego, ut ideo de his recte dici potuerit «haec omnia», quoniam recte dicitur «haec verba omnia». Si autem a me quaeras, quae sit pars orationis verba, nihil aliud respondebo quam nomen. Quare huic nomini fortasse pronomen adiunctum est, ut illa recta esset locutio tua.

**35. Augustini** - Acute quidem falleris; sed ut falli desinas, acutius adtende, quod dicam, si tamen dicere id, ut volo, valuero. Nam verbis de verbis agere tam implicatum est, quam digitos digitis inserere et confricare, ubi vix dinoscitur nisi ab eo ipso, qui id agit, qui digiti pruriant et qui auxiliuntur prurientibus.

forma não poderias dizer *todos estes*. Mas, agora uma dúvida me sucede sobre a equidade de tua afirmação, porque negar não poderei que as quatro conjunções também palavras sejam e, por certo posso dizer corretamente *todas estas palavras*. Se me perguntares a que parte da oração corresponde a palavra, nenhuma outra te responderei a não ser ao nome. Por isso se adiciona o pronome, para que a locução correta esteja.

**35. Agostinho** - Engana-te agudamente e, para findar tua dúvida, atente ao que te direi com a firmeza que desejo. De fato, mover-se entre palavras com palavras se faz tão complicado quanto entrelaçar os dedos e friccioná-los; somente quem o faz, sabe o que lhe inquieta e o quanto isso a inquietação<sup>58</sup> alivia.

---

<sup>58</sup> Tomei o cuidado de traduzir *prurientibus*, do verbo *prurio*, por *inquietação*. A tradução por *prurido seguido de comichão* seria cabível; no entanto, a palavra latina *prurido* no período medieval estava íntima e profundamente ligada aos casos de *lepra*, o que não se insere no contexto deste diálogo entre Agostinho e o filho. Na Sagrada Escritura, encontramos este sentido, em duas passagens

36.**Adeodatus** - En toto animo adsum; nam ista haec similitudo me intentissimum fecit.

37.**Augustini** - Verba certe sono et litteris constant.

38.**Adeodatus** - Ita est.

39.**Augustini** - Ergo, ut ea potissimum auctoritate utamur, quae nobis carissima est, cum ait Paulus apostolus: «Non erat in Christo est et non, sed est in illo erat», non opinor putandum est tres istas litteras, quas enuntiamus, cum dicimus «est», fuisse in

36.**Adeodato** – Nisto estou com toda a alma; a comparação que fez, efetivamente, muito interessa.

37.**Agostinho** - As palavras se constituem de sons e letras.

38.**Adeodato** - Assim constitui.

39.**Agostinho** - Logo, servimos-emos de uma autoridade ilibada, para nós muito cara, o apóstolo *Paulus*, que disse: *Não existia em Christus o ser e o não ser, mas nele só existiria o ser*<sup>59</sup>. Não concordarias, por certo, que estas três letras que pronunciamos (*est*<sup>60</sup>)

---

por ocasião de uma súplica em confissão de Davi, quando acometido dessa doença. “Amigos e companheiros fogem de minha lepra, e meus parentes permanecem longe (PSALMI 37.12). [...] são fétidas e purulentas as chagas que a minha loucura me causou (PSALMI 37.6).

<sup>59</sup> enim Filius Iesus Christus qui in vobis per nos praedicatus est per me et Silvanum et Timotheum non fuit est et non sed est in illo fuit [...] (Dei PAULUS in II Corinthios 1.19)

<sup>60</sup> A tradução literal de *est* seria *é*, no entanto julguei mais adequado traduzir por *ser*, porque está se referindo à **existência** de Christus. Cumpre resaltar que, ao longo desta tradução, evitei utilizar o verbo *ser* na terceira pessoa do singular (*é*) com o sentido afirmativo. Sempre o substituí por *seria*, no sentido do condicional, dado que os ensinamentos provenham do Agostinho pai, o qual em um dos trechos afirma sua dúvida em poder ensinar, tanto quanto afirma que o único Mestre seria o Creador que habita o homem interior.



Christo, sed illud potius, quod istis tribus litteris significatur.

existissem em *Christus*, mas sim aquilo que estas três letras significariam.

40. **Adeodatus** - Verum dicis.

40. **Adeodato** - Dizes a verdade.

41. **Augustini** - Intellegis igitur cum qui ait: «Est in illo erat», nihil aliud dixisse quam: «Est appellatur, quod in illo erat», tamquam si dixisset «virtus in illo erat», non utique dixisse acciperetur nisi «virtus appellatur, quod in illo erat», ne duas istas syllabas, quas enuntiamus, cum dicimus virtus, et non illud, quod his duabus syllabis significatur, in illo fuisse arbitraremur.

41. **Agostinho** - Dessa forma, compreendes que ao dizer o *ser estava nele*, nada mais afirmou que aquilo que estava nele se denominava *existia*, e se dissesse *a virtude estava nele*, não quereria mais do que dizer chama-se *virtude* algo que nele estava. Assim como ao pronunciarmos *virtus*, *nele* não estaríamos as duas sílabas, mas sim o significado daquilo que nele estaria contido (*virtus*).

42. **Adeodatus** - Intellego ac sequor.

42. **Adeodato** - Entendo e acompanho.

43. **Augustini** - Quid illud nonne intellegis etiam nihil interesse, utrum quisque dicat «virtus appellatur» an «virtus nominatur»?

43. **Agostinho** - Acaso entenderias não existir nenhuma diferença entre dizer: *se chama virtude* ou *se nomeia virtude*?

44. **Adeodatus** - Manifestum est.

44. **Adeodato** - É evidente.

45. **Augustini** - Ergo ita manifestum est nihil interesse,

45. **Agostinho** - Logo, desta maneira evidente seria nada

utrum quis dicat «est appellatur» an «est nominatur, quod in illo erat».

46. **Adeodatus** - Video et hic nihil distare.

47. **Augustini** - Iamne etiam vides, quid velim ostendere?

48. **Adeodatus** - Nondum sane.

49. **Augustini** - Itane tu non vides nomen esse id, quo res aliqua nominatur?

50. **Adeodatus** - Hoc plane nihil certius video.

51. **Augustini** - Vides ergo «est» nomen esse, siquidem illud, quod erat in Christo, «est» nominatur.

52. **Adeodatus** - Negare non possum.

53. **Augustini** - At si ex te quaererem, quae sit pars orationis «est», non opinor

importar, que alguém refira o que nele havia se nomina por *era...*, ou aquilo *era...*

46. **Adeodato** - Neste momento, compreendo não existiria diferenças.

47. **Agostinho** - Vides agora o que significa isto que expor anseava?

48. **Adeodato** - Não inteiramente.

49. **Agostinho** – Por certo não compreenderias que nome seria aquilo que às coisas nomeia?

50. **Adeodato** – Por esse motivo nada claramente observo.

51. **Agostinho** - Logo compreenderias que *era* refere o nome *ser*, conquanto o que em *Christus* estava se nominou *seria*.

52. **Adeodato** - Não posso negar.

53. **Agostinho** - Portanto, se eu perguntasse a que parte da oração corresponde o *ser*, não

nomen, sed verbum esse diceres, cum id ratio etiam nomen esse docuerit.

54.**Adeodatus** - Ita est prorsus, ut dicis.

55.**Augustini** - Num adhuc dubitas alias quoque partes orationis eodem modo, quo demonstravimus, nomina esse?

56.**Adeodatus** - Non dubito, quando quidem fateor ea significare aliquid. Si autem res ipsae, quas significant, quid singulae appellentur, id est nominentur, interroges, respondere non possum, nisi eas ipsas partes orationis, quas nomina non vocamus, sed, ut cerno convincimur.

57.**Augustini** - Nihilne te movet, ne quis existat, qui nostram istam rationem labefactet dicendo apostolis non verborum, sed rerum auctoritatem esse tribuendam; quam ob rem fundamentum persuasionis huius non tam esse firmum, quam putamus; fieri enim posse, ut Paulus,

responderias nome, mas *verbo*, posto que a razão nos informe também ser um nome.

54.**Adeodato** - É precisamente como dizes.

55. **Agostinho** - Acaso duvidarias que outras partes da oração fossem nomes, segundo o mesmo modo como a *ser* nomeamos?

56.**Adeodato** - Não duvido que algo signifiquem. Se perguntares como se chama cada uma das coisas que isoladamente significam, ou seja, como se denominam, não poderei responder senão com aquelas mesmas partes da oração a que não nomes denominamos, mas que comprovamos discernir.

57.**Agostinho** - Nem te abalas existir quem nossa razão fragilize, afirmando que ao Apóstolo, a autoridade se atribuía não às palavras, mas às doutrinas; assim a persuasão deste fundamento não seria tão sólida como pensávamos; poderia ocorrer conquanto a prescrição de

quamquam vixerit  
praeceperitque rectissime,  
minus tamen recte locutus sit,  
cum ait «est in illo erat»,  
praesertim cum se ipse  
imperitum in sermone  
fateatur? Quo tandem modo  
istum refellendum arbitraris?

58. **Adeodatus** - Nihil habeo,  
quod contradicam, et te oro,  
ut aliquem de illis reperias,  
quibus verborum notitia  
summa conceditur, cuius  
auctoritate potius id, quod  
cupis, efficias.

59. **Augustini** - Minus enim  
tibi videtur idonea remotis  
auctoritatibus ipsa ratio, qua  
demonstratur omnibus  
partibus orationis significari  
aliquid et ex eo appellari; si  
autem appellari, et nominari,  
si nominari, nomine utique  
nominari, quod in diversis  
linguis facillime iudicatur.  
Quis enim non videat, si  
quaeram, quid Graeci  
nominent, quod nos  
nominamus «quis», responderi  
mihi τίς, quid Graeci  
nominent, quod nos  
nominamus «volo»,  
responderi mihi θέλω, quid  
Graeci nominent, quod nos

sua retidão, que *Paulus* tivesse  
falado com menos  
legitimidade, ao pronunciar *o  
ser estava nele*, sobretudo  
tendo confessado que era  
inábil em se exprimir? Como  
podes este julgamento  
refutar?

58. **Adeodato** - Nada tenho  
que isto contradiga e, rogo  
procures a aqueles com  
notoriedade ampla em  
palavras, cuja autoridade  
possa eficazmente avalizar o  
que concedes.

59. **Agostinho** -  
Compreenderias ao menos  
que das autoridades  
distanciados, pela mesma  
razão que demonstramos a  
toda parte da oração algo  
significar e assim seriam  
denominadas; se assim  
forem, o serão, sobretudo  
por um nome, o que  
facilmente observado seria  
em várias línguas. Quem, de  
fato investigar, compreenderá  
como os gregos nomeiam  
aquilo que nomeamos *quis*  
(quem), responder-me-iam  
τίς (tis); e como nomeiam *volo*  
(quero), responder-me-iam  
θέλω; o que nominamos *bene*,

nominamus «bene», responderi καλῶς, quid Graeci nomenclent, quod nos nominamus «scriptum», responderi mihi τὸ γεγραμμένον, quid Graeci nomenclent, quod nos nominamus «et», responderi καί, quid Graeci nomenclent, quod nos nominamus «ab», responderi ἀπό, quid Graeci nomenclent, quod nos nominamus «heu», responderi οἶ. Atque in his omnibus partibus orationis, quas nunc enumeravi, recte loqui eum, qui sic interroget, quod, nisi nomina essent, fieri non posset. Hac ergo ratione Paulum apostolum recte locutum esse, cum remotis omnium eloquentium auctoritatibus obtinere possimus, quid opus est quaerere, cuius persona

responderiam καλῶς (kalōs); o que nominam quando *scriptum* (escrito), responder-me-iam τὸ γεγραμμένον (tò gegramménon). Em resumo os gregos nominam o que nos nominamus *et* como καί (kai); *ab* (por, de, donde) como ἀπό (apo); *heu* (ah!, oh!) como οἶ (oi). Não só, mas em todas as partes das orações que agora enumerei, quem interpela fala com retidão e, assim não sucederia se nomes não fossem. Por conseguinte o apóstolo *Paulus* ausente de toda a eloquência que pudesse obter das autoridades, falou com razão. Então, qual necessidade há de procurar amparo para nossa opinião em autoridades? Mas, a alguém inepto<sup>61</sup> ou lúbrico que não queira ver<sup>62</sup>,

<sup>61</sup> A palavra *tardior* refere-se ao adjetivo *tardus*, e, dentre possíveis traduções para o português, optei por *inepto* que significa aquele que se mostra *obscurus* em um determinado assunto. O mesmo ocorre com a palavra latina *impudentior* que se refere ao adjetivo *lascivo*, que traduzi por *lúbrico* significando *escorregadio*.

<sup>62</sup> A palavra *nondum* é derivada da partícula *dum*+*non*, porém está acompanhada da palavra *cedat*. Neste caso, não se refere a ceder do verbo *cedo*, mas sim a uma forma de seu imperativo que em geral aparece na língua falada e acompanhada da partícula *dum*. *Nondum cedat* significa não deixar ver, não mostrar; assim a traduzi por *não queira ver*.

sententia nostra fulciatur? Sed ne quis tardior aut impudentior nondum cedat, asseratque nisi illis auctoribus, quibus verborum leges consensu omnium tribuuntur, nullo modo esse cessurum, quid in Latina lingua excellentius Cicerone inveniri potest? At hic in suis nobilissimis orationibus, quas Verrinas vocant, coram praepositionem, sive illo loco adverbium sit, nomen appellavit. Verumtamen quia fieri potest, ut ego illum locum minus bene intellegam exponaturque alias aliter vel a me vel ab alio, est, ad quod responderi posse nihil puto. Tradunt enim nobilissimi disputationum magistri nomine et verbo plenam constare sententiam, quae affirmari negarique possit, quod genus idem Tullius quodam loco pronuntiatum vocat. Et cum verbi tertia persona est, nominativum

defenderá não poderem todos aqueles eglégios, em língua latina, jamais se aproximar da excelência de um *Tullius Cicero*, e contribuir com regras às palavras<sup>63</sup>, não obstante este em seus celebérrimos discursos que chamamos as *Verrinas*<sup>64</sup>, chamar de nome à preposição *coram* (diante de), ainda que ela pudesse ser nominada de advérbio. Talvez eu não compreenda muito bem este ponto. Tanto em mim quanto em qualquer outro, há algo que penso nada se poder apurar, destarte de outra forma exponho. Certamente, interpretando notáveis discussões de preceptores, em uma sentença constaria nome e verbo que se complementariam, quer pudesse estar afirmando ou negando. O mesmo *Cicero* algures chamou a esse gênero proposição. Estando o verbo

<sup>63</sup> Traduza a palavra latina *asseratque* por *defender* e *leges* por *regras*, mais adequado quando estamos tratando de linguística; *tribuuntur* por *contribuição* por não ser derivado do verbo *tribuo*, mas sim do substantivo *tributum*; *nullo* é um advérbio, portanto traduza por *de modo nenhum* e *cessurum*, de *cessio*, traduza por *aproximar*.

<sup>64</sup> Cícero (2005) produziu uma série de respeitáveis discursos, sob o nome de *Verrinas*, contra os desmandos de Verres, um corrupto governador da Sicília, que, em face destes, acabou por demitido.

cum ea casum nominis aiunt esse oportere, et recte aiunt. Quod mecum si consideres, velut cum dicimus «homo sedet», «equus currit», agnoscis, ut opinor, duo pronuntiata esse.

60. **Adeodatus** - Agnosco.

61. **Augustini** - Cernis in singulis singula esse nomina, in uno «homo», in altero «equus», et verba singula, in uno «sedet», in altero «currit».

62. **Adeodatus** - Cerno.

63. **Augustini** - Ergo si dicerem sedet tantum aut currit tantum, recte a me quaereres, quis vel quid, ut responderem «homo» vel «equus» vel «animal» vel quodlibet aliud, quo posset nomen redditum verbo implere pronuntiatum, id est illam sententiam, quae affirmari et negari potest.

na terceira pessoa, dizem com razão que o caso do nome deva ser o nominativo. Vide comigo; se considerarmos, por exemplo, que ao dizermos *homo sedet* (o homem senta), *equus currit* (o cavalo corre), reconhecerias, segundo penso, existirem duas proposições?

60. **Adeodato** - Reconheço

61. **Agostinho** - Aceitas que em cada uma há o nome: na primeira *homem*, na outra *cavalo*; e seus respectivos verbos, na primeira *sentar* e na outra *correr*.

62. **Adeodato** - Aceito.

63. **Agostinho** - Logo, se eu dissesse somente *sentar* ou *corre*, certamente me perguntarias: *o que queres com isto*; para que eu respondesse *homem* ou *cavalo*, ou *animal* ou coisa outra qualquer, tal que ao enunciado pudesse restituir o verbo para concluir a proposição, ou seja a sentença da qual se poderia afirmar ou negar.

64. **Adeodatus** - Intellego.

65. **Augustini** - Adtende cetera et finge nos videre aliquid longius et incertum habere, utrum animal sit an saxum vel quid aliud, meque tibi dicere: «Quia homo est, animal est», nonne temere dicerem?

66. **Adeodatus** - Temere omnino, sed non temere plane diceres: «Si homo est, animal est».

67. **Augustini** - Recte dicis. Itaque in tua locutione placet mihi «Si», placet et tibi; utrique autem nostrum in mea displicet «quia».

68. **Adeodatus** - Assentior.

64. **Adeodato** - Compreendo.

65. **Agostinho** - Ao restante atente e, imagine estarmos a ver algo longínquo e contingente, acaso um animal em um rochedo<sup>65</sup> ou se quizeres outra coisa, que a ti me fizesse dizer: *Aquilo seria homem, logo animal*; teria eu dito irrefletidamente?

66. **Adeodato** - Completamente impensada, mas não se dissesses: *Se for um homem, logo será animal*.

67. **Agostinho** - Corretamente falaste. Assim se faz que em tua fala a mim apraz o *Si* (Se) e apraz a ti, por outro lado nos desagrada o meu *quia* (aquilo seria).

68. **Adeodato** - Concordo.

---

<sup>65</sup> A palavra *saxum* permite várias traduções envolvendo a ideia de *pedra, rocha*, optei por *rochedo*; a palavra *quia* é o antigo plural de *quid*, cuja tradução “*e*” significa *aquilo*, porém optei por traduzi-la por *Aquilo seria*; *nonne*, em latim um advérbio de **dupla negação** quando numa mesma oração, tem a negação anulada transformando-se numa afirmação. Ainda, a partícula *non* modifica o sentido se estiver na frente ou atrás da outra negação, o que me levou a considerar esta frase como uma afirmativa. A palavra latina correspondente ao verbo *temer* (ter medo) em português é o verbo *temer*, mas, neste caso, estamos falando de *temere*, um ablativo em desuso de *temus + eris*, que significa em português *sem ponderação*, assim optei por *irrefletido*. O advérbio latino *plane* na resposta de Adeodato, significa *total* e assim foi traduzido por *inteiramente*.



69.**Augustini** - Vide iam, utrum istae duae sententiae plena pronuntiata sint: «Placet si», «displicet quia».

70.**Adeodatus** - Plena omnino.

71.**Augustini** - Age nunc dic mihi, quae ibi sint verba, quae nomina.

72.**Adeodatus** - Verba ibi video esse «placet» et «displicet», nomina vero quid aliud quam «si» et «quia».

73.**Augustini** - Has ergo duas coniunctiones etiam nomina esse satis probatum est.

74.**Adeodatus** - Prorsus satis.

75.**Augustini** - Potesne ipse per te in aliis partibus orationis hoc idem ad eandem regulam docere?

76.**Adeodatus** - Possum.

69.**Agostinho** - Compreendes agora, quão amplas são proposições às duas sentenças: *agrada o Se; desagrada aquilo será.*

70.**Adeodato** - Tudo plenamente.

71.**Agostinho** – Prossiga e dize-me quais nelas são verbos e quais nomes.

72.**Adeodato** - Compreendo que as palavras são *placet* (agrada) e *displicet* (desagrada), e os nomes quais outros a não ser *si* e *quia*.

73.**Agostinho** - Logo, bem provado está que essas duas conjunções nomes também seriam.

74.**Adeodato** – Sim, inteiramente.

75.**Agostinho** - Ensinado pela mesma regra, não poderias das outras partes da oração, por ti próprio provar?

76.**Adeodato** - Poderia.

## VI

1. **Augustini** - Transeamus ergo hinc et iam dic mihi, utrum, sicut omnia verba nomina et omnia nomina verba esse comperimus, ita tibi et omnia nomina vocabula et omnia vocabula nomina esse videantur.

2. **Adeodatus** - Plane inter haec quid distet praeter diversum syllabarum sonum, non video.

3. **Augustini** - Nec ego interim resisto, quamquam non desint, qui etiam significatione ista discernunt, quorum sententiam modo considerare non opus est. Sed certe animadvertis ad ea iam signa nos pervenisse, quae se invicem significant nulla praeter sonum distantia et quae se ipsa significant cum ceteris omnibus partibus orationis.

4. **Adeodatus** - Non intellego.

VI - Partes da oração -  
nomes e vocábulos

1. **Agostinho** – Avancemos deste ponto e diz-me: se porventura todas as palavras seriam nomes, e todos os nomes palavras, compreenderemos que todos os nomes sejam vocábulos, e todos os vocábulos nomes.

2. **Adeodato** – Claramente, além do som diverso, entre eles diferenças outras não constato.

3. **Agostinho** - Por ora tampouco me oponho, todavia não falte quem quanto à significação os distinga, o que neste ponto desnecessário se faz considerar. Certamente compreendes chegarmos aos signos que mutuamente se significam, sem distinta diferença que a do som e, aqueles com as demais partes da oração que a si mesmos significam.

4. **Adeodato** - Não compreendo.

5.**Augustini** - Non ergo intellegis et nomen vocabulo et vocabulum nomine significari et ita, ut praeter sonum litterarum nihil intersit, quantum ad generale nomen attinet; nam et speciale dicimus nomen, quod inter octo partes orationis ita est, ut alias septem non contineat.

6.**Adeodatus** - Intellego.

7.**Augustini** - At hoc est, quod dixi sese invicem significare vocabulum et nomen.

8.**Adeodatus** - Teneo, sed quaero, quid dixeris, cum etiam se ipsa significant cum aliis partibus orationis.

9.**Augustini** - Nonne superior ratio docuit nos omnes partes orationis et nomina posse dici et vocabula, id est et nomine et vocabulo posse significari?

5.**Agostinho** - Logo, não compreenderias que nome significa vocábulo, e vocábulo nome; assim, além do som das letras, em geral, nada diferem no que diz respeito ao nome contido; posto dizermos nome em geral e, este seria o que está nas oito partes da oração<sup>66</sup>, sem conter as outras sete.

6.**Adeodato** - Compreendo.

7.**Agostinho** – Era isto, entretanto, que eu tentava dizer, que vocábulo e nome reciprocamente se significam.

8.**Adeodato** - Percebo, mas pergunto o que quererias dizer com: *as outras partes da oração ainda significarem a si mesmas.*

9.**Agostinho** - Não ensinou o raciocínio acima que às partes da oração poder-se-ia dizer nomes e vocábulos, ou seja, seriam significadas tanto

---

<sup>66</sup> Élio Donato (350 d.C.), autor de *Ars Grammatica*, no livro II, dividiu as partes dos discursos na língua latina em oito categorias: o nome, o verbo, o pronome, a preposição, a conjunção, o advérbio, a interjeição e o particípio. (WEEDWOOD, 2002, p.35)

por nome como por  
vocábulo?

10. **Adeodatus** - Ita est.

10. **Adeodato** - Assim é.

11. **Augustini** - Quid? ipsum nomen, id est sonum istum duabus syllabis expressum, si ex te quaeram, quid appelles, nonne recte mihi respondebis «nomen»?

11. **Agostinho** - Então? Mesmo o *no-me*, ou seja, o som expresso por estas duas sílabas, se acaso eu te perguntasse como os indicaria, por certo *nome* não me responderias?

12. **Adeodatus** - Recte.

12. **Adeodato** - Certamente.

13. **Augustini** - Num ita se significat hoc signum, quod quattuor syllabis enuntiamus, cum dicimus «coniunctio»? Hoc enim nomen inter illa, quae significat, numerari non potest.

13. **Agostinho** - *Coniunctio* (conjunção) por acaso este signo significaria o que pronunciamos ao proferirmos estas quatro sílabas,? Dado que entre outros que ele significa, o *nome* em si não poderia ser incluído.

14. **Adeodatus** - Accipio.

14. **Adeodato** - Concordo.

15. **Augustini** - Id est, quod dictum est nomen se ipsum significare cum aliis, quae significat; quod etiam de

15. **Agostinho** - Era isto que eu queria expressar, que nome<sup>67</sup> significa a si próprio e nomeia a outros

---

<sup>67</sup> Agostinho estaria considerando os escritos de Élio Donato, comentarista de várias peças de teatro, entre estas as do próprio Terênsius, citado em *De Magistro* 4.37: *Nome quid est? Pars orationis cum casu corpus aut rem proprie communiterre significans. Nomini quot accidunt? Sex. Quae? Qualitas, comparatio, genus, numerus, figura, casus* (in FURLAN, 1984, p. 43).

vocabulo per te ipsum licet intellegas.

16. **Adeodatus** - Iam facile est. Sed illud mihi nunc venit in mentem nomen et generaliter et specialiter dici, vocabulum autem inter octo partes orationis non accipi. Quare hoc quoque inter se praeter diversum sonum differre arbitror.

17. **Augustini** - Quid? nomen et ὄνομα distare inter se aliquid putas praeter sonum, quo etiam linguae discernuntur Latina et Graeca?

18. **Adeodatus** - Hic vero nihil aliud intellego.

19. **Augustini** - Perventum est ergo ad ea signa, quae se ipsa significant et aliud ab alio invicem significetur et quicquid ab uno hoc et ab alio et nihil praeter sonum inter se differant; nam hoc quartum modo invenimus; tria enim superiora et de nomine ac verbo intelleguntur.

significados, se entenderes que ele por si mesmo um vocábulo seja.

16. **Adeodato** - Agora está fácil. Mas, me ocorre que o termo nome poderia abranger sentido geral e especial, porém o vocábulo não se inclui entre as oito partes da oração. Acredito que diferenças entre eles existam, além do som diferente.

17. **Agostinho** - Qual? *Nomen* (nome em latim) e ὄνομα (nome em grego) se diferenciam além do som, o quanto na língua latina e grega se distinguem?

18. **Adeodato** - Aqui, realmente nada mais compreendo.

19. **Agostinho** - Desta forma chegamos a aqueles signos que significam a si mesmos e, mutuamente outros significam; o que por um seria significado será também pelo outro. Além do som em nada mais se diferenciam. Este é o quarto caso, posto

20. **Adeodatus** - Omnino perventum.

## VII

1. **Augustini** - Iam quae sermocinando invenerimus, velim recenseas.

2. **Adeodatus** - Faciam quantum possum. Nam primo omnium recordor aliquamdiu nos quaesisse, quam ob causam loquamur, inventumque esse docendi commemorandive gratia nos loqui, quando quidem nec, cum interrogamus, aliud agimus quam ut ille, qui rogatur, discat, quid velimus audire; et in cantando, quod delectationis causa facere videmur (non sit proprium locutionis), et in orando deo, quem doceri aut commemorari existimare non possumus, id verba valeant, ut vel nos ipsos commonefaciamus vel alii commemorentur doceanturve per nos. Deinde cum satis constitisset verba nihil aliud esse quam signa, ea vero, quae

que os três anteriores referiam-se a *nome e palavra*.

20. **Adeodato** - Atingimos realmente.

## VII – Reflexão de Adeodato

1. **Agostinho** - Agora gostaria que reportasses sobre o que dialogamos.

2. **Adeodato** - Farei o quanto puder. De certo, primeiramente me recordo que perquirimos por algum tempo o motivo pelo qual falamos; descobrindo ser para ensinar graças à rememoração; certamente, não apenas quando com nossa fala interpelamos, visto que ao interpelar, não pretendemos coisa outra que não seja saber daquele que é interpelado, o que dele queremos ouvir; vimos logo após que ao cantarmos, aquilo que fazemos por prazer da locução não seja próprio e, finalmente que ao orarmos a Deus, a quem não podemos ponderar ensinar

non aliquid significant, signa esse non posse, proposuisti versum, cuius verba singula, quid significant, conarer ostendere; is autem erat: «Si nihil ex tanta superis placet urbe relinqui». Cuius secundum verbum, quamvis notissimum et manifestissimum, quid tandem significaret, non reperiebamus. Cumque mihi videretur non frustra nos id in loquendo interponere, sed quod eo aliquid doceamus audientem, ipsam mentis

ou recordar<sup>68</sup>, as palavras servem para advertir a nós mesmos, ou para que outros por nós sejam advertidos ou ensinados. A seguir, bem estabelecido que palavras sejam signos e, que não poderiam ser signos coisas que nada significassem, propusestes um verso, cujas palavras me esforcei por mostrar os significados de cada palavra. O verso era: *Si nihil ex tanta superis placet urbe relinqui*. Quanto a segunda palavra<sup>69</sup> (nihil), embora

<sup>68</sup> Para Agostinho, a linguagem falada (*dicibilis*) se baseia em determinados sons (*sona*) e se apresenta como um sistema de signos à palavra (*verbum*); o significante (*sonus*) é o que percute em nossa audição e ao significado (*significatio*), só poderemos acessar se dele tivermos um conhecimento anterior, ou seja, a palavra se constitui numa lembrança e não propriamente em ensino. Isto levou Eco (1991) a citar que Agostinho, na esteira dos estoicos, chamou de *dictio* aquele *verbum vocis* que não só *foris sonat*, mas que é reconhecido enquanto um correlato a um *verbum mentis*.

<sup>69</sup> Em *De Magistro* leva Adeodato a concluir pela existência de Deus, em que trata da existência do inexistente, para que conclua pelo reverso, a partir da teoria do pré-socrático Demócrito de Abdera (460 – 370 a.C.), a partir de sua célebre afirmação: *nada nasce do nada, nada retorna ao nada, portanto o nada existe tanto quanto alguma coisa* (in PRÉ-SOCRÁTICOS, 2000, p.260). Questiona-o como poderia a palavra *nada* ser uma referência real, se não cita qualquer coisa; já que se referenciasse, tornar-se-ia algo e aí entraria em contradição com a sua designação. Na verdade, Agostinho preparava Adeodato para uma reflexão sobre a criação do mundo a partir do nada: “[...] Deus, Trindade Una e Unidade Trina, fora de vós nada havia com que pudesses criar: por isso fizestes o céu e a terra, aquele grande e esta pequena, porque sois onipotente e bom para fazer tudo bom, um grande céu e uma pequena terra. Só vós existíeis e nada mais, e fizestes o céu e a terra, dois acontecimentos, um

affectionem, cum rem, quam quaerit, non esse invenit vel invenisse se putat, hoc verbo fortasse indicari respondisti tu quidem, sed tamen nescio, quam profunditatem quaestionis ioco evitans in aliud tempus inlustrandam distulisti - ne me debiti quoque tui oblitum putes. Inde tertium in versu verbum cum satagerem exponere, urgebar abs te, ut non verbum aliud, quod idem valeret, sed rem ipsam potius, quae verbo significaretur, ostenderem, cumque id sermocinantibus nobis fieri non posse dixissem, ventum est ad ea, quae interrogantibus digito monstrantur. Haec ego corporalia esse omnia arbitrabar, sed invenimus sola visibilia. Hinc nescio quomodo ad surdos et histriones devenimus, qui non

conhecidíssima e muito clara, não conseguíamos encontrar seu significado e, a mim parecia que quando a empregávamos, não inutilmente o fazíamos, mas para ensinar a quem nos ouve algo conhecer, e respondestes que talvez esta palavra indicasse o próprio estado da mente em seu descobrir e, assim gracejando evitou se aprofundar na questão, adiando pra outro momento o esclarecimento, que não julgues tenha eu esquecido a dívida. A seguir, estimulou meu esforço com a terceira palavra do verso, tal a não expô-la por outra que tivesse o mesmo significado, mas mostrando a própria coisa significada pelas palavras, e tendo eu dito que isso não se poderia fazer falando, passamos para

---

próximo de vós, a outra próxima do nada, esta do qual vós é o superior, e o outro que em nada seria inferior a ela.<sup>69</sup> [...] foram feitas por Vós do nada, não, porém, da vossa substância ou de certa matéria pertencente a outrem ou anterior a Vós, mas de matéria concriada, isto é, criada por Vós ao mesmo tempo em que ela, e sem nenhum intervalo de tempo, fez passar da infirmitade à forma” (*in* CONFESSIUNUM LIBRI XIII – XII. 07 e VIII.33). Agostinho retomou o tema do *nada* quando estudou o tempo e a criação do mundo: “[...] atrevo-me a dizer sem receio de contestação que, se nada sobreviesse, não existiria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não teria o tempo presente” (*in* CONFESSIUNUM LIBRI XIII – XI.15).



sola, quae videri possunt, sed multa praeterea ac prope omnia, quae loquimur, gestu sine voce significant; eosdem tamen gestus signa esse comperimus. Tum rursus quaerere coepimus, quomodo res ipsas, quae signis significantur, sine ullis signis valeremus ostendere, cum et ille paries et color et omne visibile, quod intentione digiti ostenditur, signo quodam convinceretur ostendi. Hic ego errans cum inveniri tale nihil posse dixissem, tandem inter nos constitit ea posse demonstrari sine signo, quae, cum a nobis quaeruntur, non agimus et post inquisitionem agere possumus; locutionem tamen ex eo non esse genere, siquidem et loquentes cum interrogamur, quid sit locutio, ipsam per se ipsam demonstrare facile esse satis apparuit. Ex quo admoniti sumus aut signis signa monstrari aut signis alia, quae signa non sunt, aut etiam sine signo res, quas agere post interrogationem possumus, horumque trium primum diligentius considerandum discutiendumque suscepimus. Qua disputatione declaratum

aqueles objetos que se mostram com os dedos a quem interpela. Julgava eu fossem todos os objetos corpóreos, mas concluímos serem os visíveis. Daí, passamos não sei de que forma, aos surdos e estriões, que por meio de gestos e sem palavras significam não só as coisas visíveis, mas muitas outras e quase tudo aquilo que se poderia falar. Verificamos, todavia que estes gestos se constituem em signos, então recomecemos a examinar como mostrar sem signos as realidades mesmas, as quais se significariam por signos como àquela parede, a cor, e todo o visível que se intenta com o dedo, a distinguir um determinado signo. Tendo eu aqui errado ao dizer que nada poderíamos encontrar dessa classe, concordamos que se poderia mostrar sem signos aquelas coisas que quando nos são indagadas e, ao não estar no momento a fazê-las, poderíamos mostrá-las após a pergunta. A locução, todavia, não seria desta natureza, vimos com clareza ser fácil mostrá-la por meio de si

est partim esse signa, quae ab his signis, quae significant, significari vicissim non possent, ut est hoc quadrisyllabum, cum «coniunctio» dicimus, partim quae possent, ut, cum dicimus «signum», etiam verbum significamus, et cum dicimus «verbum», etiam signum significamus; nam signum et verbum et duo signa et duo verba sunt. In hoc autem genere, quo invicem se significant, quaedam non tantum, quaedam tantum, quaedam vero etiam idem valere monstratum est. Etenim hoc disyllabum, quod sonat, cum dicimus «signum», prorsus omnia, quibus quidque significatur, significat; non autem omnium signorum signum est, cum dicimus «verbum», sed tantum eorum, quae articulata voce proferuntur. Unde manifestum est, quamvis et verbum signo et signum verbo, id est et istae duae syllabae illis et illae istis significantur, plus tamen signum valere quam verbum plura scilicet illis duabus syllabis quam istis significantibus. Tantundem

mesma ao falar. Isto nos advertiu que, ou se mostram signos por meio de outros signos, ou com signos se mostram outras coisas que signos não sejam, ou, quando não são signos visíveis, após sermos questionados poderemos mostrá-los após a interpelação, e destes três casos, tomamos o primeiro para considerar e discutir cuidadosamente. Mediante esta discussão ficou tratado que em parte existem signos que não podem ser reciprocamente significados pelos signos que eles próprios significam, como no caso do quadrisílabo *coniunctio*; e há os que podem, como ao dizermos *signo* em que significamos a palavra e, ao dizermos *palavra*, significamos um *signo*. Sem dúvida, *signo* e *palavra* não são apenas dois signos, mas também duas palavras. No caso em que os signos se significam reciprocamente, mostrou que uns não têm a mesma extensão dos significados, enquanto outros se identificam. Desta forma ao dizermos o dissílabo *signo*, sem exceção significariamos

autem valet generale verbum et generale nomen. Docuit enim ratio omnes partes orationis etiam nomina esse, quod et pronomina his addi possunt et de omnibus dici potest, quod aliquid nominent et nulla earum sit, quae non verbo adiuncto pronuntiatum possit implere. Sed cum tantundem valeant nomen et verbum, eo quod omnia, quae verba sunt, sint etiam nomina, non tamen idem valent. Alia quippe de causa verba et alia nomina nuncupari satis probabiliter disputatum est; siquidem alterum horum ad auris verberationem, alterum ad animi commemorationem notandam esse compertum vel ex hoc intellegi potest, quod in loquendo rectissime dicimus: «quod est huic rei nomen»? rem memoriae mandare cupientes, «quod est autem huic rei verbum»? dicere non solemus. Quae vero non solum tantundem, sed etiam idem omnino significant et inter quae nihil praeter litterarum distet sonum, nomen et ὄνομα invenimus. Illud sane mihi elapsus erat in hoc genere, in quo invicem se significant,

todos os signos, pelos quais algo possa ser significado, mas se dissermos *palavra*, não se trataria de um signo de todos os signos, mas apenas daqueles articulados pela voz. Donde com clareza vemos que embora se signifiquem mutuamente; a palavra por um signo, e um signo por uma palavra, o signo tem uma expansão maior que a palavra, não obstante *signum* e *verbum* em sentido escrito terem a mesma extensão. Instruíu-nos o intelecto, que todas as partes da oração, nomes também seriam, posto que a elas se possam juntar pronomes, e de todas se poderia afirmar que nomeiam algo, não havendo nenhuma que se lhe juntarmos o verbo não pudesse formar uma proposição ou um enunciado perfeito. Muito embora nome e palavra (*signum* e *verbum*) tenham a mesma extensão, já que toda palavra também é nome, não se identificam. Efetivamente, por uma razão são designadas as palavras e por outra os nomes. O primeiro desses vocábulos assinala a percussão nos ouvidos e o

nullum nos signum  
comperisse, quod non inter  
cetera, quae significat, se  
quoque significet. Haec,  
quantum potui, recordatus  
sum. Tu iam videris, quem  
nihil puto in hoc sermone nisi  
scientem certumque dixisse,  
utrum ista bene ordinateque  
digesserim.

segundo evoca a alma; por  
conta disso corretamente, e  
desejando fixar algo na  
memória dizemos: *Que nome  
tem esta coisa?* E, não o  
contrário: *Que palavra tem esta  
coisa?* Quanto aos signos que  
não só tem apenas a mesma  
extensão, mas significam  
exatamente o mesmo, não  
existindo entre eles nenhuma  
diferença a não ser o som das  
letras; encontramos *nomen* e  
*ὄνομα*. A respeito dessa  
espécie de signos que  
mutuamente se significam, de  
mim fugira não termos  
encontrado nenhum signo  
que entre outras coisas, não  
significasse a si próprio. Eis o  
que melhor pude lembrar.  
Tu, de quem julgo nada ter  
dito nesta conversa que não  
tivesse ciência e certidão,  
verás agora se bem e  
ordenadamente discorri.

## VIII

1. **Augustini** - Satis tu quidem memoriter omnia, quae vellem, recoluisti, et, ut tibi fatear, multo evidentius mihi nunc videntur ista distincta, quam cum ea inquirendo ac disserendo de nescio quibus latebris ambo erueremus. Sed quonam tantis ambagibus tecum pervenire moliar, difficile dictu est hoc loco. Tu enim fortasse aut ludere nos et a seriis rebus avocare animum quasi quibusdam puerilibus quaestiunculis arbitraris aut parvam vel mediocrem aliquam utilitatem requirere aut, si magnum quiddam parturire istam disputationem suspicaris, iamiamque id scire sive saltem audire desideras. Ego autem credas velim neque me vilia ludicra hoc instituisse sermone, quamvis fortasse ludamus, idque ipsum tamen non puerili sensu

VIII – Análise dos significados<sup>70</sup> e a função da linguagem

1. **Agostinho** - Suficientemente bem de memória tudo reproduzistes, que se me apresenta restaurado e agora melhor que quando nos inquiríamos desvendar sua obscuridade. Mas, ao longo de tantos circunlóquios, difícil seria afirmar aonde contigo pretendo chegar. Tu certamente talvez penses que estejamos a brincar para, das coisas sérias, a alma desviar, com certas questões de pouca importância, ou que fiquemos a procurar uma utilidade qualquer, pequena e medíocre; se, porém pensas que desta discussão devemos produzir algo de importância, gostaria de sabê-lo agora, ouvir no mínimo um ensejo. Muito embora tivéssemos brincado, de minha parte desejaria que esta conversa não tivesse sido empreendida

---

<sup>70</sup> Nos **capítulos VIII-X**, Agostinho inicia a análise dos significados e a necessidade de refletir sobre a coisa significada e a função da linguagem para chegar-se à questão do conhecimento das coisas, afirmando que este é mais importante que seus signos:

aestimandum sit, neque parva bona vel mediocria cogitare. Et tamen, si dicam vitam esse quandam beatam eandemque sempiternam, quo nos deo duce, id est ipsa veritate, gradibus quibusdam infirmo gressui nostro accomodatis perducere cupiam, vereor, ne ridiculus videar, qui non rerum ipsarum, quae significantur, sed signorum consideratione tantam viam ingredi coeperim. Dabis igitur veniam, si praeludo tecum non ludendi gratia, sed exercendi vires et mentis aciem, quibus regionis illius, ubi beata vita est, calorem ac lucem non modo sustinere, verum et amare possimus.

como um divertimento trivial; não devemos interpretá-la em sentido pueril, já que em vida pequenos e medíocres bens nunca ajuizei. Contudo, se disser que há uma vida venturosa e sempiterna pela qual pretendo chegemos a Deus, ou seja, a própria Verdade, ao nos conduzir a passos inseguros por degraus<sup>71</sup>; temo parecer riziável ao iniciar e empreender tão grande caminhada considerando apenas os signos e não as coisas mesmas por eles significadas. Darias, portanto, permissão de a ti vir, não em distração, mas a fim de com vigor exercitar a lucidez da mente, para amarmos o calor e a luz dessa direção, onde se encontra a vida venturosa.

---

<sup>71</sup> A tradução de *gradibus* por *degraus* levou em consideração a passagem da Vulgata na qual Iacob viu Deus aqui da terra em um sonho, e chamou este lugar de a casa de Deus e a porta dos céus: [...] e teve um sonho: via uma escada, que, apoiando-se na terra, tocava o cimo do céu; e anjos de Deus subiam e desciam pela escada. No alto estava o Senhor<sup>71</sup> (GENESIS 28.12). À tradução de *infirmo*, considerei *inseguros*; na tradução de *ridiculus*, a tradução literal levaria à ideia de escárnio, assim optei por *rizível*.

2.**Adeodatus** - Perge potius, ut coepisti; nam numquam ego contemnenda putem, quae tu dicenda vel agenda putaveris.

3.**Augustini** - Age iam ergo illam partem consideremus, cum signis non alia signa significantur, sed ea, quae significabilia nominamus. Et primum dic mihi, utrum homo homo sit.

4.**Adeodatus** - Nunc vero an ludas, nescio.

5.**Augustini** - Quid ita?

6.**Adeodatus** - Quia quaerendum ex me censes, utrum homo aliud sit quam homo.

7.**Augustini** - Ita credo te illudi arbitraberis, si etiam quaererem, utrum prima huius nominis syllaba aliud sit quam «ho» et aliud secunda quam «mo».

8.**Adeodatus** - Ita omnino.

2.**Adeodato** - Continua como começastes, pois o que julgas se deva dizer ou fazer, eu não poderia julgar desprezível.

3.**Agostinho** - Então adiante e considere aquela parte em que os signos não significam outros signos, mas as coisas que avocamos significáveis. Primeiro, dize-me: *acaso homem seria homem?*

4.**Adeodato** - Agora, na verdade não sei se brincas.

5.**Agostinho** - Por que?

6.**Adeodato** - Porque me interpelas se o homem seria alguma coisa diferente de homem.

7.**Agostinho** - Creio do mesmo modo julgarias estivesse eu a brincar se perguntasse se a primeira sílaba deste nome seria diferente de *ho*, e a segunda diferente de *mem*.

8.**Adeodato** – Sim, realmente.

9.**Augustini** - At istae duae syllabae coniunctae «homo» est; an negabis?

10.**Adeodatus** - Quis neget?

11.**Augustini** - Quaero ergo, num tu duae istae syllabae coniunctae sis.

12.**Adeodatus** - Nullo modo, sed video, quo tendas.

13.**Augustini** - Dicit ergo, ne me contumeliosum putes.

14.**Adeodatus** - Concludi existimas, quod homo non sim.

15.**Augustini** - Quid? tu non idem existimas, qui omnia superiora, ex quibus hoc confectum est, vera esse concedis?

16.**Adeodatus** - Non tibi ego dicam, quid existimem, nisi prius abs te audiero, cum quaereres, utrum homo homo sit, de duabus istis syllabis an

9.**Agostinho** – Entrementes, negarias que as duas sílabas juntas significam *homem*?

10.**Adeodato** - Quem negaria?

11.**Agostinho** - Pergunto, então, se tu serias estas duas sílabas juntas?

12.**Adeodato** - De nenhum modo, mas compreendo o que intentas.

13.**Agostinho** - Diga pois, então, que eu de ti zombando não esteja.

14.**Adeodato** - Consideras concluir que eu homem não seja não seja?

15.**Agostinho** – Por quais razões não pensarias o mesmo tu que admites serem verdadeiros tudo que resumimos e, por onde isso se conclui?

16.**Adeodato** - Não direi o que penso antes de te ouvir. Ao me interpelar se homem é homem, refererias a essas duas sílabas ou sobre aquilo que significam?



de re ipsa, quam significant,  
me interrogaveris.

17.**Augustini** - Tu potius responde, ex qua parte acceperis interrogationem meam; nam si est ambigua, prius hoc cavere debuisti neque mihi respondere, antequam certus fieres, quonam modo rogaverim.

18.**Adeodatus** - Quid enim me impediret haec ambiguitas, cum ego ad utrumque responderim? Homo enim prorsus homo est; nam et istae duae syllabae nihil aliud sunt quam istae duae syllabae, et id, quod significant, nihil aliud est quam id, quod est.

19.**Augustini** - Scite hoc quidem, sed cur hoc solum, quod dictum est homo, non etiam cetera, quae locuti sumus, ad utrumque accepisti?

20.**Adeodatus** - Unde enim convincor, quod et cetera non sic acceperim?

21. **Augustini** - Ut alia omittam, eam ipsam primam

17.**Agostinho** - Podes responder com qual sentido tomou minha pergunta, de fato ambígua; deverias ser precavido em não responder antes de por certo creditares à forma pela qual eu perguntava.

18.**Adeodato** - Como impedirias esta ambiguidade se respondi a uma coisa e a outra? Homem certamente refere o ser homem, e essas não são senão duas sílabas e por isso o que significam nada mais seria que aquilo que são.

19.**Agostinho** - Esclarecedor o que dizes, mas por que tomaste homem apenas segundo dois aspectos, e não também sob outros que dissertamos?

20.**Adeodato** – Como convencer-me-ia de que não tomei sob outros?

21.**Agostinho** - Omitindo os outros, se tivesses tomado

rogationem meam, si totam ex ea parte accepisses, qua syllabae sonant, nihil mihi respondisses; possem tibi enim videri etiam nihil interrogasse. Nunc vero cum tria verba sonuerim, quorum unum in medio repetivi dicens, «*utrum homo homo sit*» primum et ultimum verbum non secundum ipsa signa, sed secundum ea, quae his significantur, te accepisse vel hoc solo manifestum est, quod statim certus ac fidens rogationi respondendum putasti.

22. **Adeodatus** - Verum dicis.

23. **Augustini** - Cur ergo id tantum, quod in medio positum est, et secundum id, quod sonat, et secundum id, quod significat, te accipere libuit?

minha primeira pergunta por todo o sentido dos sons das sílabas, nada terias respondido; e até poderia parecer que nada eu tivesse perguntado. Na verdade quando fiz ressoar três palavras, uma delas eu reproduzi no centro dizendo: *utrum homo homo sit* (acaso *homem*, homem *seria*?). Entre a primeira e a última palavra, tem a segunda que não seria o próprio signo, mas sim a realidade significada por ela. Aceitaste apenas o que foi manifesto. Certo e confiante julgou ter respondido a questão.

22. **Adeodato** - Dizes a verdade.

23. **Agostinho** - Por que tomaste por tão pouco as posicionadas ao centro, conforme o que sonorizavam, para priorizar a seguinte (*seria*)? Interpretastes como te agradava?<sup>72</sup>

<sup>72</sup> Neste caso, é necessário ler o texto VIII.21: [...] *utrum homo homo sit* [...]. Adeodato escolheu privilegiar a primeira e a quarta, e as duas do meio não escolheu. *Secundum* é um advérbio de lugar, significa, neste caso, o que pospõem, assim a traduzi por *a seguinte*. *Libuit* é o perfeito de *libet* que significa

24. **Adeodatus** - Ecce iam totum ex ea tantum parte, qua significatur, accipio; assentior enim tibi sermocinari nos omnino non posse, nisi auditis verbis ad ea feratur animus, quorum ista sunt signa. Quare ostende nunc, quomodo ista ratiocinatione deceptus sim, qua me hominem non esse concluditur.

25. **Augustini** - Immo eadem rursus interrogabo, ut ipse invenias, ubi lapsus sis.

26. **Adeodatus** - Bene facis.

27. **Augustini** - Illud ergo, quod primo quaesieram, quia iam dedisti, non quaeram.

24. **Adeodato** - Agora ocorre que tomei o significado do todo por uma parte. Concordo contigo em não poder do todo discorrer, a não ser ao ouvir as palavras e à alma levá-las, para enumerar quais seriam signos. Perquiria e mostre como o raciocínio me enganou ao concluir que homem, homem não fosse.

25. **Agostinho** - Ao contrário, interpelarei as mesmas questões, para que tu encontres tuas falhas<sup>73</sup>.

26. **Adeodato** - Fazes bem.

27. **Agostinho** - Não procurarei questionar sobre aquilo já inquirido e

---

agradar, dar prazer, ao que traduzi por *agradava*. *Accipere* significa *compreender, interpretar*.

<sup>73</sup> Para os historiadores Philippe Ariès e Georges Duby, a relação entre o ensino e a formação do caráter em Roma, tinha por características: “Teoricamente a educação (em Roma), tinha por objetivo temperar o caráter a tempo para que os indivíduos pudessem resistir, depois de adultos, ao micróbio do luxo e da decadência, que, devido ao vício daqueles tempos, estava em toda a parte [...] somente a severidade, que aterroriza os apetites tentadores, desenvolve o caráter” (ARIÈS, 2004, p. 29). Agostinho tem esse objetivo, entretanto, na metodologia pedagógica empregada com Adeodato, pois faz uso do estilo socrático de diálogos que propõe questões, sem fornecer a solução, servindo tão somente para que os discípulos encontrem caminhos que levem a ela. Ao conduzir seus interlocutores a descobrirem a si mesmos, fazê-los nascer para si ao rememorar verdades percebidas outrora.

Vide igitur diligentius, utrum syllaba «ho» nihil aliud sit quam «ho» et utrum «mo» nihil aliud sit quam «mo».

28.**Adeodatus** - Hic prorsus nihil aliud video.

29.**Augustini** - Vide etiam, num istis duabus iunctis homo fiat.

30.**Adeodatus** - Nequaquam hoc concesserim; placuit enim et recte placuit signo dato id, quod significatur, adtendere et ex eius consideratione vel dare vel negare quod dicitur. Illae autem separatim enuntiatae syllabae, quia sine ulla significatione sonuerunt, hoc eas esse, quod sonuerunt, concessum est.

31.**Augustini** - Placet igitur firmumque animo tenes non respondendum esse interrogationibus, nisi ex his rebus, quae verbis significantur.

submetido. Vide com atenção se a sílaba *ho* nada mais seria que *ho*, e se a sílaba *mem* nada mais que *mem*.

28.**Adeodato** - Aqui diretamente nada mais vejo.

29.**Agostinho** - Vide também, se estas duas juntas fazem um homem.

30.**Adeodato** - De modo nenhum assentiria; certamente concordamos que a todo signo dado corresponderia um significado e, que após sua análise o que se apreço se concede ou se nega. Ora, essas sílabas em separado pronunciadas não teriam significação alguma, assim estabelecido fica serem apenas aquilo que ressoam.

31.**Agostinho** - Concordamos, pois, e tu tens na alma a convicção de não responder quando interpelado, senão segundo às coisas pelas palavras significadas.

32. **Adeodatus** - Non intellego, cur displiceat, si modo verba sint.

33. **Augustini** - Vellem scire, quomodo illi resisteres, de quo iocantes solemus audire, quod ex eius ore, cum quo disputabat, leonem processisse concluderit. Cum enim quaesisset, utrum ea, quae loqueremur, nostro ore procederent, atque ille non potuisset negare, quod facile fuit, egit cum homine, ut in

32. **Adeodato** - Não compreendo por que não fazê-lo, desde que de palavras se trate.

33. **Agostinho** - Queria saber como te oporias àquele do qual ouvimos zombarias, quando assumiu ter saído o anticristo<sup>74</sup> da boca da pessoa com quem debatía. De fato, acaso questionado se o que falamos de nossa boca procede, ao não poder algo fácil de obter negar, impeliu o oponente a exclamar o

---

<sup>74</sup> Segundo Heinz-mohr (1994), o leão é representado em numerosos pórticos de igrejas com um homem indefeso em suas fauces. Sua goela aberta é comparada à abertura do inferno, como há nos capitéis do claustro de Pipoll – Espanha. Segundo Eco, o alegorismo no cristianismo atingiu o cerne do Signo: “Em um universo simbólico tudo está no próprio lugar, porque tudo se corresponde, as contas são exatas, uma relação de harmonia faz a serpente semelhante a virtude da prudência e a correspondência polifônica das referências e dos signos é tão complexa que a mesma serpente poderá equivaler, sob outro ponto de vista, a figura de Satanás... O homem medieval vivia efetivamente em um mundo povoado de significados, referências, supra-sentidos, manifestações de Deus nas coisas em uma natureza que falava continuamente uma linguagem heráldica. Lá, um leão não era só um leão, uma noz não era só uma noz, um hipogrifo era real como um leão, porque como este era signo irrelevante, existencialmente, de uma verdade superior” (1989, pp. 72-75). Eco realça que a terrível boca da fera no *prae-medioevo* simbolizava a entrada do inferno: [...] *per leonem anticristum intelligitur* (por leão compreendemos o Anti-cristo) e, recomenda que para discernir se a palavra *leão* deva ser vista como figura do Cristo ou do Anti-cristo, há que se proceder a análise do contexto e encontrar a melhor interpretação, que se dá ao recorrer a uma *auctoritas* em análise intertextual (1989, p. 87). A partir das considerações efetuadas não haveria como traduzir *leonis* a não ser por *anticristo*.

loquendo leonem nominaret. Hoc ubi factum est, ridicule insultare coepit et premere, ut, quoniam, quicquid loquimur, ore nostro exire confessus erat et leonem se locutum esse nequibat abnuere, homo non malus tam inmanem bestiam vomuisse videretur.

34.**Adeodatus** - Minime vero erat arduum scurrae huic resistere; non enim concederem ore nostro exire quaecumque loquimur. Nam quae loquimur, ea significamus, non autem res, quae significatur, sed signum, quo significatur, loquentis ore procedit, nisi cum ipsa signa significantur, quod genus paulo ante tractavimus.

35.**Augustini** - Bene tu quidem hoc modo adversus illum esses paratus. Verumtamen mihi quid responderis, utrum homo nomen sit, requirenti?

36.**Adeodatus** - Quid nisi esse nomen?

nome do anticristo. Quando isto ocorreu, jocosamente começou a insultá-lo, incitando que tudo o que falamos seria lançado de nossa boca e não tendo aquele homem sem maldade como negar o que pronunciou, dava mostras de uma besta feroz ter vomitado.

34.**Adeodato** – Absolutamente, nada difícil seria a esse libertino se opor; eu não assentiria que tudo o que pronunciamos, de nossa boca saia. Ao falarmos significamos não a coisa própria significada, mas o signo que a fala emite; a não ser como há pouco tratamos, que ao falar possamos significar a palavra como próprio signo.

35.**Agostinho** - Deste modo bem preparado estarias contra aquele. Todavia o que responderias se te perguntasse se homem seria um nome?

36.**Adeodato** - Que mais, a não ser um nome?

37.**Augustini** - Quid? cum te video, num nomen video?

38.**Adeodatus** - Non.

39.**Augustini** - Visne igitur dicam, quod sequitur?

40.**Adeodatus** - Ne quaeso; nam mihi ipse renuntio me hominem non esse, qui nomen esse responderim, cum homo utrum nomen esset inquireret. Iam enim placuerat ex ea re, quae significaretur, aut assentiri aut negare quod dicitur.

41.**Augustini** - At mihi videtur non te frustra in hanc responsionem decidisse; nam vigilantiam tuam mentibus nostris indita ipsa lex rationis evicit. Nam si quaereres, quid esset homo, responderes fortasse animal; si autem quaereres, quae pars orationis esset homo, nullo modo posses recte respondere nisi nomen. Quam ob rem, cum homo et nomen et animal esse

37.**Agostinho** - Então? Quando te vejo, por ventura vejo um nome?

38.**Adeodato** - Não.

39.**Agostinho** - Quererás, portanto que te diga o que daí prossegue?

40.**Adeodato** - Não se faz necessário; quando perguntaste se homem acaso seria um nome, a mim mesmo antes proclamastes não ser homem, ser um nome. Concordamos que deveríamos aprovar ou negar o que se diz a partir dos significados daquilo que dizemos.

41.**Agostinho** – Contudo, a mim parece que não em vão decidiu por essa réplica; de fato tua vigilância triunfou sobre a própria lei da razão incutida em nossas mentes. Se te questionasses o que seria homem, responderias talvez um animal, mas se perguntasse a que parte da oração corresponderia *homem*, de nenhum modo poderias corretamente responder a não ser ao *nome*. Voltando há

inveniat, illud dicitur ex ea parte, qua signum est, hoc ex parte rei significatur. Qui ergo quaerit, utrum homo nomen sit, nihil ei aliud quam esse respondeam; satis enim significat ex ea parte se velle audire, qua signum est. Si autem quaerit, utrum animal sit, multo proclivius adnuam; quoniam si tacens et nomen et animal tantum quid esset homo requireret, placita illa loquendi regula ad id, quod his duabus syllabis significatur, animus curreret neque quicquam responderetur nisi animal, vel etiam tota definitio diceretur, id est animal rationale mortale; an tibi non videtur?

42. **Adeodatus** - Prorsus videtur. Sed cum esse nomen concesserimus, quomodo illam conclusionem nimis contumeliosam evitabimus, qua nos homines non esse conficitur?

pouco, quando descobrimos ser *homem* um *nome* e também *animal*; o dito primeiro é signo, e o posterior seu significado. A quem, portanto, me perguntar se homem seria nome, nada mais responderia senão que seria, porque com esta pergunta ele deixou claro querer saber a respeito de homem apenas como um signo. Se perguntasse se seria animal, prontamente confirmaria, porém se silenciasse quanto a nome ou animal ao que estivesse procurando, agradecer-me-ia falar daquela regra sobre o significado das duas sílabas, (*ho + mo*), ao que a alma corretamente responderia senão animal, ou até diria toda a definição, animal racional mortal; a ti não parece?

42. **Adeodato** - Parece-me correto. Mas, se assentirmos ser nome, como evitar que nós homens não sejamos submetidos àquela conclusão demasiadamente ultrajante?



43.**Augustini** - Quomodo putas nisi docendo non ex ea parte illatam, qua interroganti assentiebamur? Aut si ex ea parte illam se fatetur inferre nullo modo est formidanda. Quid enim metuum hominem, id est tres istas syllabas non esse me confiteri?

44.**Adeodatus** - Nihil est verius. Cur ergo animum offendit, cum dicitur: «Non es igitur homo», cum secundum illa concessa nihil verius dici potuerit?

45.**Augustini** - Quia non possum non putare ad id conclusionem referri, quod his duabus syllabis significatur, simulatque ista verba sonuerint, ea scilicet regula, quae naturaliter plurimum valet, ut auditis signis ad res significatas feratur intentio.

46.**Adeodatus** - Accipio quod dicis.

43.**Agostinho** – Como supões a não ser ensinando a quem interpela que não aprovamos aquela conclusão? Ou se ele declara que a infere desse inciso, não há o que recear. Por que temeria eu confessar não ser homem, ou seja, não ser estas três sílabas (ho-mi-ne)?

44.**Adeodato** - Nada seria tão apropriado. Porque nos fere a alma a afirmação: *Que homem não seja*; quando assentimos nada existir de maior verdade?

45.**Agostinho** - Não posso deixar de refletir naquela conclusão, quanto aos significados daquelas duas sílabas não se relacionar com o que significam, face evidentemente aquela regra de altíssimo valor, que ao se ouvir signos, se busca coisas por ele significadas.

46.**Adeodato** - Aceito o que dizes.

## IX

1. **Augustini** - Proinde intellegas volo res, quae significantur, pluris quam signa esse pendendas. Quicquid enim propter aliud est, vilius sit necesse est quam id, propter quod est, nisi tu aliud existimas.

2. **Adeodatus** - Videtur mihi non temere hic esse assentiendum; nam cum dicimus caenum, longe hoc nomen arbitror rei, quam significat, antecellere. Quod enim nos offendit audientes, non ad ipsius verbi pertinet sonum; caenum enim nomen mutata una littera caelum est. Inter illa vero, quae his nominibus significantur, quantum distet, videmus. Quamobrem nequaquam huic signo tribuerim, quod in re, quam significat, odimus, et propterea hoc illi iure antepono; libentius enim hoc audimus, quam ullo sensu illud attingimus.

## IX - Valores das coisas significadas pelos signos

1. **Agostinho** - Por isso queria que compreendesses os múltiplos valores às coisas significadas pelos signos. A não ser que o contrário julgues. O que quer que seja face outro, tem valia inferior a aquilo pelo qual existe.

2. **Adeodato** - Meu entendimento seria que não se possa irrefletidamente concordar com isso, porque ao dizemos *caenum* (imundície), julgo que o nome esteja muito além daquilo que significa. O que choca ouví-la não seria o som pertinente a palavra; se mudarmos apenas uma letra, *caenum* passará a *caelum* (céu). Com razão situo este à frente, conquanto exista prazer em ouvi-la. Entre ambas, as realidades significadas distantes se fazem. Se no sentido da própria pálvra não me detiver, terei razões além, para não atribuir ao signo (*caenum*) aquilo que repulsa em seu significado.

3.**Augustini** - Vigilantissime omnino. Itaque falsum est omnes res pluris quam earum signa esse pendendas.

4.**Adeodatus** - Ita videtur.

5.**Augustini** - Dic ergo mihi, quid arbitraris eos secutos esse, qui huic rei tam foedae atque aspernabili nomen indiderunt, vel utrum eos probes an improbes?

6.**Adeodatus** - Ego vero illos nec probare nec improbare audeo nec, quid fuerint secuti, scio.

7.**Augustini** - Potesne saltem scire, quid tu sequaris, cum hoc nomen enuntias?

8.**Adeodatus** - Hoc plane possum; nam significare volo, ut eum, cum quo loquor, doceam vel admoneam de re illa, quod eum doceri vel admoneri oportere arbitror.

3.**Agostinho** - Tudo muito lúcido. Por consequência falso seria que às coisas se devesse ter em conta como de maior valia que seus signos.

4.**Adeodato** - Assim entendo.

5.**Agostinho** - Logo, diga-me quais intenções teriam aqueles que deram este nome a algo tão asqueroso e abjeto; tu aprovas ou desaprovas?

6.**Adeodato** - Eu, em verdade não posso aprovar nem desaprovar, não sei como se tenha assim decernido.

7.**Agostinho** - Poderias ao menos saber que intenções terias ao pronunciar este nome?

8.**Adeodato** - Posso claramente. Com esse signo quero ensinar ou advertir a pessoa com quem falo, por julgar necessário ensiná-la ou rememorá-la.

9.**Augustini** - Quid? ipsum docere aut admonere sive doceri aut admoneri, quod vel tu exhibes commode per hoc nomen vel exhibetur tibi, nonne carius quam ipsum nomen habendum est?

10.**Adeodatus** - Concedo ipsam scientiam, quae per hoc signum evenit eidem signo esse anteponendam, sed non ideo etiam rem ipsam puto.

11.**Augustini** - In illa igitur sententia nostra, quamquam sit falsum res omnes signis suis praeponi oportere, non tamen falsum est omne, quod propter aliud est, vilius esse quam id, propter quod est. Cognitio quippe caeni, propter quam hoc nomen est institutum, pluris habenda est ipso nomine, quod eidem caeno praeponendum esse comperimus. Non enim ob aliud ista cognitio signo, de quo agimus, antelata est, nisi quia illud propter hanc, non haec propter illud esse convincitur. Nam ita cum quidam vorator ventrisque, ut

9.**Agostinho** - Mas o quê? Mesmo ensinando ou rememorando, ou se for ensinado ou rememorado, o que fizeres facilmente com este nome ou a ti façam, não será mais digno de estima que o próprio nome?

10.**Adeodato** - Assinto que à própria ciência, da qual advém este signo, deveria antepor aquilo do qual signo se faz, embora creio nem isto purificar a realidade da coisa mesma pudesse.

11.**Agostinho** - De nossa afirmação por consequência, ainda que falso seja que a todas as coisas antepor a seus signos devam, no entanto falso não seria que por isso de menor valia fossem quão as que ao seu lado estão. O conhecimento da imundície pelo qual este nome se formou, contém muito mais que o próprio nome; conforme descobrimos anteposto ser em relação a aquilo que pela imundície notamos. Não por outra razão, certamente, o conhecimento devesse antepor ao signo do qual

ab apostolo dicitur, cultor diceret ideo se vivere, ut vesceretur, non tulit, qui audiebat, frugi homo et «quanto» inquit «melius ideo vescereris, ut viveres». Uterque tamen ex eadem ista regula locutus est; nam neque alia de causa ille displicuit, nisi quod vitam suam tam parvi penderet, ut eam duceret gutturis voluptate viliorem dicendo se propter epulas vivere, neque hic ob aliud iure laudatur, nisi quod in his duobus, quid propter quid fieret, hoc est, quid cui subiectum esset intellegens, cibandum potius, ut vivamus, quam vivendum, ut cibemur, admonuit. Similiter et tu fortasse et quilibet hominum non imperite res aestimantium dicenti cuiquam loquaci amatorique verborum «ideo doceo, ut loquar» responderetis «homo, cur non potius ideo loqueris, ut doceas?» Quod si haec vera sunt, sicuti esse cognoscis, vides profecto, quanto verba

tratamos face a preferência, senão por aquilo a ser demonstrado. Como disse o Apóstolo, tendo asseverado certo comilão pançudo<sup>75</sup>, que vivia para comer, quando contradito por um sensato homem que o ouvia, lhe respondeu: *digo quanto melhor seria se comesses para viver*. Assim falou seguramente por essa mesma regra; o primeiro não desagradou senão por ter avaliado sua vida em tão pouco, tomando-a em menor conta que os prazeres da gula, ao afirmar só de banquete viver; o outro louvor recebe a não ser porque ao compreender o que entre viver e comer está submisso um ao outro, rememorou que se deve comer para viver, e não viver para comer. De forma semelhante, tu, e todo homem que as coisas adequadamente não ajuizasse a algum ignorante que dissesse: *ensino a falar; responderias: Homem! Por que*

---

<sup>75</sup> Agostinho está se referindo a uma passagem da Sagrada Escritura: *Esses tais não servem a Christus nosso Senhor, mas ao próprio ventre. E com palavras adocicadas e linguagem lisonjeira enganam os corações simples*<sup>75</sup> (ROMANOS 16.18). A tradução literal de *ventrisque* estaria ligada ao *ventre*, no entanto, para dar o sentido de um grande ventre, traduzi-a por *pançudo*.

minoris habenda sint, quam id, propter quod utimur verbis, cum ipse usus verborum iam sit verbis anteponendus; verba enim sunt, ut his utamur; utimur autem his ad docendum. Quanto est igitur melius docere quam loqui, tanto melior quam verba locutio. Multo ergo melior doctrina quam verba. Sed cupio audire, quid forte contradicendum putes.

12. **Adeodatus** - Assentior quidem meliorem quam verba esse doctrinam, sed utrum adversus istam regulam, qua dicitur omne, quod propter aliud est, inferius esse quam id, propter quod est, nihil sit, quod obici possit, ignoro.

13. **Augustini** - Alias hoc oportunius diligentiusque tractabimus. Nunc illud, quod concedis, satis est ad id, quod conficere studeo. Das enim cognitionem rerum quam signa rerum esse cariorem. Quamobrem cognitio rerum,

*não falas para ensinar?* Se verdade como reconhecemos ser, com certeza vides quanto em menor conta se deve ter as palavras em razão daquilo por qual as usamos; o próprio uso das palavras deve antepor a elas, posto que sejam para ser usadas, e as usamos para ensinar. Logo, melhor seria ensinar, que falar, quanto melhor a locução que as palavras, tanto seja a doutrina que as palavras. Mas, desejo ouvir o que porventura a opor tenhas.

12. **Adeodato** - Concordo ser a doutrina melhor que as palavras; mas acaso sou contra esta regra que diz: *tudo o que existe por causa de outra coisa, seria inferior a aquilo pelo qual ela própria exista; nada mais posso colocar além de que a ignoro.*

13. **Agostinho** – Cuidadosamente, em outro momento trataremos disso. Porquanto aquilo que assentis seria suficiente ao que eu gostaria de completar. Vides que de fato pensas ser o conhecimento tão maior a

quae significantur, cognitioni signorum anteferenda est; an tibi non videtur?

14. **Adeodatus** - Num ego cognitionem rerum cognitione signorum ac non signis ipsis praestantiorem esse concessi? Quare vereor, ut hic tibi assentiar. Quid? si enim, ut caenum nomen melius est ea re, quam significat, ita et huius nominis cognitio cognitioni quoque illius rei est anteponenda, quamvis ea cognitione sit ipsum nomen inferius? Quattuor quippe sunt: nomen et res, cognitio nominis et cognitio rei. Sicut ergo primum secundo, cur non et tertium quarto antecellat? Sed non antecellat, num etiam subiciendum est?

15. **Augustini** - Mire omnino te video et tenuisse, quid concesseris, et explicasse, quid senseris. Sed, ut opinor, intellegis hoc trisyllabum nomen, quod sonat, cum

ponto do signo carecer. Por quais razões o conhecimento dos significados das coisas, deveria antepor o conhecimento dos signos; ou assim não concordas?

14. **Adeodato** - Acaso assenti ser o conhecimento das coisas superior ao dos próprios signos? Por quais razões hesitaria este propósito aprovar. Por quê? E se o nome *imundície*, que dissestes ser melhor que a coisa que significa, ao conhecimento se antepuser tanto quanto se queira que o próprio nome seja ao da coisa inferior? São quatro termos: *nome, coisas, conhecimento dos nomes e das coisas*. Logo se o primeiro superior se faz ao segundo, porque também não seria o terceiro em relação ao quarto? Mas se superior não for, não há de subordinado lhe ser?

15. **Agostinho** - Vides que tudo o que compreendestes tênue se constitui e, o que assentistes a aquilo que sentiu explica. Mas penso entenderes que este nome

dicimus «vitium», melius esse quam id, quod significat, cum ipsius cognitio nominis multo sit inferior cognitione vitiorum. Licet itaque constituas etiam ista quattuor atque consideres nomen et rem, cognitionem nominis et cognitionem rei, primum secundo iure praeponimus. Hoc enim nomen positum in carmine, cum ait Persius «sed stupet hic vitio», non modo nihil vitii fecit in versu, sed non nihil etiam ornati dedit, cum tamen res ipsa, quae significatur hoc nomine, in quocumque inest, cogit esse vitiosum. At non ita et tertium quarto, sed quartum tertio videmus excellere. Huius enim cognitio nominis vilis est prae cognitione vitiorum.

trissílabo; *vitium* (vício) melhor seja que aquilo que significa e, no entanto o conhecimento desse nome se faz muito inferior ao conhecimento dos vícios, conquanto proponhas e estabeleças esses quatro elementos, *nome e coisa, conhecimento do nome e conhecimento da coisa*, antepondo o primeiro ao segundo. Por isso *Persius* ao colocar este nome em um verso<sup>76</sup>: *sed stupet hic vitio*, (mas se entorpeceu pelo vício), não tornou o verso viciado, pelo contrário, uma ornamentação lhe deu, conquanto a coisa mesma significada por este nome no que quer que esteja, compreenderia o estado de viciado. Entretanto, não vemos que o terceiro seja superior ao quarto, mas sim o quarto ao terceiro. O conhecimento do nome, pelo contrário, efetivamente pouco vale diante do conhecimento dos vícios.

<sup>76</sup> Agostinho está se referindo a Aulo Persius Flacus (34 - 62), poeta estóico romano, conhecido por empregar em suas sátiras um tom moralista de alto grau. Criticou ferozmente a decadência em que se encontrava ao seu tempo a ética romana (Sátira III.32).



16.**Adeodatus** - Etiamne cum ista cognitio miseriores facit, censes esse praeferendam? Nam idem Persius omnibus poenis, quas tyrannorum vel crudelitas excogitavit vel cupiditas pendit, hanc unam anteposit, qua cruciantur homines, qui vitia, quae vitare non possunt, coguntur agnoscere.

17.**Augustini** - Potes hoc modo cognitioni huius nominis ipsam quoque virtutum cognitionem negare praeferendam, quia virtutem videre nec tenere supplicium est, quo idem ille satiricus tyranni ut puniantur optavit.

18.**Adeodatus** - Deus hanc avertat amentiam. Iam enim intellego non ipsas cognitiones, quibus animum imbuunt optima omnium disciplina, esse culpandas, sed eos omnium miserrimos iudicandos, sicut et Persium iudicasse arbitror, qui tali morbo affecti sunt, cui nec tanta medicina subveniat.

16.**Adeodato** - Já que este conhecimento infelizes nos faz, preferi-lo não estimarias? De fato, mesmo a *Persius* que a crueldade de todas as penas aos tiranos desejasse ou imaginasse, o anteporia a perplexidade única desta punição que atormenta os homens forçados a reconhecer nos vícios o que não podem evitar.

17.**Agostinho** - Deste modo, poderias negar que preferir se deva o próprio conhecimento das virtudes ao conhecimento do nome, posto conhecer uma virtude sem tê-la seria um suplício, o qual o próprio poeta satírico desejou aos tiranos como punição.

18.**Adeodato** - Deus afaste esta loucura! Compreendo agora que nem os próprios conhecimentos ensinar possam com a perfeita disciplina a esses negligentes, mas precisamos em todo julgamento nos apiedar, como *Persius* também julgou a aqueles que desta doença

19. **Augustini** - Bene intellegis; sed quoquo modo se habeat Persiana sententia, quid ad nos? Non enim horum auctoritati subiecti sumus in talibus rebus. Deinde si qua cognitio cui cognitioni praeferenda sit, non hic facile est explicare. Satis habeo, quod effectum est cognitionem rerum, quae significantur, etsi non cognitione signorum ipsis, tamen signis esse potioem. Quare iam illud magis magisque discutiamus, quale sit genus rerum, quas sine signis monstrari posse dicebamus per se ipsas, ut

da alma afetados, nenhuma ciência médica os curararia<sup>77</sup>.

19. **Agostinho** - Compreendestes bem, mas o parecer de *Persius*, no que importa? Não nos submeteremos à autoridade destas pessoas em tais coisas. Além do que se algum conhecimento se deva preferir a outro, explicar não seria fácil, basta o que temos; efetivamente o conhecimento das coisas que são significadas tem valor superior ao conhecimento dos próprios signos e, a estes são preferíveis. Portanto, separemos ainda mais as categorias de realidades, que dizíamos poderem mostrar-

---

<sup>77</sup> É necessário analisar as referências no capítulo 2.9, em que a alma é a mediadora do encontro do homem com Deus e ainda considerar o que Agostinho escreveu dirigindo-se a *Christus* como médico divino: “Ai de mim! O meu Senhor tenha compaixão de mim! Ai de mim, eu não escondo minhas feridas: Tu és o médico, eu sou o doente; tu és a misericórdia eu sou a miséria” ( *in* CONFSSIONUM LIBRI XIII - X.28.39). Estas observações me levaram a traduzir a palavra latina *culpandas* por *negligentes*, disponibilizada em dicionários de latim-português jurídico. *Morbo* significa doença, mas, neste caso, está ligada a *vício*; certamente Agostinho não está se referindo a *doença do corpo*. Agostinho arrogava a Satanás como o pai da matéria infeccionada. A impossibilidade de uma cura para este mal pela ciência me levou a traduzir *morbo* por *doença da alma* e a palavra latina *medicina* não teria, neste caso, sua tradução por *remédio*; portanto fiz a opção por *ciência médica*, à ciência dos humanos.

loqui, ambulare, sedere, iacere atque huius modi cetera.

se por si mesmas sem signos: falar, caminhar, sentar, deitar e outras semelhantes.

20. **Adeodatus** - Iam recolo, quid dicas.

20. **Adeodato** - Agora retomo o que dizias.

## X

## X - Segunda proposição<sup>78</sup> - O conhecimento e a linguagem

1. **Augustini** - Omniane tibi videntur, quae interrogati mox agere possumus, sine signo posse monstrari, an aliquid excipis?

1. **Agostinho** – Compreenderias que logo em seguida a sermos interpelados, podemos tudo mostrar sem signos; ou excetuaria algo?

2. **Adeodatus** - Ego vero etiam atque etiam genus hoc totum considerans nihil adhuc invenio, quod sine signo valeat doceri, nisi forte locutionem, et si forte id ipsum quispiam quaerat, quid sit docere. Video enim me, quicquid post eius interrogationem fecero, ut discat, ab ea ipsa re non discere, quam sibi demonstrari cupit; nam si me cessantem, ut dictum est, vel

2. **Adeodato** - Realmente eu tenho considerado todos os gêneros e nada encontrei possível de ensinar sem signo, a não ser, se acaso alguém perguntasse o que seria ensinar com a locução. Compreendo sem dúvidas, que algo feito após a interpelação, exceto pela própria coisa, tanto quanto se deseja não ensinaria; com efeito, se me pedem o que é caminhar estando eu parado,

---

<sup>78</sup> O capítulo X apresenta sua *segunda proposição*: o conhecimento em relação com a linguagem, da qual as palavras não introduzem novas verdades em nossa consciência, apenas nos advertem a buscar a Verdade dentro de nós.

aliud agentem roget quispiam, quid sit ambulare, et ego statim ambulando eum, quod rogavit, sine signo coner docere, unde cavebo, ne id tantum putet esse ambulare, quantum ego ambulavero? Quod si putaverit, decipietur; quisquis enim plus minusve quam ego ambulaverit, hunc ille ambulasse non arbitrabitur. Et quod de hoc uno verbo dixi, transit in omnia, quae sine signo monstrari posse consenseram, praeter duo illa, quae excepimus.

**3. Augustini** - Accipio quidem istuc; sed nonne tibi videtur aliud esse loqui, aliud docere?

**4. Adeodatus** - Videtur sane; nam si esset idem, non doceret quisquam nisi loquens. Cum vero et aliis signis praeter verba multa doceamus, quis de ista differentia dubitaverit?

**5. Augustini** - Quid? docere et significare nihilne inter se an aliquid differunt?

ou fazendo outra coisa, e começando a caminhar, me esforçarei por lhe demonstrar sem signo, cautelosamente ensinando-o, para evitar que ele julgue que caminhar seria apenas percorrer o que andei. Se assim julgar enganar-se-ia, posto que julgue não caminhar aquele que ande mais ou menos o quanto eu tivera feito. O que desta única palavra eu disse, aplica-se a todas que assenti poderem sem signo ser mostradas, exceto as duas que excluimos.

**3. Agostinho** - Admito também isto, mas não compreendes que uma coisa seria falar e outra ensinar?

**4. Adeodato** - Compreendo que dum certo modo sejam; não ensinaríamos alguém a não ser falando. Na verdade, além das palavras, com os signos ensinamos, e quem duvidaria desta diferença?

**5. Agostinho** – Mas o quê? Acaso entre ensinar e significar, não teria alguma diferença?

6.**Adeodatus** - Idem puto esse.

7.**Augustini** - Nonne recte dicit, qui dicit ideo nos significare, ut doceamus?

8.**Adeodatus** - Recte prorsus.

9.**Augustini** - Quid? si dicat alius ideo nos docere, ut significemus, nonne facile superiore sententia refelletur?

10.**Adeodatus** - Ita est.

11.**Augustini** - Si ergo significamus, ut doceamus, non docemus, ut significemus, aliud est docere aliud significare.

12.**Adeodatus** - Verum dicis, nec recte idem esse utrumque respondi.

13.**Augustini** - Nunc illud responde, utrum qui docet, quid sit docere, significando id agat an aliter.

6.**Adeodato** - Creio ser o mesmo.

7.**Agostinho** - Não seria correto quando por tal razão dizemos que significamos para ensinar?

8.**Adeodato** - Bem correto.

9.**Agostinho** - Se alguém dissesse que ensinamos ao significarmos; não o refutaria facilmente face ao que enunciamos acima?

10.**Adeodato** - Assim seria.

11.**Agostinho** - Logo, se significamos quando ensinamos e não ensinamos ao significarmos, ensinar seria diverso de significar.

12.**Adeodato** - Dizes a verdade, acaso não foi correto o que respondi.

13.**Agostinho** - Respondas agora, aquele que ensina o que seria ensinar, o faz significando ou de forma diversa.

14.**Adeodatus** - Non video, quomodo aliter possit

15.**Augustini** - Falsum igitur paulo ante dixisti doceri rem posse sine signis, cum quaeritur, quid sit ipsum docere, quando ne hoc quidem videmus sine significatione agi posse, cum aliud esse significare, aliud docere concesseris. Si enim diversa sunt, sicut apparet, neque hoc nisi per illud ostenditur, non per se utique ostenditur, sicut tibi visum erat. Quam ob rem nihil adhuc inventum est, quod monstrari per se ipsum queat praeter locutionem, quae inter alia se quoque significat; quae tamen cum etiam ipsa signum sit, nondum prorsus extat, quod sine signis doceri posse videatur.

16.**Adeodatus** - Nihil habeo, cur non assentiar.

17.**Augustini** - Confectum est igitur et nihil sine signis doceri et cognitionem ipsam signis, quibus cognoscimus, cariorem nobis esse oportere,

14.**Adeodato** - Não compreendo que de forma outra pudesse.

15.**Agostinho** - Por consequência seria falso o que antes disse, poder ensinar sem signos quando inquirido sobre o que constiui o ensinar, pois compreendemos que sem significação nem isso se possa; como assentiste, uma coisa seria significar, outra ensinar. Se de fato divergem como aparentam, tal que nenhuma se mostre senão pela outra e não por qualquer coisa que se mostre como a ti parece. Assim, nada encontramos que possa se mostrar por si, exceto a locução, que entre outras, significa a si própria; porém dado que também signo ela seja, nada temos que pareça poder sem signos ensinar.

16.**Adeodato** - Nada tenho que possa não aprovar.

17.**Agostinho** – Concluso seria que nada se pode ensinar sem signos, sendo necessário o conhecimento dos próprios signos e, o

quamvis non omnia, quae significantur, possint suis signis esse potiora.

18.**Adeodatus** - Ita videtur

19.**Augustini** - Quanto tandem circuitu res tantilla peracta sit, meministine quae? Nam ex quo inter nos verba iaculamur, quod tam diu fecimus, haec tria ut invenirentur, laboratum est: utrum nihil sine signis possit doceri et utrum sint quaedam signa rebus, quas significant, praeferenda et utrum melior quam signa sit rerum ipsa cognitio. Sed quartum est, quod breviter abs te vellem cognoscere, utrumnam ista inventa sic putes, ut iam de his dubitare non possis.

20.**Adeodatus** - Vellem quidem tantis ambagibus atque anfractibus esset ad certa perventum. Sed et ista rogatio tua nescio quomodo me sollicitat et ab assensione deterret - videris enim mihi non hoc de me fuisse

conhecimento de seu efeito em que carentes somos, embora nem todas as coisas significadas aos próprios signos possam ser preferíveis.

18.**Adeodato** - Assim compreendo.

19.**Agostinho** - Recordas quantas vezes demos para chegar a uma coisa tão acanhada? Desde que nos propusemos a exalar palavras, fazendo-o por longo período, nos esforçamos por investigar três questões: *que nada se possa ensinar sem signos; que existe signo que se deva preferir àquilo que significam; e que o próprio conhecimento seria melhor que os signos*. Mas há uma quarta que gostaria de ouvir, se julgas as questões abordadas não deixarem em ti possibilidades de dúvida.

20.**Adeodato** - Bem quereria que depois de tanto circunlóquio tivéssemos chegado às certezas. Mas, esta tua pergunta não só me inquieta como também me impede de assenti-la; não a perguntarias se dela não

quaesiturus, nisi haberes, quod contradiceres - et ipsa rerum implicatio totum me inspicere ac securum respondere non sinit verentem, ne quid in tantis involucris lateat, quod acies mentis meae lustrare non possit.

### 21. **Augustini** -

Dubitationem tuam non invitus accipio; significat enim animum minime temerarium, quae custodia tranquillitatis est maxima. Nam difficillimum omnino est non perturbari, cum ea, quae prona et procliva adprobatione tenebamus, contrariis disputationibus labefactantur et quasi extorquentur e manibus. Quare, ut aequum est bene consideratis perspectisque rationibus cedere, ita incognita pro cognitis habere periculosum; metus est enim, ne, cum saepe subruuntur, quae firmissime statura et mansura praesumimus, in tantum odium vel timorem rationis incidamus, ut ne ipsi quidem perspicuae veritati fides habenda videatur. Sed age nunc expeditius

tivesses uma refutação; a própria complexidade do assunto seguramente não me permite responder, e temo que em tanto sobrescrito, algo tenha se ocultado não permitindo luz a minha mente.

21. **Agostinho** - Aceito tua dúvida e não de mau grado, porque uma alma destemida revela; e essa seria uma segurança de grande tranquilidade. De fato seria extremamente difícil não ficar perturbado quando aquilo que guardamos em consenso se vê arruinado por discussões adversas, como se retirado de nossas mãos fosse. Diante de, justo ser ceder as razões examinadas, bem fundamentadas, e perigoso seria ter por aceitadas as que nos são desconhecidas; seria de temer que ruindo aquilo que imaginávamos ser duradouro, se permaneça a defendê-lo, e assim nos precipitemos em ódio ou temor a razão, nos parecendo não dever dar crédito nem à verdade evidente. Mas continuemos



retractemus, utrum recte ista dubitanda putaveris; nam quaero abs te, si quisquam ignarus deceptionis avium, quae calamis et visco efficitur, obviam fieret aucupi armis quidem suis instructo, non tamen aucupanti, sed iter agenti, quo viso premeret gradum secumque, ut fit, admirans cogitaret et quaereret, quidnam sibi hominis ille vellet ornatus, auceps autem, cum in se videret adtentum, ostentandi se studio cannas expediret et prope animadversam aliquam aviculam fistula et accipitre figeret, subigeret et caperet, nonne illum spectatorem suum doceret nullo significatu, sed re ipsa, quod ille scire cupiebat?

**22. Adeodatus** - Metuo, ne quid hic tale sit, quale de illo dixi, qui quaerit, quid sit ambulare; neque enim video et hic totum illud aucupium esse monstratum.

agora e examinemos de novo, mais rapidamente, se terias razões em duvidar; imagines alguém que ignorante de armadilhas de varas e visco para pássaros, se deparasse com um caçador armado destes instrumentos, não a caçar, mas caminhando, e tendo-o visto acelerasse seu passo, admirado, pensando consigo mesmo o que poderiam significar aqueles instrumentos. O caçador vendo essa pessoa a contemplá-lo, no desejo de se mostrar, prepara e suspende as varas, e com elas um gavião, agarrando algum pássaro próximo. Não teria ele ensinado ao seu expectador o que desejava saber sem nenhum significado, mas com a própria realidade?

**22. Adeodato** - Receio seja um caso semelhante a aquele que citei, quando alguém pergunta o que seria caminhar; e da mesma forma não vejo se mostrar da caça todo o seu procedimento.

23.**Augustini** - Facile est hac cura te exuere; addo enim, si ille intellegens esset, ut ex hoc, quod vidit, totum illud genus artis agnosceret; satis est namque ad rem et de quibusdam rebus, tametsi non omnibus, et quosdam homines doceri posse sine signo.

24.**Adeodatus** - Hoc etiam ego possum illi addere: Si enim sit bene intellegens, paucis passibus ambulatione monstrata totum, quid sit ambulare, cognoscet.

25.**Augustini** - Facias per me licet nec tantum nihil resisto, verum etiam faveo; vides enim ab utroque nostrum id effici, ut quaedam quidam doceri sine signis queant falsumque illud sit, quod nobis paulo ante videbatur nihil esse omnino, quod sine signis possit ostendi. Iam enim ex his non unum aliquid aut alterum, sed milia rerum animo occurrunt, quae nullo signo dato per se ipsa monstrentur. Quid enim dubitemus, oro te? Nam ut hominum omittam

23.**Agostinho** - Acrescento ser fácil se liberar desta dúvida, pois suponha que essa pessoa seja tão inteligente que compreenda todo o procedimento de caça só pelo que viu, isto seria o suficiente para demonstrar que alguns homens sem signos ensinar possam.

24.**Adeodato** - A isso também posso acrescentar: quem pergunta o que seria caminhar, se for inteligente compreenderá totalmente, após com poucos passos lhe mostrar.

25.**Agostinho** - Autorizo a fazê-lo e em nada me oponho, na verdade ainda sou favorável; compreendes assim, que cada um de nós tendo isto concluído, que sem signos se possa ensinar, seja falso o que há pouco parecia verdade, que nada existiria que pudéssemos mostrar sem signos. Ademais, não seria somente uma ou outra coisa, mas milhares que ocorrem a alma, que sem necessitarem de nenhum signo se mostram por si próprias. Por que

innumerabilia spectacula in omnibus theatri sine signo ipsis rebus exhibentium, solem certe istum lucemque haec omnia perfundentem atque vestientem, lunam et cetera sidera, terras et maria quaeque in his innumerabiliter gignuntur, nonne per se ipsa exhibet atque ostendit deus et natura cernentibus? Quid? quod si diligentius consideremus, fortasse nihil invenies, quod per sua signa discatur. Cum enim mihi signum datur, si nescientem me invenit, cuius rei signum sit, docere me nihil potest, si vero scientem, quid disco per signum? Non enim mihi rem, quam significat, ostendit verbum, cum lego «et sarabala eorum non sunt commutatae». Nam si quaedam capitum tegmina nuncupantur hoc nomine, num ego hoc audito, aut quid sit caput aut quid sint tegmina, didici? Ante ista noveram, neque, cum

então duvidarmos, te pergunto? Colocando de lado os inumeráveis espetáculos em todos os teatros, em que os atores representam as coisas mesmas, sem signos; este sol e mesmo esta luz que inunda tudo, a lua, os astros restantes, a terra e os mares, tudo o que de infinito exista; não seriam por si mesmos que Deus e a natureza os expõem, mostrando a quem os contempla? Se considerarmos cuidadosamente, talvez nada se encontre que por seus signos possa ser apreendido. Se me dado um signo, do qual nada soubesse sobre o que seria a coisa, coisa nenhuma poderia me ensinar; mas se tenho seu conhecimento de verdade; o que aprendo pelo signo? Quando leio as palavras: *as suas sarabalas não foram alteradas*<sup>79</sup>, estas não mostram seus significados. Certos objetos com este nome

---

<sup>79</sup> Agostinho condiciona o significado à visão da coisa. Aqui há uma referência à passagem da Sagrada Escritura: [...] *os sátrapas, os prefeitos, os governadores e os conselheiros do rei, em grupos à volta, verificaram que o fogo não tinha tocado nos corpos desses homens, que nenhum cabelo de suas cabeças tinha sido queimado, que suas vestes não tinham sido estragadas e que eles não traziam nem indício do odor de fogo!* (DANIEL 3.94).

appellarentur ab aliis, sed cum a me viderentur, eorum est mihi facta notitia. Etenim cum primum istae duae syllabae, cum dicimus «caput», aures meas impulerunt, tam nescivi, quid significarent, quam cum primo audirem legeremue sarabalas. Sed cum saepe diceretur «caput», notans atque animadvertens, quando diceretur, repperi vocabulum esse rei, quae mihi iam erat videndo notissima. Quod priusquam repperissem, tantum mihi sonus erat hoc verbum; signum vero esse didici, quando, cuius rei signum esset, inveni, quam quidem, ut dixi, non significatu, sed aspectu didiceram. Ita magis signum re cognita quam signo dato ipsa res discitur. Quod ut apertius intellegas, finge nos nunc primum audire, quod dicitur «caput», et nescientes, utrum vox ista sit tantummodo sonans an aliquid etiam significans, quaerere, quid sit caput - memento nos non rei, quae significatur, sed ipsius signi velle habere notitiam, quae caremus profecto, quamdiu, cuius signum est, ignoramus;

servem para cobrir a cabeça, e por ventura ao ouvi-las, deverei deduzir o que seria cabeça ou o que são coberturas? Já as conhecia, não quando mencionada por outros, assim a noção delas adveio-me, mas ao serem vistas por mim.

Efetivamente, quando estas duas sílabas *ca-put* (cabeça) percutiram em meus ouvidos, desconhecia seu significado, como quando ouvi e li pela primeira vez *sarabalas*. Mas, ouvindo muitas vezes *cabeça*, notando e observando quando pronunciada, descobri que coisa era por já tê-la vista, assim me era conhecidíssima. Antes de isso descobrir, esta palavra era apenas um som; só aprendi que era um signo após descobrir que coisa significava. Deduzi não pelo signo, mas pela ação do olhar. Conhecemos mais sobre o signo através da coisa, do que da própria coisa quando estudada pelo signo. Para que compreendas melhor imagine estarmos pela primeira vez ouvindo o vocábulo *caput*, e ignorando ser apenas um som ou se

si ergo ita quaerentibus res ipsa digito demonstratur, hac conspecta discimus signum, quod audieramus tantum, nondum noveramus. In quo tamen signo cum duo sint, sonus et significatio, sonum certe non per signum percipimus, sed eo ipso aure pulsata, significationem autem re, quae significatur, aspecta. Nam illa intentio digiti significare nihil aliud potest quam illud, in quod intenditur digitus; intentus est autem non in signum, sed in membrum, quod caput vocatur. Itaque per illam neque rem possum nosse, quam noveram, neque signum, in quod intentus digitus non est. Sed de intentione digiti non nimis curo, quia ipsius demonstrationis signum mihi videtur potius quam rerum aliquarum, quae demonstrantur, sicut adverbium, quod «ecce» dicimus; nam et cum hoc adverbio digitum solemus intendere, ne unum demonstrandi signum non sit satis. Et id maxime tibi nitor persuadere, si potero, per ea signa, quae verba appellantur,

significaria algo, e perguntássemos o que seria; recordas não ser da coisa que é significada que queremos o conhecimento, mas sim do signo, e não o possuiremos enquanto ignorarmos de que coisa seria signo. Se quando feita a pergunta, a coisa mesma fosse mostrada com o dedo, ao vê-la aprenderíamos o signo que só o conhecemos pela audição. Assim, havendo dois elementos neste signo, o som e o significado; o som evidentemente não foi percebido pelo signo, mas pela audição reverberada, enquanto o significado tenha sido apreendido pela visão da coisa significada. De fato, o apontar do dedo nada mais pode significar, senão àquilo que o dedo visou. Mas ele não tendeu para o signo e sim para aquela parte do corpo chamada cabeça, esse gesto não me permite conhecer algo que já era conhecido, tampouco seu signo para o qual o dedo não aponta. A isto não muito me importo, seria apenas um ato de demonstrar como quaisquer outros que se

nos nihil discere; potius enim, ut dixi, vim verbi, id est significationem, quae latet in sono, re ipsa, quae significatur, cognita discimus, quam illam tali significatione percipimus. Et quod dixi de capite, hoc etiam de tegminibus deque aliis rebus innumerabilibus dixerim; quas tamen cum iam noverim, sarabaras illas adhuc usque non novi; quas mihi si gestu quispiam significaverit aut pinxerit aut aliquid, cui similes sunt, ostenderit, ne dicam non me docuerit, quod facile obtinerem, si paulo amplius loqui vellem, sed dico id, quod proximum est, non verbis docuerit. Quod si eis forte conspectis, cum simul adero, me admonuerit dicens: «Ecce sarabarae», discam rem, quam nesciebam, non per verba, quae dicta sunt, sed per eius aspectum, per quem factum est, ut etiam nomen illud, quid valeret, nossem ac tenerem. Non enim, cum rem ipsam didici, verbis alienis credidi, sed oculis meis; illis tamen fortasse, ut adtenderem, credidi, id est ut aspectu quaererem, quid viderem.

indiquem como o advérbio *ecce* (eis) que sempre vem acompanhado de uma demonstração gestual, não se bastando apenas esses dois signos para elucidar. Seria isto que me esforço para te persuadir, que nada apreendemos com os signos chamados palavras. Como afirmei a pouco, conhecida a própria coisa significada, aprendemos a força da palavra, ou seja, o significado refletido no som; bem diverso de quando percebemos essa realidade por meio de sua significação. O que eu disse de cabeça, diria também das coberturas e de inúmeras coisas outras. Embora eu conheça coberturas, até agora desconheço as sarabaras, estas, mesmo que alguém as significasse por gestos ou as desenhasse, ou mostrasse algo semelhante, não diria apenas que me ensinou, mas que o fez não com palavras. Se por acaso estivesse a contemplá-las e alguém junto a mim advertisse dizendo: *aqui estão as sarabaras*, estaria apreendendo não por palavras, mas por meio da

visão; e por desta segue que fixei também seu significado pelo próprio nome. Certamente, ao apreender a coisa mesma, não acreditei nas palavras alheias, mas sim nos meus olhos. Talvez nela tenha acreditado para atender-me, ou seja, buscar com a visão aquilo que queria ver.

## XI

Hactenus verba valuerunt, quibus ut plurimum tribuam, admonent tantum, ut quaeramus res, non exhibent, ut novimus. Is me autem aliquid docet, qui vel oculis vel ulli corporis sensui vel ipsi etiam menti praebet ea, quae cognoscere volo. Verbis igitur nisi verba non discimus, immo sonitum strepitumque verborum; nam si ea, quae

## XI - Função pedagógica da linguagem<sup>80</sup>

Até aqui chegamos ao valor das palavras e quero sugerir mais; o que desejamos destas coisas não apresenta novidades. Elas me ensinam porque apresentam algo que desejo conhecer quer aos olhos, quer aos outros sentidos do corpo, ou ainda a própria mente. Portanto, com palavras não dizemos apenas palavras; antes, o som

---

<sup>80</sup> Na última parte **capítulos XI-XIV**, Agostinho faz uma ponderação pedagógica, refletindo sobre a função da linguagem e seu estatuto enquanto humana e mediadora da relação simbólica do mundo real com o mundo espiritual. Embora possa ser acusado de mostrar a incapacidade da linguagem em por si só ensinar, na verdade Agostinho nunca disse isto claramente; o que fez foi não eliminar a possibilidade de, mas sim de complementá-la, adicionando sua íntima ligação com o divino, o que resultou em sua tese da interioridade.

signa non sunt, verba esse non possunt, quamvis iam auditum verbum, nescio tamen verbum esse, donec, quid significet, sciam. Rebus ergo cognitis verborum quoque cognitio perficitur; verbis vero auditis nec verba discutuntur; non enim ea verba, quae novimus, discimus aut, quae non novimus, didicisse nos possumus confiteri, nisi eorum significatione percepta, quae non auditione vocum emissarum, sed rerum significatarum cognitione contingit. Verissima quippe ratio est et verissime dicitur, cum verba proferuntur, aut scire nos, quid significant, aut nescire; si scimus, commemorari potius quam discere; si autem nescimus, nec commemorari quidem, sed fortasse ad quaerendum admoneri. Quod si dixeris tegmina quidem illa capitum, quorum nomen sono tantum tenemus, non nos posse nisi visa cognoscere neque nomen ipsum plenius nisi ipsis cognitis nosse, quod tamen de ipsis pueris accepimus, ut regem ac flammam fide ac religione superaverint, quas laudes deo cecinerint, quos

e o ruído das palavras, que de fato não sendo signos, palavras não poderiam ser; e não saberia também como possa ser palavra aquilo que ouvi mesmo pronunciado com palavras enquanto não lhe conferir um significado. Logo, concludo que realmente ao ressoar uma palavra conhecida, não separo o que ouço do completo conhecimento verdadeiro; com efeito, não podemos declarar que aprendemos com palavras novas, senão após compreender seu significado; estes não vêm da audição dos sons emitidos, mas das coisas significadas. Certamente seria verdadeiro o raciocínio e o dito que, ao proferir palavras, conhecemos ou não o que significam; se as conhecemos, podemos rememorá-las quando ensinados; se não as conhecemos, certamente nem rememorar possamos, mas somos incitados a querer conhecê-las. Quando se diz: dessas coberturas das cabeças, sequer sabemos seu nome completo, e não podemos plenamente



honores ab ipso etiam inimico meruerint, num aliter haec nisi per verba didicimus? Respondebo cuncta, quae illis verbis significata sunt, in nostra notitia iam fuisse. Nam quid sint tres pueri, quid fornax, quid ignis, quid rex, quid denique illaesi ab igne ceteraque omnia, iam tenebam, quae verba illa significant. Ananias vero et Azarias et Misahel tam mihi ignoti sunt quam illae sarabarae, nec ad eos cognoscendos haec me nomina quicquam adiuverunt aut adiuuare iam potuerunt. Haec autem omnia, quae in illa leguntur historia, ita illo tempore facta esse, ut conscripta sunt, credere me potius quam scire confiteor. Neque istam differentiam idem ipsi, quibus credimus, nescierunt; ait enim propheta: «Nisi credideritis, non intellegetis», quod non dixisset profecto, si nihil distare iudicasset. Quod ergo intellego, id etiam credo; at non omne, quod credo, etiam

conhecer senão ao vê-las; ou depois de conhecermos as próprias coisas. Conseguiríamos acolher o que se narra sobre os jovens que com a fé e a religião venceram o rei e as chamas; o mesmo se diria dos hinos de louvor que cantaram a Deus e as honras que mereceram do próprio inimigo? Respondo que sem exceção todas aquelas palavras significadas já nos eram conhecidas. Pois que, seria *uma fomalha, o fogo, um rei, três rapazes ileso ao fogo*, enfim, tudo o mais atingido pelos significados dessas palavras. Na verdade, *Ananias, Azarias e Misabel*<sup>81</sup> eram de mim desconhecidos tanto quanto as sarabalas; mas, conhecer esses nomes em nada pode me ajudar. Todos esses fatos colhidos da história descrevem um fato daquele tempo, no qual mais acredito do que propriamente conheça. Tampouco aqueles em que confiamos o sabem, posto

---

<sup>81</sup> Ananias Azarias Misahel credentes liberati sunt de flamma (I MACHABAEORUM 2. 59).

intellego. Omne autem, quod intellego, scio; non omne, quod credo, scio. Nec ideo nescio, quam sit utile credere etiam multa, quae nescio; cui utilitati hanc quoque adiungo de tribus pueris historiam. Quare pleraque rerum, cum scire non possim, quanta tamen utilitate credantur, scio. De universis autem, quae intellegimus, non loquentem, qui personat foris, sed intus ipsi menti praesidentem consulimus veritatem verbis fortasse, ut consulamus, admoniti. Ille autem, qui consulitur, docet, qui in interiore homine habitare dictus est Christus, id est incommutabilis dei virtus

que assim se refira o profeta: *se não acreditares, não entenderéis*<sup>82</sup>. Ele não diria se julgasse nestas palavras não existir alguma diferença. Por isso *compreendo, e também creio em tudo o que entendo, todavia nem tudo em que creio, entendo*. Assim, ignoraria quão útil seria acreditar em muitas coisas que delas não se tenha o entendimento. Aqui coloco esta narrativa dos três jovens, não podendo saber intelectualmente todos os fatos, todavia sei de quanta utilidade será ao acreditarmos. Da origem de tudo que compreendemos, não falamos da verdade externa, mas daquela

---

<sup>82</sup> [...] et caput Ephraim Samaria et caput Samariae filius Romeliae *si non crederitis non permanebitis* (ISAIAS 7:9). Agostinho com a máxima *credo ut intelligam*, não obstante sinalizar a Adeodato com uma dúvida, estabelece uma dialética entre a fé e o intelecto, como condição primeira para chegar à Verdade, apontando para uma simbiose entre a razão e a fé, tal que estas se permutem no sentido de por uma chegar-se à outra, donde é preciso crer para compreender e compreender para crer, ou seja, crer para que a fé auxilie o intelecto a entender, e entender para que o intelecto encontre a fé. Esta característica autoimplicada, em que claramente *crer* tem prioridade, foi determinante na tradução de *De Magistro*, posto que requisitou interpretações que transitavam entre o real e o possível, o dizível e o indizível, o visível e o invisível. Umberto Eco ao tratar deste trânsito utiliza uma citação de John Scottus Eriugena, para mostrar a interconexão entre o espiritual e o intelectual: *Não há nenhuma coisa visível e corpórea que não signifique algo de incorpóreo e de inteligível*<sup>82</sup> (ERIUGENA in Eco, 1989, p. 80).

atque sempiterna sapientia,  
 quam quidem omnis rationalis  
 anima consulit, sed tantum  
 cuique panditur, quantum  
 capere propter propriam sive  
 malam sive bonam  
 voluntatem potest. Et si  
 quando fallitur, non fit vitio  
 consultae veritatis, ut neque  
 huius, quae foris est, lucis  
 vitium est, quod corporei  
 oculi saepe falluntur, quam  
 lucem de rebus visibilibus  
 consuli fatemur, ut eas nobis,  
 quantum cernere valemus,  
 ostendat.

Verdade que consultamos dentro da própria mente onde a evocamos<sup>83</sup>. Por outro lado, aquele que consulta, ensina que quem habita o homem interior e se mostra pela palavra é *Christus*, esta virtude imutável de Deus, sobretudo uma eterna sapiência, que seguramente seria toda a razão que a alma consulta; mas que se manifesta na medida em que cada um capaz se faz de recebê-la em face de sua própria vontade, boa ou má. E, se, às vezes, se engana não seria pela Verdade consultada, da mesma forma que não pela luz exterior que por vezes o corpo pelos olhos se engana; esta seria a luz a que recorreremos para nos mostrar acerca das coisas

---

<sup>83</sup> Agostinho explica a Adeodato que a Deus se chega e se conhece através da experiência introspectiva. Desta relação inferida, acena com a questão gnosiológica da busca da Verdade pelo homem, que lhe seria intrínseca pela derivação da parte de seu todo e que, por conceito, ali também residiriam o princípio formal da existência. Alguns meses após ter finalizado *De Magistro*, escreveu: “Não procure fora, retorne a você mesmo; a Verdade habita o homem interior; e se você encontrar que sua natureza é inconstante, transcenda a si próprio. Mas, eu mesmo quando me elevo, penso transcender-me a alma. Conduzo-me a aquilo donde a luz mesma da razão ilumina” (*IN DE VERA RELIGIONE Liber I - 39.72*). É pela dialética agostiniana que se dá a condução à Verdade, na locução do *Verbum* com o homem, este um *eu* ocluso em sua *mónada* e encerrado em um cotejo com sua razão; ambos conduzidos pelos sentidos ao Uno.

visíveis, na medida em que somos capazes de distinguir as coisas sensíveis.

## XII

Quod si et de coloribus lucem et de ceteris, quae per corpus sentimus, elementa huius mundi eademque corpora, quae sentimus sensusque ipsos, quibus tamquam interpretibus ad talia noscenda mens utitur, de his autem, quae intelleguntur, interiorem veritatem ratione consulimus, quid dici potest, unde clareat verbis nos aliquid discere praeter ipsum, qui aures percutit sonum? Namque omnia, quae percipimus, aut sensu corporis aut mente percipimus. Illa sensibilia, haec intellegibilia sive, ut more nostrorum auctorum loquar, illa carnalia, haec spiritalia nominamus. De illis cum interrogamur, respondemus, si praesto sunt ea, quae sentimus, velut cum a nobis quaeritur intuentibus lunam novam, qualis aut ubi sit. Hic ille, qui interrogat, si non videt, credit verbis et

## XII - Razão e Verdade interior

Se percebermos as cores pela luz, da mesma forma ocorre por intermédio dos elementos do mundo para as outras coisas das quais sentimos a ação no corpo, tanto pelos próprios sentidos, quando interpretam pela mente tal conhecimento que entendemos ao consultar a razão pela Verdade interior; donde o que se poderia dizer, a não ser aquilo que nos ensina e se manifesta em nós como palavra, exceto por ela própria, um som que reflete nos ouvidos? Aquilo que percebemos com os sentidos do corpo, com a mente o apreendemos. Destes, quer pela sensibilidade, quer pela inteligibilidade, ou ao modo de nossos mestres, nominamos carnis e espirituais. Aos primeiros, em sendo interpelados, se estiverem diante de nós, responderemos o que sentimos; como se

saepe non credit, discit autem nullo modo, nisi et ipse, quod dicitur, videat, ubi iam non verbis, sed rebus ipsis et sensibus discit. Nam verba eadem sonant videnti, quae non videnti etiam sonuerunt. Cum vero non de his, quae coram sentimus, sed de his, quae aliquando sensimus, quaeritur, non iam res ipsas, sed imagines ab eis impressas memoriaeque mandatas loquimur, quae omnino, quomodo vera dicamus, cum falsa intueamur, ignoro, nisi quia non nos ea videre ac sentire, sed vidisse ac sensisse narramus. Ita illas imagines in memoriae penetralibus rerum ante sensarum quaedam documenta gestamus, quae animo contemplantes bona conscientia non mentimur, cum loquimur. Sed nobis sunt ista documenta; is enim, qui audit, si ea sensit atque adfuit, non discit meis verbis, sed recognoscit ablati secum et

perguntassem estando nós a observar a lua nova<sup>84</sup>, qual seria ela ou onde se encontraria. Caso aquele que perguntasse não a visse, acreditaria na palavra ou não, mas como se ensinaria pelos sentidos a não ser que também a visse conforme lhe fora dito. Na verdade, ele não veria pelos sons das palavras, mas sentindo a coisa em si. Quando somos interpelados não sobre as coisas presentes e sim sobre percepções de outrora, não falamos das próprias coisas, mas das imagens impressas em nós e confiadas a nossa memória; das quais tenho dúvidas poder lhes chamar verdadeiras, posto não serem reais; e as ignoraria se delas não tivesse uma prévia visão. Evocando desta forma essas imagens da memória, como ensinamentos outrora sensoriados, não estamos a mentir quando delas falamos.

---

<sup>84</sup> Aqui encontramos um bom exemplo daquilo evidenciado por Arendt, e, que está oculto nas palavras de Agostinho. Sabe-se que a Lua Nova não é visível em nenhum lugar da terra; então, por que falando da luz de *Christus*, o rector não mencionaria visível que pudesse ser sensoriado, como o Sol? Na verdade, utiliza de linguagem subliminar para dizer que o ser humano vive em estado de escuridão, como durante a Lua Nova, mas que pelo intelecto poderá encontrar a Luz.

ipse imaginibus; si autem illa non sensit, quis non eum credere potius verbis quam discere intellectu? Cum vero de his agitur, quae mente conspicimus, id est intellectu atque ratione, ea quidem loquimur, quae praesentia contuemur in illa interiore luce veritatis, qua ipse, qui dicitur homo interior, illustratur et fruitur; sed tum quoque noster auditor, si et ipse illa secreto ac simplici oculo videt, novit, quod dico, sua contemplatione, non verbis meis. Ergo ne hunc quidem doceo vera dicens vera intuentem; docetur enim non verbis meis, sed ipsis rebus deo intus pendente manifestis; itaque de his etiam interrogatus respondere posset. Quid autem absurdius quam eum putare locutione mea doceri, qui posset, antequam loquerer, ea ipse interrogatus exponere? Nam quod saepe contingit, ut interrogatus aliquid neget atque ad id fatendum aliis interrogationibus urgeatur, fit hoc imbecillitate cernentis, qui de re tota illam lucem consulere non potest; quod ut partibus faciat, admonetur,

Mas, aquele que nos ouve, não sensoriando o acontecido não aprende por palavras, mas reconhece mediante as imagens em si; se ele nunca sensoriou, não posso crer que das palavras pelo intelecto aprenda? Quando, pois, se trata das coisas que pela mente compreendemos, ou seja, através do intelecto e da razão, estamos falando em coisas que contemplamos e presentes naquela luz interior da Verdade, que frui do homem interior iluminado; mas, se nosso ouvinte sentí-las por meio dessa visão íntima e pura, saberá do que falo não apenas por minhas palavras. Logo, a verdade dita, a Verdade interior, ensina não com minhas palavras, mas pelo eco da manifestação interior do próprio Deus que pode responder se for interpelado. Nada mais absurdo julgar ser ele ensinado pelas minhas palavras se quando questionado poderia por si próprio responder? Com efeito, quando não se tem a energia para discernir totalmente, ocorre de o

cum de istis partibus interrogatur, quibus illa summa constat, quam totam cernere non valebat. Quo si verbis perducitur eius, qui interrogat, non tamen docentibus verbis, sed eo modo inquiringibus, quo modo est ille, a quo quaeritur, intus discere idoneus. Velut si abs te quaerem hoc ipsum, quod agitur, utrumnam verbis doceri nihil possit, et absurdum tibi primo videretur non valenti totum conspiciere, sic ergo quaerere oportuit, ut tuae sese vires habent ad audiendum illum intus magistrum, ut dicerem: ea, quae me loquente vera esse confiteris, et certus es, et te illa nosse confirmas, unde didicisti?

Responderes fortasse, quod ego docuissem. Tum ego subnecterem: quid? si me hominem volantem vidisse dicerem, itane te certum verba mea redderent, quemadmodum si audires sapientes homines stultis esse meliores? Negares profecto et responderes illud te non credere aut, etiamsi crederes, ignorare, hoc autem certissime scire. Ex hoc iam

interpelado negar algo para depois, estimulado por etapas por novas questões, acabará por concordar; isto se deve a debilidade de quem contempla as coisas, mas não pode consultar a luz, sem interpelações que constatem a Verdade. Se a esta só chegar pelas palavras de quem o interpela, não foram as palavras a lhe ensinar; mas apenas o tornaram lúcido para aprender de seu interior. Por exemplo, se te interpelando sobre este assunto que estamos tratando, que nada possa se ensinar com palavras, e a ti inicialmente parecesse absurdo, dado não poder ver com firmeza o todo, quererias consultar aquele Mestre interior; e se eu dissesse: *onde aprendeste ser verdadeiro o que afirmei - se estarias correto ao garantir conhecer o que afirmo?* Poderias responder que eu as ensinei. Então eu acrescentaria: *que tinha visto um homem a voar*; e minhas palavras também o deixariam certo tanto quanto eu dissesse que os homens sapientes são melhores que os nescientes? Negarias com

nimirum intellegeres neque in illo, quod me affirmante ignorares, neque in hoc, quod optime scires, aliquid te didicisse verbis meis, quandoquidem etiam interrogatus de singulis et illud ignotum et hoc tibi notum esse iurares. Tum vero totum illud, quod negaveras, fatereris, cum haec, ex quibus constat, clara et certa esse cognosceres, omnia scilicet, quae loquimur, aut ignorare auditorem, utrum vera sint, aut falsa esse non ignorare aut scire vera esse.

Horum trium in primo aut credere aut opinari aut dubitare, in secundo adversari atque renuere, in tertio attestari, nusquam igitur discere, quia et ille, qui post verba nostra rem nescit, et qui se falsa novit audisse, et qui posset interrogatus eadem respondere, quae dicta sunt, nihil verbis didicisse convincitur.

certeza, respondendo não crer na primeira destas afirmações; mesmo que acreditasses, ela seria para ti desconhecida, porém da segunda estarias certo de saber. Entenderias que nada aprendeste com elas, e mesmo tendo eu afirmado, as ignoraria, até aquilo que lhe seria conhecido, visto que ao ser interpelado sobre as partes, juraria aquela desconhecer e da outra ter conhecimento. Assim, admitirias o que antes negou quando reconheceste como claras e certas as partes em que constam: *o ouvinte ignora que sejam verdadeiras, ou não ignora que sejam falsas, ou sabe serem verdadeiras*. Destas à primeira, se cre ou se opina ou se duvida; da segunda, se nega; da terceira, se confirma; mas em nenhuma se aprende. Assim está demonstrado que nem aquele que depois das palavras ignora o assunto, tampouco aquele que as reconhece como falsas, depois de ter ouvido, após interpelado poderia responder coisas semelhantes, demonstrando



que por minhas palavras nada aprendera.

### XIII

Quam ob rem in his etiam, quae mente cernuntur, frustra cernentis loquelas audit, quisquis ea cernere non potest, nisi quia talia, quamdiu ignorantur, utile est credere. Quisquis autem cernere potest, intus est discipulus veritatis, foris iudex loquentis vel potius ipsius locutionis; nam plerumque scit illa, quae dicta sunt, eo ipso nesciente, qui dixit; velut si quisquam Epicureis credens et mortalem animam putans eas rationes, quae de immortalitate eius a prudentioribus tractatae sunt, eloquatur illo audiente, qui spiritalia contueri potest, iudicat iste vera eum docere. At ille, qui dicit, utrum vera dicat, ignorat, immo etiam falsissima existimat; num igitur putandus est ea docere,

### XIII – Os signos que na mente possuímos

Assim as coisas que são intuídas pela mente iludem o reconhecimento da linguagem audita, e tal se ignore por tanto tempo, a não ser porque útil seria crer. Aquele que pode intuí-la interiormente da Verdade discípulo se faz, e exteriormente de quem fala juiz se torna, ou de suas próprias palavras, conquanto ele próprio aquilo que falou desconheça, como no caso que alguém que julgasse ter sido ensinado pela verdade e acreditando na mortabilidade da alma da doutrina de *Epicuro*<sup>85</sup>, expusesse suas razões na presença de quem intui coisas espirituais, em uma discussão elaborada por sábios sobre a imortabilidade. Porém, aquele que falou, ao contrário, se disse a verdade

<sup>85</sup> Segundo Russ (1994), a filosofia epicurista defendia o prazer como o princípio para se alcançar a felicidade e a filosofia como um instrumento de libertação para o homem. Gerou, a sua época, inúmeras polêmicas, entrando em choque direto com a filosofia fundada no cristianismo, e, principalmente, com os conceitos morais de Agostinho.

quae nescit? Atqui isdem verbis utitur, quibus uti etiam sciens posset.

Quare iam ne hoc quidem relinquatur verbis, ut his saltem loquentis animus indicetur, si quidem incertum est, utrum ea, quae loquitur, sciat. Adde mentientes atque fallentes, per quos facile intellegas non modo non aperiri, verum etiam occultari animum verbis. Nam nullo modo ambigo id conari verba veracium et id quodam modo profiteri, ut animus loquentis appareat, quod obtinerent omnibus concedentibus, si loqui mentientibus non liceret. Quamquam saepe experti fuerimus et in nobis et in aliis non earum rerum, quae cogitantur, verba proferri, quod duobus modis posse accidere video, cum aut sermo memoriae mandatus et saepe decursus alia cogitantis ore funditur, quod nobis cum hymnum canimus, saepe contingit, aut cum alia pro aliis verba praeter voluntatem nostram linguae ipsius errore prosiliunt; nam hic quoque non earum rerum signa, quas in animo habemus, audiuntur. Nam mentientes quidem

ou não, até a falsidade do pensamento ignorou, crendo ensinar o que desconhece? Contudo capaz seria de das mesmas palavras uso fazer, como faria se possuidor de conhecimento fosse. Por isso, sequer pela verdade das palavras não sucumbir, se porventura é incerto que conhece aquilo que fala no mínimo a alma do falante desvenda. Acrescente aqueles que mentem e enganam e facilmente entenderás que os homens não só não se revelam, quanto, em verdade com as palavras até sua alma ocultam. De forma alguma contesto que existam homens corretos que pela palavra seu íntimo manifeste, e assim todos seriam se permitido aos mentirosos falarem não fosse.

Entretanto, por vezes, vemos tanto em nós quanto em outros, palavras proferidas que chegam de duas formas: conversas decoradas que da boca jorram e, aqueles que falam, mas noutra coisa pensam, o que acontece frequentemente quando cantamos um hino, ou quando contra a vontade

cogitant etiam de his rebus, quas loquuntur, ut, tametsi nesciamus, an verum dicant, sciamus tamen eos in animo habere, quod dicunt, si non eis aliquid duorum, quae dixi, accidat; quae si quis et interdum accidere contendit et, cum accidit, apparere, quamquam saepe occultum est et saepe me fefellit audientem, non resisto tamen. Sed his accedit aliud genus sane late patens et semen innumerabilium dissensionum atque certaminum, cum ille, qui loquitur, eadem quidem significat, quae cogitat, sed plerumque tantum sibi et aliis quibusdam, ei vero, cui loquitur, et item aliis nonnullis non idem significat. Dixerit enim aliquis audientibus nobis ab aliquibus beluis hominem virtute superari; nos ilico ferre non possumus, et hanc tam falsam pestiferamque sententiam magna intentione refellimus, cum ille fortasse virtutem vires corporis vocet et hoc nomine id, quod cogitavit, enuntiet; nec mentiatur nec errat in rebus nec aliud aliquid volens animo mandata memoriae verba contextit nec

lançamos palavras em lugar de outras por um lapso da própria linguagem, não sendo ouvidos os signos das coisas que na mente possuímos. Os mentirosos, sem dúvida, pensam realmente no que dizem, muito embora não saibamos se falam a verdade, sabemos, todavia que eles têm em mente o que dizem, a não ser que se dê com eles um dos dois casos acima e, quando se impede que ocorra são contidos, mas evidente ainda que no mais das vezes oculto permaneça; quando ocorre não contradigo porque também enganado poderei estar. Acrescento a isto outra circunstância frequente, que inúmeras distensões e disputas origina: quando quem fala significa exatamente o que pensa apenas para si e alguns, mas não a aquele com quem está a falar. Se alguém dissesse, e nós estando a ouvir, que o homem é superado em valor por alguns animais, não concordaríamos imediatamente e energicamente o refutaríamos tão falsa e desastrosa fosse essa afirmação; mas talvez

linguae lapsu aliud, quam volebat, sonat, sed tantummodo rem, quam cogitat, alio quam nos nomine appellat, de qua illi statim assentiremur, si eius cogitationem possemus inspicere, quam verbis iam prolatis explicataque sententia sua nondum nobis pandere valuit. Huic errori definitiones mederi posse dicuntur, ut in hac quaestione, si definiret, quid sit virtus, eluceret, aiunt, non de re, sed de verbo esse controversiam; quod ut concedam, quotusquisque bonus definitor inveniri potest! Et tamen adversus disciplinam definiendi multa disputata sunt, quae neque hoc loco tractare opportunum est nec usquequaque a me probantur.

Omitto, quod multa non bene audimus et quasi de auditis diu multumque contendimus, velut tu nuper verbo quodam Punico, cum ego misericordiam dixissem, pietatem significari te audisse dicebas ab eis, quibus haec lingua magis nota esset. Ego autem resistens, quid acceperis, tibi omnino excidisse asserebam; visus

este interlocutor assim procedesse para falar da força do corpo, assim enunciou o que pensava; não mentiu, tampouco enganou; não ocultou o que estava na memória; precipitado cometeu um lapso linguístico emitindo um outro som a aquilo que desejava, apenas denominou de forma diversa, porquanto não explicou com palavras verbalizadas o que afirmava, com o que teríamos de imediato concordado se pudéssemos seu pensamento assentir. Dizem que tal erro poderia remediado ser, se numa questão destas definido ficasse o que seria valor e não a realidade, clarificando que a questão não entorna a coisa senão a palavra, mas mesmo isto assentindo, quão poucos bons definidores poder-se-á encontrar? No entanto muito se tem discutido sobre a arte da definição, o que não seria oportuno aqui estar tratando e nem eu aprovaria. Deixo ao lado que muitas palavras possam não ser adequadamente ouvidas, sobre elas muito discutimos como há pouco, quando disse misericórdia usando

enim mihi eras non pietatem dixisse, sed fidem, cum et coniunctissimus mihi assideres et nullo modo haec duo nomina similitudine soni aurem decipiant. Diu te tamen arbitratus sum nescire, quid tibi dictum sit, cum ego nescirem, quid dixeris; nam si te bene audissem, nequaquam mihi videretur absurdum pietatem et misericordiam uno vocabulo Punice nominari. Haec plerumque accidunt. Sed ea, ut dixi, omittamus, ne calumniam verbis et audiendi negligentia vel etiam de surditate hominum videar commovere. Illa magis angunt, quae superius enumeravi, ubi verbis liquidissime aure perceptis et Latinis non valemus, cum eiusdem linguae simus, loquentium cogitata cognoscere. Sed ecce iam remitto atque concedo, cum verba eius auditu, cui nota sunt, accepta fuerint, posse illi esse notum de his rebus, quas

uma palavra *púnica*<sup>86</sup>; afirmou tê-la ouvido daqueles que bem conhece a língua, significando piedade. Eu, por outro lado me opunha afirmando teres esquecido totalmente o que aprenderas, parecia-me teres dito não piedade, mas *fé*; estávamos bem próximos, assim estas duas palavras jamais iludiriam nossos ouvidos pela semelhança de sons. Por pouco tempo pensei que ignorasses aquilo que te haviam dito, enquanto eu ignorava o que dizias; se tivesse ouvido bem, de modo nenhum julgaria absurdo que piedade e misericórdia fossem nominadas na língua púnica por um único vocábulo. Às vezes isto acontece. Mas, como disse, deixemos isto e não caluniemos as palavras pela negligência do ouvinte ou se queres ainda, não nos lamentemos pela surdez dos homens. Seria mais grave

---

<sup>86</sup> Tanto se considere que Agostinho, preocupado com a divulgação da mensagem cristã, escreveu *De Catechizandis Rudibus* (399/400), dedicado à instrução de cristãos analfabetos. Agostinho fazia uma exceção ao *sermo eruditus* quando por necessidade de comunicação, utilizava outra modalidade de oratória, a *lingua púnica* ou *cartaginês* do baixo-latim e de Tagaste, sua cidade natal.

significant, loquentem cogitavisse; num ideo etiam, quod nunc quaeritur, utrum vera dixerit, discit?

aquilo que enumerei acima, em língua latina, claramente audível de que não conseguimos conhecer nem sequer o pensamento de quem fala, sendo nós da mesma língua. Mas deixo isto ao lado, por assentir que ao ouvir palavras de quem as conheça, evidente fica se quem as proferiu pensou no significado ao conceber sua locução. Porventura agora tratamos do que ensinado seria quando o outro a verdade profere?

#### XIV

Num hoc magistri profitentur, ut cogitata eorum ac non ipsae disciplinae, quas loquendo se tradere putant, percipiantur atque teneantur? Nam quis tam stulte curiosus est, qui filium suum mittat in scholam, ut, quid magister cogitet, discat? At istas omnes disciplinas, quas se docere profitentur, ipsiusque virtutis atque sapientiae cum verbis

#### XIV – Crítica aos professores

Acaso os professores confessam publicamente que se compreenda o conhecimento que concebem e não a própria ciência que ao falar transmitem? Na verdade quem diligente insensato seria, a ponto de enviar seu filho à escola para que aprenda o que pensa o professor?<sup>87</sup> Portanto, após

---

<sup>87</sup> Ao justificar que os alunos não vão à escola para saber o pensamento do professor, porque estes não são transmissores da verdade, mais uma vez aproximou-se da maiêutica de Sócrates, que afirmava só saber que nada sabia; questionando seus interlocutores para por si descobrirem as verdades. Isto o

explicaverint, tum illi, qui discipuli vocantur, utrum vera dicta sint, apud semet ipsos considerant interiorem scilicet illam veritatem pro viribus intuentes. Tunc ergo discutunt, et cum vera dicta esse intus invenerunt, laudant nescientes non se doctores potius laudare quam doctos, si tamen et illi, quod loquuntur, sciunt. Falluntur autem homines, ut eos, qui non sunt, magistros vocent, quia plerumque inter tempus locutionis et tempus cognitionis nulla mora interponitur, et quoniam post admonitionem sermocinantis cito intus discutunt, foris se ab

terem ensinado com palavras todas as ciências que professam, incluindo as concernentes a virtude e a sapiência<sup>88</sup>, os que são discípulos julgarão por si se o dito consiste verdadeiro, na medida de suas capacidades em contemplar aquela Verdade interior que falamos. Então, logo que ensinados, sendo encontrada internamente a Verdade dita, louvar os sábios como conhecedores não podem, ainda que quando falaram, o sabiam. Os homens se equivocam ao chamarem mestres a aqueles que não o são, geralmente porque

---

leveu a uma crítica direta à ideia de aprender com o professor, a qual mais tarde, explicou que retratava a própria experiência: “[...] tanto um retórico cartaginense, meu professor, quantos outros arrogantes que se tinham por doutos, narraram obscuramente e se exaltaram de soberba, e a ineptidão me deixava aéreo à espera de algo divino. Quando com outros prestava atenção, estes se diziam com dificuldades; os eruditíssimos mestres não explicavam muito, e mesmo que ao descrever indicassem com inumeráveis desenhos na areia, todavia não mais ensinaram o que já eu não tivesse aprendido ao ler sozinho” (*in* CONFESSIIONUM LIBRI IV – XVI.28). Agostinho ao tratar da relação entre professor e aluno reconhece a defasagem entre a linguagem e o pensamento; assim definiu que nada aprendemos pelas palavras, tampouco com os professores, e, que o verdadeiro conhecimento só é encontrado no Mestre que habita o homem interior.

<sup>88</sup> Em toda a tradução e ao longo desta dissertação considereei a palavra latina *sapientiae*, como sapiência e não como sabedoria que seria literalmente adequada, mas que, no caso de Agostinho, não refletiria aquela pregnância a qual ele se refere ao retratar a Sapiência de Deus.

eo, qui admonuit, didicisse arbitrantur. Sed de tota utilitate verborum, quae, si bene consideretur, non parva est, alias, si deus siverit, requiremus. Nunc enim ne plus eis, quam oportet, tribueremus, admonui te, ut iam non crederemus tantum, sed etiam intellegere inciperemus, quam vere scriptum sit auctoritate divina, ne nobis quemquam magistrum dicamus in terris, quod unus omnium magister in caelis sit. Quid sit autem in caelis, docebit ipse, a quo etiam per homines signis admonemur foris, ut ad eum intro conversi erudiamur, quem diligere ac nosse beata vita est, quam se omnes clamant quaerere, pauci autem sunt, qui eam vere se invenisse laentur. Sed iam mihi dicas velim, quid de hoc toto meo sermone sentias. Si enim vera esse, quae dicta

nenhum intervalo se interpõe entre o tempo da locução e do conhecimento; tais discípulos se autoensinam de seu interior e após a menção daquele que fala, julgam tê-lo do exterior aprendido. Mas, a toda utilidade das palavras, que consideramos parca não ser, oportunamente buscaremos, se Deus permitir. Porquanto, recomendo não atribuas maior importância que a justa, e em tal não apenas se creia, mas se comece também a compreender o quão de verdade descreve, posto esteja escrito que não chamemos a mais ninguém de Mestre na terra, porque o único encontra-se nos céus. O significado de nos céus<sup>89</sup>, Ele mesmo ensinará, como também por meio de signos advertirá exteriormente<sup>90</sup> os homens para que a ele retorne a partir de sua vida

<sup>89</sup> Agostinho está se referindo a um pensamento estóico, que afirmava ser o universo a Cidade de Deus e, que mais tarde originou uma de suas maiores obras a que denominou *De Civitate Dei* LIBRI XXII (413 – 426)

<sup>90</sup> A expressão: *foris admonet, intus docet* (DE LIBERO ARBITRIO II,14:38), indica que o exterior apresenta algo à consciência, mas o apreender só se dá a partir do conhecer o que habita esse interior.



sunt, nosti, etiam de singulis sententiis interrogatus ea te scire dixisses. Vides ergo, a quo ista didiceris; neque enim a me, cui roganti omnia responderes. Si autem vera esse non nosti, nec ego nec ille te docuit; sed ego, quia numquam possum docere, ille, quia tu adhuc non potes discere.

**1. Adeodatus** - Ego vero didici admonitione verborum tuorum nihil aliud verbis quam admoneri hominem, ut discat, et perparum esse, quod per locutionem aliquanta cogitatio loquentis apparet; utrum autem vera dicantur, eum docere solum, qui se intus habitare, cum foris loqueretur, admonuit, quem iam favente ipso tanto

interior<sup>91</sup>, e nos ensinará a vida venturosa, aquela que todos proclamam desejar e que poucos podem verdadeiramente alegrar-se de tê-la encontrado. Compreendes agora o que falei; não poder responder a tudo aquilo que interpelas; ainda que, por outro lado em não sabendo a verdade, por ora, nem eu nem Ele te ensinaremos, mas eu porque jamais poderei ensinar, e Ele porque tu ainda não conseguirias aprender.

**1. Adeodato** - A mim, alertado por tuas palavras, aprendi que estas não servem a não ser para advertir o homem a aprender e, que a palavra refletida no pensamento do outro que fala seria de pouquíssimo conhecimento; só sou instruído por Aquele que me habita internamente, e que muito me favorecendo já me

---

<sup>91</sup> Ele habita todos e por todos é estimado, está completamente próximo e é completamente eterno; não está em nenhum local, no entanto nunca está ausente; *adverte-nos do exterior e ensina-nos interiormente*; na alteração distingue inteiramente tudo de melhor. Por isso em nós, originados como simples concededores, ele manifesta o melhor; não a partir de si mesmo, mas pelo mesmo a partir de outros julgamentos, dos quais não é possível duvidar<sup>91</sup> (*in DE LIBERO ARBITRIO LIBRI III – II.14.38*).

ardentius diligam, quanto ero  
in discendo provectior.  
Verumtamen huic orationi  
tuae, qua perpetua usus es, ob  
hoc habeo maxime gratiam,  
quod omnia, quae  
contradicere paratus eram,  
praeoccupavit atque dissolvit,  
nihilque omnino abs te  
derelictum est, quod me  
dubium faciebat, de quo non  
ita mihi responderet secretum  
illud oraculum, ut tuis verbis  
asserebatur.

adverte; o qual ardentemente  
estimo e de quem quero  
aproveitar para aprender.  
Contudo, por tua exposição,  
de eterna utilidade, tenho a  
máxima gratidão, por a mim  
proporcionar tudo isso, ao se  
preocupar com disposição  
em todas as minhas dúvidas  
dissolver, e com a segurança  
de tuas palavras nada ficando  
em abandono restou, como  
um oráculo secreto teria  
feito, tudo respondestes com  
exata prontidão.

## Epílogo

Nesta pesquisa, na apreciação do fenômeno agostiniano me vi em permanente confronto entre a racionalidade cartesiana e a experiência fenomenológica da vida intensamente vivida por Santo Agostinho. Não me eximi de deixar claro o pensamento que norteava minha tradução, bem como não deixei de expor as contribuições de teóricos que serviram de lastro para minhas opiniões a respeito da obra de Agostinho e, especificamente para o *De Magistro*. Igualmente procurei não perder de vista a referência existente na contracapa do livro de Hannah Arendt, que afirmou ser seu principal objetivo: *tornar explícito aquilo que Santo Agostinho apenas diz implicitamente*.

*De Magistro* retrata um diálogo entre pai e filho, mas não é a conversa mesma, posto que se a refletisse apresentaria a espontaneidade típica desta ação. Muito mais, em *De Magistro* o que se apresenta é o *enarratio* e o *explanatio*, fundado numa retórica de sentido em constante estado dialético e subliminar, entre forças antagônicas: o bem e o mal, a verdade e o falso, os cristãos e os hereges, tudo expresso dentro de um quadro alegórico, que requisitou uma tradução acautelada para que dela dúvidas não suscitasse. Ao longo da tradução identifiquei que a obra em si não responderia a todas as imprecisões surgidas, destarte, procurei respostas intertextuais em outras obras de Agostinho, na *Vulgata* e no *Fedon*, as quais serviram de elementos de recorrência e deram sustentação a esta pesquisa.

A visão hermenêutica incidente nesta dissertação assumiu uma abordagem linguística singular ante a perspectiva de traduzir em *De Magistro*, não só as palavras dos interlocutores em sua estrutura fônica e semântica, mas principalmente, o pensamento de Agostinho, refletido em vocábulos com a

peculiar eloquência latina, que ajuíza as influências do signo e seus significados na linguagem semiótico-agostiniana de seu tempo e espaço.

Em *De Magistro* a autoimplicação da *fé* na palavra Deus designando a Verdade, enquanto absoluta, foi condicionante e não permitiu a busca por sentidos outros que não o implicado na Sagrada Escritura. Contudo, clarificar se faz necessário, que em nenhum momento da obra, Agostinho coloca a Verdade como uma representação que manifeste uma relação direta do signo com o significado. Tratando especialmente desta, podemos dizer que no texto ela é suprasemiótica e, como tal, seu sentido sempre foi considerado autoimplicado. Igualmente foi que, em face do afastamento temporal da textura social do *prae-medioevo*, a tradução teve como uma primeira intenção aproximar o leitor do autor, para que aquele pudesse, através de *De Magistro*, vivenciar a experiência agostiniana que prima pelo sensoriar Deus no íntimo.

*De Magistro* se apresentou à tradução em um desafio de extrema elegância, proporcionando-me o prazer de estar sincronizado com a obra, com o autor e seu contexto social, traduzindo ao mesmo tempo em que apreendia e refletia sobre a concepção pedagógica agostiniana.

Me permiti nesta tradução e assim poderão julgar, um desvairo sonhado de uma paixão de infância, que surgiu com a leitura dos Sermões do padre Antonio Vieira, apontado por Fernando Pessoa como o "Imperador da Língua Portuguesa". Que invidía tinha eu de sua barroca retórica! Cultivada até hoje, me levou nesta tradução à insolência de em seu horizonte abeirar, com uma indigente redação barroca. Mas, que prazer senti ao nela me aventurar!

Afianço distante me passou além à ideia, não ser mais que um artificioso tradutor incapaz de exaurir todo universo agostiniano, alertado estava por Leszek Kolakowski, notável filósofo que ousa delinear os contornos do Absoluto e, que, ao deparar o teólogo holandês Cornélio Jansen (1585-1638), dele predicou: “[...] antes de escrever sua grande obra *O Augustini*, se

---

viu obrigado a ler sua obra completa dez vezes e aquelas em que o santo versa sobre a graça, trinta vezes” (*in* KOLAKOWSKI, 1988, p.107).

**Antonio A. Minghetti**

# Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios**. Trad. de Antonio A. Minghetti. São Paulo: Ed. Scala, 2006.

ARENDT, Hannah. **O Conceito de Amor em St. Agostinho**. Trad. de Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Ed. do Inst. Piaget, 2000.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada – Do Império Romano ao ano mil**. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 2004.

BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução – Fundamentos de uma disciplina**. Trad. de Vivina de C. Figueiredo. Lisboa: Ed. Fund. Calouste Gulbenkian, 2003.

BÍBLIA SAGRADA – Tradução dos originais mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous – Bélgica – Centro Bíblico Católico 23ª Ed. – revisão do Frei João José Pedreira de Castro. Editora AVE MARIA – São Paulo, 1976.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **O problema do mal na Polêmica Antimaniquéia de Santo Agostinho**. Porto Alegre, EDIPUCRS – Coleção Filosofia 139, 2002.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. Trad. de Antônio de Pádua Danesi e Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

\_\_\_\_\_. **Arte e Beleza na Estética Medieval**. Trad. de Mario Sabino Filho. São Paulo: Ed. Globo, 1989.

\_\_\_\_\_. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. Trad. de Maria Rosaria Fabris e José Luiz Fiorin. São Paulo: Ática, 1991.

FURLAN, Oswaldo A. **das letras latinas às luso-brasileiras**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984.

GOSPELCOMMUNICATIONS – **Vulgata** - Disponível em: <[http://www. BibleGateway.com](http://www.BibleGateway.com)>. Acesso em 10 de agosto de 2007.

HAAG, H.; BORN, A. van den; AUSEJO, S. de. **Dicionário de La Biblia**. Barcelona: Ed. Herder, 1966.

HARSCH, Ulrich. **De Magistro** – BIBLIOTHECA AUGUSTANA - Fachhochschule Augsburg – University of Applied Sciences Disponível em: <<http://www.fh-augsburg.de/~harsch/harsch/index.html>>. Acesso em 1º de julho de 2007.

HEINZ-MOHR, Gerd. **Dicionário dos Símbolos – Imagens e sinais da arte cristã**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Ed. Paulus, 1994.

KOLAKOWSKI, Leszek. **Horror Metafísico**. Trad. de Aglaia D. P. Coutinho Castro. São Paulo: Ed. Papyrus, 1988.

---

Le GOFF, Jacques. **Para um Novo Conceito de Idade Média.** Trad. de Maria Helena da Costa Dias. Lisboa: Ed. Estampa, 1980.

PETERSON, M. Allen. **Introdução à Filosofia Medieval.** Fortaleza: Ed. UFC, 1981.

PLATÃO. **Fédon ou da Alma.** Trad. de Márcio Pugliesi e Edson Bini da USP. São Paulo: Ed. Hemus, 1981.

\_\_\_\_\_. **Diálogos – A República.** Trad. de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, 1971.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de Filosofia.** Trad. de Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. Scipione, 1994.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino Português.** Ed. Gráficos Reunidos. Porto, 2ª ed. 1942.

VÄÄNÄNEN, Veikko. **Introducción AL Latín Vulgar.** Trad. de Sánchez Pacheco. Madrid: Ed. Gredos, 1968.